UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – MESTRADO

HELOISA HERINGER FREITAS

EXPERIÊNCIAS DE LAZER E JOVENS UNIVERSITÁRIOS: CONSUMO DE ÁLCOOL E VIVÊNCIAS NOTURNAS

Linha de Pesquisa: Estudos históricos e socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer

VITÓRIA

2019

HELOISA HERINGER FREITAS

EXPERIÊNCIAS DE LAZER E JOVENS UNIVERSITÁRIOS: CONSUMO DE ÁLCOOL E VIVÊNCIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.ª Drª Liana Abrão Romera
Coorientadora: Prof.ª Drª Susana Henriques

VITÓRIA
2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Freitas, Heloisa, 1991-
F862e Experiências de lazer e jovens universitários : Consumo de álcool e vivências noturnas / Heloisa Freitas. - 2019.
132 f. : il.

Orientadora: Liana Romera.
Coorientadora: Susana Henriques.
Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Lazer. 2. Jovens. 3. Estudantes universitários. 4. Jovens - Uso de drogas. 5. Álcool. I. Romera, Liana. II. Henriques, Susana. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. IV. Título.

CDU: 796

HELOISA HERINGER FREITAS

EXPERIÊNCIAS DE LAZER E JOVENS UNIVERSITÁRIOS: CONSUMO DE ÁLCOOL E VIVÊNCIAS DE LAZER

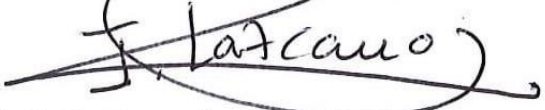
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial a obtenção de grau de Mestre.
Orientadora: Prof.ª Drª Liana Abrão Romera
Coorientadora: Prof.ª Drª Susana Alexandra Henriques

Aprovada em 28 de junho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Liana Abrão Romera (Orientadora)
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Raul Aragão Martins
Universidade Estadual Paulista



Profª. Drª. Idurre Lazcano Quintana
Universidad de Deusto

Profª. Drª. Susana Alexandra Henriques
Universidade Aberta e CIES-IUL

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos vão para todos aqueles que de alguma maneira fizeram parte da conclusão de mais uma etapa importante da minha vida.

Primeiro, agradeço imensamente à minha família, por todo apoio e carinho incontestáveis nos momentos mais árduos desse período de estudos. Ao meu pai, Hermon, e à minha mãe, Sabrina, que com suas histórias de vida e trabalho duro me deram a oportunidade de uma educação de qualidade. Ao Heitor, meu fiel irmão, agradeço pelas horas dedicadas a conselhos e pela paciência nesses últimos meses.

Agradeço às professoras que me orientaram nesta dissertação. A Liana, pela confiança depositada ao longo desses anos de trajetória acadêmica, pelas orientações precisas e pelo carinho em todos os momentos que mais precisei. A Susana, pelos apontamentos e observações instigantes durante a pesquisa, pela troca de informações tão rica entre países e pela confiança ao assumir este desafio conosco.

Agradeço aos membros do grupo de estudos Andaluz, pelo apoio e discussões valiosas que muito auxiliaram na concretização do trabalho. E aos meus amigos, por entenderem meus momentos de ausência e pelos conselhos nas horas mais difíceis ao longo desses dois anos.

Aos professores dos cursos de graduação e pós-graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), agradeço pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos. A Vitor Vasquez e Raul Aragão Martins, por toda ajuda na fase de análise de dados da pesquisa. A Idurre e Aurora, investigadoras da Universidade de Deusto, por disponibilizarem o instrumento de coleta de dados, e ao Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), por disponibilizar recursos estatísticos para o estudo.

Agradeço por fim à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa durante todo o período de realização deste mestrado.

RESUMO

Em um cenário de valorização e de diversas possibilidades de vivências de lazer, investigar os modos com que as juventudes experienciam o lazer pode contribuir para compreender os sentidos dados a essas experiências, bem como as realidades heterogêneas das próprias juventudes. Assim, esta investigação objetivou conhecer as vivências de lazer do público jovem universitário do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Para tanto, a pesquisa se divide em três partes principais: a primeira, que trata das práticas de lazer referentes às preferências, vontades e barreiras que impossibilitam a concretização das vivências de lazer do público investigado; a segunda, que versa sobre o lazer noturno, as expectativas e os itinerários de lazer desses jovens na noite; e a terceira, que observa os usos de drogas lícitas e ilícitas envolvidos nesse contexto. A investigação é uma pesquisa de abordagem quantitativa descritiva com aplicação de questionário *online* para coleta de dados de uma população de 217 graduandos (41,5% mulheres e 58,5% homens). Foram realizados intercruzamentos por meio do pacote estatístico IBM SPSS relacionando preferências, vontades, tempos disponíveis e recursos de lazer dos jovens universitários, bem como as questões que envolvem o lazer noturno e o consumo recreativo de drogas entre essas juventudes. As vivências de lazer dessa população se fazem mediante um amplo repertório, evidenciando a procura por experiências de socialização, físico-esportivas e de descanso da rotina da vida. Identificamos que as vivências que compõem interesses turísticos, intelectuais e artísticos (com exceção do cinema) configuram os anseios de lazer entre essas jovens expressões, principalmente pela falta de tempo ou de recurso financeiro para sua realização. A pesquisa apontou também que os cenários de lazer noturno, em especial nos fins de semana, apresentam um momento de ruptura com a vida corriqueira promovendo a socialização perante uma diversidade de itinerários de lazer, sendo também, para uma parcela da população pesquisada, contextos de usos de drogas. Entre os homens e mulheres investigados, 63,6% afirmaram consumir bebidas alcoólicas na noite, e 49% da população bebedora apresentou padrão *binge drinking*, modalidade que aparece com porcentagens mais altas quando o uso é atribuído a espaços informais, como ruas e praças, potencialmente pelo menor controle regulatório em comparação com bares e *pubs*. Quanto aos consumos ilícitos, 19,3% dos jovens estudados declararam fazer uso, e a maconha aparece entre 95,3% desses consumos, entre os quais 20% apresentaram uso diário. Outros consumos relatados são de *ecstasy* (32,6%), solventes (14%) e cocaína (9,3%). Sugerimos que essas juventudes apresentam amplo repertório de lazer com ênfase em práticas de socialização. O lazer noturno é caracterizado por diversos itinerários e pela ruptura com o cotidiano. Para uma parte dos universitários, os consumos de drogas estão intrinsecamente relacionados às pautas de lazer noturno e tangenciam questões como a expressão autônoma de suas identidades e preferências, as quais estão menos ligadas à ideia de desvio e muito mais a questões de estilo de vida e identidade nas sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Lazer. Juventudes universitárias. Drogas.

ABSTRACT

In a world scenario of increase and a range of possibilities of leisure experiences, to explore the way in which youths experience leisure can contribute to understanding the senses given the experiences, as well as the heterogeneous realities of the youths themselves. This research aimed to know the leisure experiences of young undergraduate students of Physical Education of the Universidade Federal do Espírito Santo. To do so, the research is divided into two parts, the first one explores leisure practices related to preferences, wishes and barriers that make it impossible for the public to experience leisure activities. The second one, which aim to know the nighttime leisure experiences and the third, which observes the use of licit and illicit drugs among the undergraduate students. This research is a descriptive qualitative investigation with application of an online survey in a population of 217 undergraduates (41.5% women and 58.5% men). The data analyze was performed through the IBM SPSS statistical package. We focused on the preferences, wishes, times available and recreational resources of young university students, as well as issues involving nighttime recreation and recreational drug use among these youths. The youth's leisure experiences have a broad repertoire, which evidences the pursuit for experiences of socialization, physical and sports practices and rest from the daily routine. We identify that the tourist, intellectual and artistic practices configure the leisure wishes among these young expressions mainly due to the lack of time or money for the realization. The research also pointed out that the nighttime leisure scenarios, especially at the weekends, show a moment of rupture with everyday life and socialization through a diversity of leisure itineraries, for a portion of the population, rare also contexts of drug use. Among the men and women investigated, 63.6% drink alcoholic beverages at night and 49% of the drinking population has a pattern of binge drinking, that appears with higher percentages when consumed in informal spaces such as streets and squares, potentially by less regulatory control than in bars and pubs. As for illicit consumption, 19.3% declare their use and marijuana appears among 95.3% of these consumptions, among which 20% have daily use. Other reported intakes are ecstasy (32.6%), solvents (14%), cocaine (9.3%). We suggest that these youths have a wide repertoire of leisure with an emphasis on socialization. The nightime leisure is characterized by several itineraries and by rupture with everyday life to a part of the university students we suggest that drug consumption is intrinsically related to nighttime leisure patterns highlight issues such as autonomous expression of their identities and preferences, which are less connected deviant behavior, but to issues of identity and lifestyle in contemporary societies.

Keywords: Leisure. Undergraduate. Drugs.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Frequência de idade dos participantes 66
Gráfico 2. Significados atribuídos ao lazer noturno 80
Gráfico 3. Frequência de participante, conforme horário em que sai para o lazer noturno 84
Gráfico 4. Frequência de participante, conforme horário em que retorna do lazer noturno 84
Gráfico 5. Frequência de uso de drogas ilícitas 95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição dos universitários (N=217) de acordo com a ocupação, estado civil, município que reside e com quem mora, conforme sexo – masculino (N=127) e feminino (N=90) 68
Tabela 2. Tempo disponível para o lazer, de acordo com o sexo 71
Tabela 3. Interesses de lazer preferidos, de acordo com o sexo 73
Tabela 4. Anseios de lazer da população, de acordo com o sexo 77
Tabela 5. Atividades praticadas durante o lazer noturno, de acordo com o sexo 86
Tabela 6. Frequência de consumo de álcool, de acordo com o sexo 89
Tabela 7. Informação sobre o consumo de álcool, de acordo com o sexo 93
Tabela 8. Frequência de uso de drogas ilícitas, de acordo com o sexo 96
Tabela A.1. Tempo disponível para o lazer, de acordo com o sexo 113
Tabela A.2. Interesses físico-esportivos de lazer, de acordo com o sexo 113
Tabela A.3. Interesses sociais de lazer, de acordo com o sexo 114
Tabela A.4. Interesses intelectuais de lazer, de acordo com o sexo 115
Tabela A.5. Interesses artísticos/culturais de lazer, de acordo com o sexo 116
Tabela A.6. Interesses turísticos de lazer, de acordo com o sexo 118
Tabela A.7. Interesses virtuais de lazer, de acordo com o sexo 118
Tabela A.8. Itinerários noturnos de lazer, de acordo com o sexo 119
Tabela A.9. Interesses de descanso/fazer nada, de acordo com o sexo 119
Tabela A.10. Saídas dos fins de semana, de acordo com o sexo 120
Tabela A.11. Padrão de uso em *binge drinking* em relação aos espaços de lazer noturno 120
Tabela A.12. Policonsumo de drogas entre a população universitária 120

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 LAZER NAS SOCIEDADES MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS 13
2.1. As sociedades ocidentais modernas 13
2.1.1. O lazer moderno 17
2.2. As sociedades contemporâneas 22
2.2.1. O lazer nas sociedades contemporâneas 25
2.2.2. Descontentamento com as grandes narrativas 28
3. Para sintetizar 31
3 A AMBIVALÊNCIA DO LAZER NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS 33
3.1. Lazer e o desenvolvimento humano 33
3.2. A sociedade de consumo e o lazer 38
3.3. Identidades e estilos de vida 40
3.4. Usos de drogas no lazer 42
4 LAZER NOTURNO E O USO DE DROGAS: A JUVENTUDE ENTRE A SEDUÇÃO E A REDUÇÃO DOS CONSUMOS DE PSICOATIVOS 48
4.1. Consumo recreativo de drogas: visões controversas 49
4.1.1. Incentivo ao consumo no lazer noturno 50
4.1.2. Redução do consumo de drogas 52
4.2. Espaços e tempos de lazer e usos de drogas 54
4.3. Lazer noturno, usos de drogas e riscos 57
4.3.1. Riscos 59
4.4. Em linhas gerais 61
5. METODOLOGIA 63
5.1. Técnica de investigação e variáveis do estudo 63
5.2. Estudo-piloto 64
5.3. Trabalho de campo 65
5.4. Apresentação dos respondentes 66
5.5. Tratamento dos dados 69
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO 70
6.1. Tempo disponível para o lazer 70
6.2. Interesses de lazer dos jovens universitários 72
6.3. O que fazem os jovens universitários nos tempos-espaços de lazer 72

6.4. Desejos de lazer dos jovens universitários 76
6.5. Lazer noturno dos jovens universitários 79
6.5.1. Itinerários de lazer noturno 82
6.5.2. Onde vão à noite 86
6.6. Usos de drogas no lazer noturno 87
6.6.1. O consumo de bebidas alcoólicas 88
6.6.2. *Binge drinking* 90
6.6.3. Local de consumo 92
6.6.4. Informações sobre o uso de bebidas alcoólicas 93
6.6.5. Uso de drogas ilícitas 94
CONSIDERAÇÕES FINAIS 98
REFERÊNCIAS 100
APÊNDICE A – TABELAS ANEXAS DE ANÁLISE DOS DADOS 113
APÊNDICE B – ORGANIZAÇÃO DO BANCO DE DADOS 121
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO À POPULAÇÃO 122
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 131

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os estudos do lazer seguiram marcados por diversos processos e dinâmicas que evidenciaram nas sociedades atuais a valorização das experiências no tempo livre. Quando olhamos para o mercado profissional que envolve esse fenômeno, os espaços e tempos específicos e outras formas de sua manifestação, além da ampla literatura que atravessa os mais diversos campos de estudos acadêmicos, é possível reconhecer que o lazer foi tomando preponderância como um aspecto que se traduz em infinidades de gostos e práticas entre as diversas populações.

As inquietações que motivaram esta pesquisa se iniciaram justamente em virtude dessas constatações, as quais aqui, de maneira específica, abrangem o universo dos lazeres das juventudes contemporâneas. À medida que as culturas juvenis ganham seu espaço na sociedade, vão trazendo consigo símbolos, atitudes e modos de vivências ligados aos momentos de lazer (MARGULIS, 1994; MAGNANI, 2005). Esses contextos se convertem em espaços e tempos de protagonismo para os jovens por vezes distante do mundo dos adultos, mas que também podem aparecer no imaginário social sob olhares simplistas que homogenizam diversas dinâmicas e representações com as quais os jovens percebem essas experiências

Na contramão das tendências reducionistas, reconhecemos o lazer como possibilidade de livre escolha, que, principalmente entre as juventudes, abre espaço para a possibilidade de exercício da personalidade e da autonômia, dos encontros sociais e das descobertas das potencialidades humanas em torno dos contextos de experimentação (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008). Assim, esta pesquisa objetiva conhecer as vivências de lazer do público universitário do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por entendermos que a investigação sobre o lazer dos jovens nos traz maiores possibilidades de compreensão acerca do repertório de práticas de lazer e dos sentidos dados a elas, bem como das dinâmicas inerentes às realidades de lazer noturno dessa população.

Como objetivo específico, este trabalho busca conhecer os modos de uso recreativo de drogas do público jovem no lazer noturno, seguindo as evidências de altos indíces de consumo de bebidas alcoólicas e substâncias ilícitas entre os universitários brasileiros (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010; PORTUGAL et al., 2008; SANTOS; PEREIRA;

SIQUEIRA, 2013; TEIXEIRA et al., 2010), de acordo também com pesquisas que discutem a naturalização de alguns desses usos, que por sua vez ultrapassam as barreiras de classe socioeconômica, faixa etária e gênero, manifestando-se em diferentes modos de consumo (PARKER et al., 1999; DUFF, 2003; MEASHAM; BRAIN, 2005).

Buscando tratar das diversas formas de manifestação que acompanham a experiência do lazer, no segundo capítulo traçamos um panorama do lazer nas sociedades modernas na tentativa de entender as transformações e os moldes atribuídos a esse fenômeno nos diferentes momentos históricos até a contemporaneidade. Ao fazermos essa trilha, reconhecemos mudanças na ordem social, econômica e cultural que influenciaram as concepções de lazer, configurando-se na complexidade de significados e práticas percebidas no mundo de hoje.

Uma vez exposta a polissemia com que o lazer aparece nas sociedades contemporâneas, no terceiro capítulo discutimos esse evento como uma experiência ambivalente, enquanto alguns estudos tratam de questões subjetivas sobre esse tempo livre integradas à vida social contemporânea como as potencialidades de divertimento, de socialização, de alívio de tensões, da construção da identidade e da gratificação pessoal. Discutimos também outras linhas de estudo que contemplam, dentro do repertório do lazer, vivências ligadas aos padrões das sociedades contemporâneas, tais como condutas consumistas, busca por estilos de vida e o uso recreativo de drogas (CALDWELL; SMITH, 2006; FREIRE, 2013).

Partindo desse entendimento, o capítulo quatro aprofunda-se nos modos de ocupação contemporâneos de lazer das parcelas juvenis na noite, que nos são aqui relevantes pela possibilidade de discutir o consumo recreativo de álcool e outras drogas como uma entre as várias possibilidades de vivências de lazer dessas juventudes. Argumentamos, portanto, que as culturas juvenis apresentam tempos, espaços, ritos, símbolos que se traduzem em modos de vivência do lazer e contextos emergentes de convivência em que o uso de drogas compõe mais uma das opções de busca por prazer e construção da identidade.

Após a exposição teórica, no capítulo cinco são apresentadas as questões metodológicas do estudo, como o instrumento de coleta de dados, a experiência no trabalho de campo, o processo de análise dos dados estatísticos e, por fim, passamos aos dados sobre a população jovem universitária que integrou a investigação.

Em seguida, no capítulo seis, damos abertura à discussão dos resultados originais obtidos pela base de dados. São apresentados três blocos: no primeiro buscamos entender aspectos gerais sobre a realidade de lazer dos jovens universitários, como o tempo disponível, as práticas, os anseios e as barreiras de lazer; no segundo bloco adentramos nas experiências de lazer noturno, apontando suas expectativas e representações, os itinerários e movimentos dos universitários pela noite. Por fim, no terceiro bloco, focamos nas questões relativas ao uso de drogas no lazer noturno, buscando conhecer os padrões de consumo, principalmente com base em argumentos sociológicos que discutem esses usos de drogas nos contextos de lazer nas sociedades atuais.

Na última parte deste trabalho são apontadas as considerações finais, as limitações do estudo e as futuras perspectivas de investigação. Em seguida, trazemos o referencial teórico, bem como os instrumentos de pesquisa e outros recursos anexos que se relacionam aos argumentos apresentados na seção de resultados e discussões.

2 LAZER NAS SOCIEDADES MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS

Como se configura o lazer nas sociedades contemporâneas? Essa indagação é de tão ampla resposta que possibilita várias interpretações. Constatar que o lazer no século XXI ocupa espaço-tempo cada vez mais reconhecido, trazendo uma infinidade de modos de vivências, crescimento e fortalecimento das áreas profissionais, do turismo, de espaços urbanos específicos para práticas, do mercado de consumo e da indústria de entretenimento, pode nos dar pistas de como esse fenômeno se faz presente nas sociedades atuais e, por conseguinte, como se construiu.

Pensar no lazer como objeto de análise pode nos conduzir a formas distintas de investigar essa experiência dentro de uma pesquisa. Construir um panorama sobre o lazer na atualidade requer que consideremos diversas maneiras de olhar para o fenômeno ao longo da nossa história, olhares estes que foram impactados pelas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, dando ao lazer, por vezes, protagonismo, propósitos, (ir)relevâncias, restrições, aberturas e estigmas. No presente capítulo, focaremos em um panorama do lazer até as sociedades contemporâneas, enfatizando muitos dos significados que lhe foram atribuídos na modernidade, os quais vão provocar continuidades e descontinuidades no que tange à diversidade de vivências experimentadas na atualidade.

2.1. As sociedades ocidentais modernas

Na árdua tarefa de mesclar as inúmeras concepções que existem sobre o lazer moderno, não pretendemos esgotar aqui todo o repertório já tratado por outros autores (BORSAY, 2006; MUNNÉ, 1980), mas investigar muitos dos aspectos que aparecem por meio das transformações sociais, culturais e econômicas que dão luz às discussões em torno do que nos propomos neste capítulo.

Para alguns autores, a construção do lazer moderno passa pelos diversos rompimentos com as tradições medievais advindas de movimentos como o Renascimento[1], a Reforma

[1] O Renascimento, movimento cultural que parte da Itália e se expande pela Europa entre os séculos XV e XVI, inaugura, entre outros aspectos, a transição intelectual entre a Idade Média e a Modernidade, que resgata valores gregos humanistas, o gosto pela vida, o retorno do olhar sobre o corpo humano e sua beleza, que se manifestaram primeiramente pelas obras artísticas e mais tarde vão confluir nas obras filosóficas e na ciência.

Religiosa[2] e o Iluminismo[3], nos séculos XVII e XVIII, que então provocam timidamente o aparecimento de novas estruturas marcadas por olhares diferentes sobre o mundo social, artístico, religioso, econômico e político e novas formas de organizações sociais, de costumes, de hábitos que se vão cristalizar na era industrial conduzindo a distintos ritmos de vida, de espaços, de tempos como o trabalho e o tempo livre (CLARKE; CRITCHER, 1985; BLACKSHAW, 2010). Em contrapartida, argumenta-se a centralidade do lazer a partir da era industrial, que mudaria drasticamente o cenário social com a estruturação mais rígida do trabalho (DUMAZEDIER, 1979; THOMPSON, 1967).

Contudo, independentemente da linha que se investiga, um ponto que se enfatiza nas mudanças que vão impactar nos padrões do lazer moderno é a relação do homem com o tempo e o espaço à sua volta. A gestão de vida de sujeito moderno toma proporções distintas das civilizações agrárias, as quais eram perpetuadas pela valorização da herança cultural passada pela experiência de vida das gerações e o convívio em comunidade. As divisões de tempo nessas sociedades não apresentavam a rigidez que percebemos em relação à delimitação dos tempos de vida inaugurada na modernidade, que impõe, por exemplo, a impossibilidade de precisarmos a hora exata do dia sem referência de marcadores como "quando" eram percebidos por ciclos naturais, como o nascer ou o pôr do sol, acontecimentos que então regulavam boa parte da rotina de vida do homem pré-moderno (GIDDENS, 1991).

Harvey (1992, p. 12) argumenta que as sociedades modernas trazem "um rompimento impiedoso com toda e qualquer tradição precedente". A eclosão das cidades a partir de pontos de comércio e de manufatura se vê acompanhada da necessidade do fluxo de produção e de pessoas, características que fazem surgir novas funções e dinâmicas nas estruturas sociais, nas quais a demarcação do tempo e do espaço passa a ocupar papel essencial tanto em sua forma social como individual.

Nesse contexto, a medição artificial do tempo a partir do advento do relógio e do calendário desenvolveu uma sucessão de relações reguladoras (horário, dias, semanas, meses, anos, eventos e acontecimentos históricos) que cristalizaram paulatinamente a percepção

[2] Reforma Protestante iniciada pelas proposições e questionamentos de Calvino e Martin Lutero às instituições eclesiásticas que trazem aspectos caros aos ideais burgueses: a liberação do lucro e a centralização do trabalho como edificante e moralizador do indivíduo.

[3] O Iluminismo foi um movimento intelectual e filosófico que se centrou na razão como principal fonte de legitimidade, defendendo ideias como liberdade individual, separação entre Igreja e Estado e governo constitucional.

sobre o tempo como algo contínuo e uniforme. Para o sociólogo Norbert Elias, a visão de tempo como algo linear e quantificável surge a partir dos processos de industrialização.

> Nas sociedades mais complexas, o conjunto desses símbolos do calendário torna-se indispensável à regulamentação das relações entre os homens, quer se trate da estipulação dos dias de férias ou da duração de um contrato. O conhecimento do calendário, tal como o do tempo dos relógios, é uma evidência tal que já não suscita interrogações. Já não nos perguntamos como puderam os homens coexistir, em épocas anteriores, sem a ajuda de um calendário ou de relógios, agora que esses meios se tornaram quase indispensáveis a qualquer forma de vida social (ELIAS, 1998, p. 10).

Na teoria elisiana, a delimitação do tempo tem relação fundamental com o processo de construção das sociedades modernas, pois advém de forma gradual e processual por meio do estabelecimento de novos modos de relacionamento que se vão expandindo e se cristalizando a ponto de compor uma cadeia de inter-relações entre indivíduos, ou seja, no processo de desenvolvimento das sociedades, à medida que se tornavam mais complexas, aumentavam as funções sociais e o grau de dependência e ordenação entre as pessoas. A relevância cronológica imposta pela modernidade cristaliza maior coordenação e interação nas atividades desempenhadas, maior disciplina nas atividades laborais do que aquelas vistas nas sociedades agrícolas e maior fragmentação dos tempos sociais.

O mesmo acontece com as relações de espaço na modernidade. Nas sociedades pré-industriais, as comunidades representavam uma pequena rede de relações entre um certo número de sujeitos, já que a locomoção de uma localidade para outra era mínima e geralmente realizada por comerciantes. A comunidade, nesse contexto, contribuía para a socialização de rituais e crenças, que funcionavam tanto como aspecto de *segurança psicológica* no que se refere ao compartilhar de tradições e práticas sociais rotinizadas, mas também como aspecto de *risco* à interpretação moral da comunidade sobre ações que não compõem a rede de práticas daquele pertinente espaço-tempo. Essa última característica era principalmente acompanhada da submissão aos dogmas e tradições religiosas (GIDDENS, 1991).

A modernidade, no entanto, inaugura a separação entre tempo e espaço a partir de inovações como o trem a vapor, que vai possibilitar o deslocamento de indivíduos e, por conseguinte, desconstruir as relações de distância e desatrelar vários dos laços das comunidades agrárias. Outro ponto que se modifica é a relação com as *inseguranças* que derivavam das sociedades agrárias, sobretudo dos fenômenos do mundo físico, como as

doenças que se alastravam entre a população e a mortalidade precoce de crianças e adultos, guerras e ataques de salteadores, riscos advindos da natureza, como enchentes, tempestades e outros fenômenos naturais, além da coerção religiosa sobre as ações humanas dessa população.

Na modernidade, esses riscos aparecem de forma minimizada a partir do desenvolvimento da medicina, com o surgimento de Estados-nação, que diminuem o nível de violência em virtude de dispositivos docilizadores e das tecnologias contra as inconstâncias climáticas, que passam a ocorrer agora principalmente pela ação degradante do homem sobre o ambiente natural. A era moderna se apresenta pelo desenvolvimento e planificações que centralizam no homem a possibilidade de modificar seu entorno. A diminuição do controle religioso traz responsabilidades sociais, econômicas e políticas às pessoas, e aspectos como a ética aparecem menos predeterminados pelos preceitos míticos. O homem moderno, afrouxado dos laços coercitivos do mundo das tradições, se vê como ente central na organização de seu meio social.

Sobretudo no século XIX, a confiança nos avanços científicos e na tecnologia que se consolida sobre a atividade humana traz as engrenagens do desenvolvimento para o que se chamava de uma nova sociedade. A utilização de métodos científicos para responder a questões à sua volta denotava eficiência e passa então a desenvolver a produção e a manufatura, a distribuição de mercadorias, a comunicação, o transporte, o campo da saúde e a arquitetura civil (SENNET, 2003). A confiança na modificação do entorno humano é transposta principalmente para os processos de produção fabril na Revolução Industrial, e a relação com o tempo torna-se mais rígida, mais artificial. A modernidade inaugura a demarcação dos tempos sociais e livres, não mais pautados nos fenômenos naturais, mas na disciplinalização do relógio e do calendário.

As relações de trabalho começam a ser mais cronometradas e ocupam eixo central na organização da vida do proletariado. É nessa fase que a gestão da rotina do trabalhador fabril passa por jornadas de trabalho que variam de 12 a 16 horas diárias, fato que confere também o aparecimento da noção de tempo livre (BLACKSHAW, 2010; PRONOVOST, 2011). A valorização das demandas modernas de tempo promove disciplina, superação e competitividade como características importantes para o novo indivíduo moderno, que cristaliza aos poucos as dinâmicas da nova ordem social.

2.1.1. O lazer moderno

O lazer moderno traz consigo traços das transformações econômicas, sociais, políticas e da personalidade dos indivíduos da modernidade. A racionalização da sociedade alcança a esfera temporal, converte o tempo em categoria social, que se estrutura em torno da eficiência e do cálculo. O tempo de trabalho é estruturante na vida moderna e a disciplinação deste promove o aparecimento dos espaços-tempos para o lazer.

Nesse sentido, podemos argumentar que as transformações dos valores sociais que caracterizam as sociedades modernas refletem uma descontinuidade do lazer das sociedades tradicionais para as modernas. Em outras palavras, aparece um processo de diferenciação ou uma especificação progressiva gerada pelos tempos demarcados e motivados fora dos momentos de trabalho que refletem na emergência de atividade dentro do tempo livre, não mais dissolvido nos tempos de vida como se via nas sociedades pré-industriais (PRONOVOST, 2011).

De modo mais claro, a gestão de vida do homem moderno sofre influência direta a partir das novas experiências em sociedade. As atividades de lazer são reflexos dessas mudanças e passam a figurar modos particulares de vivência, em vez dos coletivos vistos nas sociedades pré-modernas. O caráter de participação de familiares e das comunidades em momentos de tempo livre, como festivais religiosos, danças, cantorias ou manifestações pagãs, encontrava-se ligado firmemente ao mundo de tradições e rituais. No entanto, a partir do fortalecimento do sistema fabril e da centralidade do trabalho na vida da população, muitas pessoas migraram do campo para as cidades, absorvendo a cultura e os valores modernos de divisão do tempo e de disciplina laborativa, transformando os momentos vividos em comunidade em tempos sociais (de trabalho e não trabalho) compartilhados, muitas vezes, com pessoas desconhecidas (BLACKSHAW, 2010; LE BRETON, 2011).

Interpretando esse contexto tendo em conta a cadeia de inter-relações sociais proposta por Elias (1993), o predomínio da organização social aliada à rigidez advinda da rotina laboral e a especialização das funções sociais geram no indivíduo moderno um imperativo de retidão das condutas impulsivas e o controle das excitações individuais em vista da coordenação exigida na modernidade. A rotinização da vida moderna restringe as situações em que

ocorrem euforia excessiva e excitações descontroladas, que agora passam a ser vistas como constrangimentos, o que implica a noção de autodomínio dos desejos como uma virtude do indivíduo moderno.

Nesse sentido, as decisões que os indivíduos tomam na modernidade são estruturadas considerando primeiramente o olhar do outro sobre si próprio. Mas, quando se trata das decisões pertinentes ao lazer, o caráter de escolha passa, em primeira instância, para o "eu", gerando nesse campo uma espécie de permissividade delimitada por espaço-tempo para atividades autotélicas que geram satisfação para o indivíduo (ELIAS; DUNNING, 1992).

De forma sistematizada, os autores descrevem que o lazer gera excitações envolvendo três esferas: o grau de compulsão social; as questões relativas à pessoalidade; e os elementos do lazer. A primeira diz respeito às restrições sociais que imperam sobre as vivências de emoções na vida rotineira, que no âmbito do lazer são mais permitidas experienciar em público de forma menos controlada que as relações sufocantes da vida diária, entretanto em locais e situações apropriados. O segundo ponto é a questão da *pessoalidade* que as práticas de lazer trariam ao indivíduo. As atividades de lazer são agradáveis para o si próprio e fogem ao interesse do "outro", mesmo dentro dos limites socialmente estabelecidos. Por fim, os *elementos do lazer* proporcionam sociabilidade e mimetização, isto é, a oportunidade de estar em companhia de outras pessoas "sem qualquer obrigação ou dever para com elas", simplesmente pela integração e vivências de emoções reprimidas no seio social (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 179).

Outra proposta para se pensar o lazer moderno parte do autor francês Joffre Dumazedier, que influenciou diversos estudos da área no Brasil. O autor entende, assim como Elias e Dunning, que o caráter de liberdade de escolha está intrinsicamente presente nas ideias do lazer na medida em que se trata de uma experiência individual, por isso postula que o fenômeno surgiu na modernidade, fomentado pela ideia da individualidade como valor social (DUMAZEDIER, 1975, 1976). Dumazedier percebe algumas transformações que estruturam a sociedade moderna, como a secularização das práticas políticas e sociais e a delimitação dos tempos sociais pelo trabalho como estruturantes de um novo panorama. O lazer é, assim, visto pelo autor como um espaço-tempo que pode proporcionar a dedicação exclusiva a atividades que trazem satisfação ao indivíduo (uma dedicação a si mesmo) e uma nova forma de sociabilidade que pode criar novos cenários e organizações para a relação social:

> [...] o lazer é um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode *entregar-se de livre vontade*, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1975, p. 34, grifo nosso).

O lazer aparece como oposição às obrigações da vida, sobretudo ao mundo do trabalho na modernidade, e é composto de quatro características: *hedonistica*, marcado pela busca da felicidade e prazer; *formado por atividades desinteressadas com o fim não utilitário*, *pessoal*, que responde às necessidades do indivíduo (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) e de *caráter liberatório* em virtude da livre escolha de atividades (DUMAZEDIER, 1979).

Aqui, podemos sugerir que o autor interpreta o lazer como parte dos diretos democráticos do cidadão moderno, e não somente como tempo livre ou atividade nesse espaço-tempo. O lazer apresenta caráter de desenvolvimento do indivíduo fora da ambiência rígida que a modernidade desenha a partir da Revolução Industrial. Sobretudo após as intensas revoltas operárias[4] conferidas por meio de constantes lutas políticas e sociais com as quais os trabalhadores conseguem, entre outros direitos, a diminuição da jornada de trabalho e reconhecimento de um período de férias, seria possível pensar que o lazer poderia tomar rumos mais democráticos como pensado por Dumazedier, no entanto tal ideal sofre inúmeras influências e proposições.

O lazer aparece como "problema social" no tempo livre do proletariado. Especialmente no início do século XX havia a preocupação por parte dos empresários sobre as práticas de tempo livre que poderiam ser desviantes[5] aos moldes sociais da época. Gomes (2003, p. 8) indica que nesse momento histórico foram impulsionados estudos sobre a "necessidade de se conhecer e promover o controle social do tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados". Se rememorarmos que os pilares para criar a modernidade reforçavam a disciplinalização do tempo e, por consequência, do tempo de não trabalho, esse fator expõe à marginalização atividades consideradas desviantes das condutas e valores da organização moderna. O excesso de dedicação ao tempo livre é recriminado e combatido, as

[4] Reivindicações dos trabalhadores por direitos trabalhistas no começo do século XX (MELO; ALVES JÚNIOR, 2003).
[5] Comportamentos ou atos que iriam contra as normas morais da sociedade (ROJEK, 1999).

diversões e aos prazeres são considerados atividades contraprodutivas que se desencaixam do plano de eficiência moderna (ROJEK,1995).

Gera-se, a partir do aparecimento de atividades desviantes, a estigmatização, o constrangimento social daqueles que se desviam da ordem. Surge a figura daquele que não se adapta aos padrões sociais e morais. As repressões das autoridades aos episódios de embriaguez popular, o controle sobre o consumo de ópio entre os trabalhadores industriais, as proibições das lutas corporais e a restrição aos jogos de azar nos séculos XIX e XX evidenciam esses "desencaixes" que são, por conseguinte, marginalizados e punidos como condutas inadmissíveis ao homem moderno (BAUMAN, 1998; BERGERON, 2012; MARTINIC; MEASHAM, 2008).

Mais especificamente, esse processo se manifesta no lazer, segundo Rojek (1995), envolvendo aspectos que se entrelaçam: o lazer como ferramenta para a manutenção da ordem social necessária para a eficácia e bom funcionamento das estruturas capitalistas, que por sua vez cria e delimita espaços-tempos específicos para tomar lugar como parques, clubes, teatros, marginalizando práticas que não se adequam aos valores modernos.

Com isso, a modernidade realça uma ambiguidade: o indivíduo deseja preservar sua individualidade, mas é sujeito às forças sociais, às heranças históricas e a outros elementos que tornam difícil a expressão e a satisfação de si (SIMMEL, 1987). O fenômeno do lazer poderia se tornar espaço para essas expressões, mas faz parte de um emaranhado de práticas que criam lugares para que o lazer aconteça e ordenam a vida social civilizada, que então permite em poucos momentos a liberdade esperada para o indivíduo, forja e reforça certos tipos de personalidade.

Nessa mesma linha, o lazer se configura no fim do século XIX e início do XX como um fenômeno social. Esse fato se deve à organização de um campo acadêmico, profissional e também econômico em seu entorno. Torna-se pauta importante nas pesquisas e discursos higienistas responsáveis pela reforma social para o futuro da pátria. Há o incentivo às práticas sadias e lícitas direcionadas aos populares para ocupar as horas livres, que acarretaria na preparação do corpo do indivíduo para as atividades laborais. As ginásticas e os esportes aparecem nesse momento como possibilidades educativas e salutares, passando a compor também parte do currículo pedagógico da Educação Física nas primeiras décadas do século XX (WERNECK, 2000; PEIXOTO, 2007).

No entanto, é ainda no século XX que parece haver uma inflexão nos modos como o lazer é percebido. Acontecem avanços tecnológicos na área do entretenimento e da comunicação, com o rádio, a televisão e o cinema, no desenvolvimento do mercado turístico, com os pacotes de viagem de férias, os grandes parques temáticos e *resorts*, além da diversidade de esportes agora transmitida à distância, o que colabora para impulsionar o lazer nessa área. Por meio das tecnologias, a transmissão de valores sociais é mais rapidamente disseminada nas cadeias de inter-relações dos indivíduos. Aliado a isso, o sistema econômico capitalista apresenta sua expansão, e a consequente mercantilização dos produtos se materializa para muitas pessoas como uma necessidade de consumo vinculada principalmente aos momentos de lazer (GOMES; REJOWSKI, 2006).

Frederic Munné (1980), outro teórico da área, discute que o lazer moderno pode ser observado considerando duas tendências: lazer como *fenômeno burguês* e lazer por uma *concepção marxista*. A primeira compreende a trajetória do capitalismo e versa sobre o lazer em uma controvérsia, primeiramente visto pelas lentes moralistas puritanas e, posteriormente, transitando para uma visão liberal de mercado. O lazer pode ser considerado nessa concepção como um potencial para o desenvolvimento e a adaptação do homem ao meio social em constante transformação, também como realização pessoal e gratificação, principalmente pela sociedade de consumo (*fun morality*), e como reconhecimento social em razão do consumo conspícuo de bens e signos de *status* social. O lazer, *a priori*, aparece marginalizado na modernidade, visto como ociosidade em virtude do apelo produtivo do mundo do trabalho, entretanto ganha notoriedade quando é alinhado aos interesses econômicos burgueses como potencial de expressar *status* social e fomentar o consumo de produtos pelas massas populares.

Com a concepção marxista, Munné (1980) escreve, como linha central, que o lazer é marcado pela alienação das massas na sociedade capitalista com o intuito de encobrir os problemas gerados por esse modelo e auxiliar em sua manutenção. O tempo livre, na concepção marxista, visa ao desenvolvimento da liberdade, das capacidades físicas e intelectuais do indivíduo, mas que é impedido pela impossibilidade de desvincular os momentos de lazer dos momentos de trabalho e dos condicionamentos sociais. Nesse cenário, a esfera do trabalho é percebida como desumanizante e as atividades de lazer se constituem somente de momentos evasivos, de distração, ou fomentam o consumismo regulado pela economia.

Com base nessa apresentação sobre o lazer moderno, podemos traçar algumas das transformações por meio do olhar (divergente) de alguns autores. O lazer no começo da modernidade aparece dentro da nova ordem social, fundamentalmente voltada para a esfera planificada do trabalho. Como efeito, para uma parte da população, dedicar-se ao lazer é algo moralmente reprimido e visto como contraproducente pela lógica de produção industrial, assim surge a necessidade de atividades de recuperação, compensatórias e de descanso, quando lazer figura com um caráter residual ao trabalho. Posteriormente, há a reinvindicação do tempo livre das populações operárias, inaugurando direitos que dão abertura para novos espaços-tempos de lazer, entretanto pressupondo práticas higienistas. E, mais tarde, o lazer se massifica, criam-se organizações para sua gestão, alinhando-o ao sistema econômico como bem de consumo, indústria de entretenimento e espaços e tempos para o praticar de vivências.

2.2. As sociedades contemporâneas

Apresentado o panorama das sociedades modernas, adentramos no final do século XX em um mundo globalizado, interconectado e dinâmico. Assistimos à aceleração dos ritmos de vida. Somos reféns do culto à velocidade, da otimização do mundo. Das primeiras até as últimas horas do dia somos bombardeados por uma sucessão de vivências e notícias que se dissolvem nas horas, nas semanas, nos meses e anos. Aprendemos que podemos ser eficazes, velozes, podemos ir de um ponto A a um ponto B cada vez mais rápido ou até mesmo sem sair do lugar em que estamos.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2001) discute que a relação que temos com os tempos e espaços nas sociedades contemporâneas foi construída ainda nos padrões da modernidade. A sociedade atual traz a herança da racionalidade científica, fomos ensinados a medir a velocidade de corpos celestes, a medir a temperatura, a inflação na economia, a produtividade, a contar as horas de trabalho, o tempo de descolamento até um determinado local. Construímos veículos que nos movem mais rápido e atravessamos distâncias cada vez maiores em menos tempo. Comprimimos os espaços através dos tempos e as redes de deslocamento entre eles.

Bauman (2001) sugere que esses, entre outros aspectos, caracterizam a primeira versão da sociedade, a qual vai chamar de *modernidade sólida*. A construção da modernidade se baseou em cálculos e métodos que visavam a um afastamento da desordem do mundo

medieval, transportando para todas as esferas da vida humana novos significados. Para destituir as heranças de um mundo inseguro e ameaçador, vieram a modelação, a ordenação e a codificação, que dariam o tom a toda harmonia que se esperava da reconstrução racional de uma civilização destinada (sem dúvidas) ao progresso e a suplantar as barreiras e inconsistências que a natureza trazia. Entretanto, como discutimos, seguir o método exigia que o sujeito moderno cristalizasse valores de abnegação e de sacrifício de seus desejos mais íntimos em prol da ordem e de uma tarefa coletiva de reconstrução de sociedade que com o passar do tempo se tornaria sólida e feliz.

Contudo, as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais no mundo globalizado modificaram a sociedade do final do século XX, progressivamente afastando os sujeitos dos alicerces que sedimentaram a modernidade sólida. A segunda versão da modernidade surge da liquefação e da fragmentação de muitas das propostas primárias. Ingressamos em uma sociedade moderna de modo diferente da anterior. Permanecemos com a vontade de mudança, com a necessidade de redesenhar o nosso entorno de modo mais eficaz, mais agradável, mais tecnológico, porém a crença na chegada a um estágio próspero final se perdeu. O adiamento da satisfação e da felicidade se tornou insuportável. O trem da modernidade que rumava a todo vapor para seu ponto final sólido e feliz começou a descarrilhar seus vagões no meio do caminho.

Segundo Bauman (2001), vivemos então na *modernidade líquida*. Questões relativas à organização social, à racionalidade instrumental, à fé na cooperação coletiva para o progresso com a renúncia da satisfação individual, agora dão lugar a gratificações instantâneas, às vivências privadas, livres, autotélicas, com forte vinculação com o mercado de consumo. Lemas como *Ordem e Progresso* e *Trabalha e Confia*[6], estampados em nossas bandeiras já não nos trazem mais confiança na estação final. Modificam-se os traços antes vistos na sociedade moderna, centrando as experiências humanas não mais no trabalho para o futuro, mas em experiências para o agora. A atividade laboral continua, de fato, representando um alicerce na sociedade atual, entretanto aparece hoje muito mais como um mecanismo ou forma para se obter as experiências satisfatórias individuais.

[6] Lema da bandeira do estado do Espírito Santo, Brasil.

Diferentemente da modernidade sólida, cuja tarefa era colocar ordem naquilo que causava mal-estar buscando uma harmonia duradoura, a modernidade líquida globalizada e interconectada desfaz as montagens sólidas. Tudo agora é rápido e global, o fluxo de informações e mercadorias é rápido, a moda é rapidamente mutável, nada tem tempo suficiente de se fixar. Há um pluralismo de discursos, de crenças, de estilos de vida, de convicções, e essas circunstâncias geram um estado de permanente mudança sem tempo de solidificação de costumes, de hábitos. Na vida atual predomina uma condição humana de versatilidade em meio à incerteza e à vanguarda constante de um eterno recomeço.

Essa ideia de mundo mutável, que se traduz no termo *contingência*, nos auxilia a observar que nas modernidades atuais há várias formas de estar no mundo, não há, para muitas pessoas, uma grande narrativa guia, mas diversas formas de experienciar ser humano. Cuenca Amigo (2008) discute que a modernidade atual traz o *paradigma da experiência*. Os pontos fundamentais sobre os quais as modernidades líquidas se baseiam são:

> 1) A transmutação da cooperação coletiva para a esfera do consumo. As experiências de consumo são essencialmente individuais, saciam-se e se despertam os desejos privados. Concentra-se na experiência do eu. Os esforços humanos coletivos dão lugar ao individual e ao exercício da satisfação privada.
>
> 2) O adiamento das satisfações pessoais em vista do coletivo não é mais postergado e, em seu lugar, preza-se pelas experiências satisfatórias momentâneas, escolhas que trazem satisfação imediata.
>
> 3) A coordenação metodológica exigida na modernidade sólida limitava a liberdade de escolha permitindo somente o que estava dentro das normas. No entanto, as sociedades atuais rechaçam as supressões da escolha e fomentam a livre eleição, por vezes guiada pela mídia publicitária.

No plano econômico, podemos argumentar que o estado de constante procura pela segurança coletiva da modernidade sólida sedimentava, por exemplo, a compra de produtos duráveis prezando pela segurança em longo prazo, e não pelo prazer imediato da compra. Entretanto, na modernidade líquida, agora uma sociedade de consumidores, fundamenta-se na busca da felicidade individual, e postergar o prazer tornou-se insuportável com a grande

oferta de experiências nas vitrines físicas e virtuais do mercado. O consumo para a durabilidade é posto de lado pela capacidade de se alcançar vontades que podem mudar o tempo todo. O novo indivíduo moderno assume os aspectos do mundo líquido. A transição dessas sociedades representa o emancipar-se da supressão, das escolhas limitadas, para posteriormente adquirir a liberdade de escolher o que atende às necessidades individuais. Com isso, a liberdade individual deixa de representar uma dura batalha travada na solidez e passa a ser agora uma tarefa particular, uma imposição do mundo líquido.

A mudança de paradigma na modernidade líquida se traduz em individualização. Perdemos a fé de que deixar de lado as vontades que nos levariam a uma configuração futura definitiva de bem-estar. Em seu lugar, as identidades individuais são agora mais importantes que o aprimoramento coletivo, e devemos usar nossos próprios recursos para chegar a uma condição satisfatória para nós mesmos (BAUMAN, 2001). Se antes o paradigma laboral sustentava os valores e as normas da vida coletiva moderna, hoje nos concentramos em uma vida voltada para o indivíduo. “Ser um homem ou uma mulher moderna é ser um indivíduo de fato, o que significa ser livre, mas com toda a solidão da individualidade, as responsabilidades, a angústia existencial, os desejos incontroláveis, etc.” (BLACKSHAW, 2010, p. 88, tradução nossa). Hoje somos compelidos a fazer algo da nossa vida que seja significante: a tarefa é assegurar que nossa existência não passe sem um propósito, que não passemos em branco. O sujeito moderno caracteriza-se pela sua interação com os outros e com o ambiente ao seu redor. Assim, é imprescindível que ele seja reconhecido como parte integrante dessa sociedade.

2.2.1. O lazer nas sociedades contemporâneas

As mudanças nos ritmos de vida nas sociedades são ponto-chave para investigar as experiências de lazer atuais. O desenvolvimento das tecnologias deu a possibilidade de suplantarmos as longas distâncias, de realizar inúmeras tarefas em menor tempo, mas essa velocidade e procura por eficiência não nos deram maior percepção de *tempo disponível*. Boa parte da vida do ser humano é organizada em padrões temporais determinados pela dualidade dia e noite, das horas contadas pelo relógio e dos dias marcados pelo calendário. Essa configuração determina ritmos de vida plurais, flexibilizados pelos avanços tecnológicos, como a internet e os *smartphones*, os quais nos deixam conectados, mas impõem a velocidade

e a urgência das ações, assim como a sobreposição das esferas da vida, como trabalho, estudos, família, afazeres pessoais. Se estamos trabalhando, podemos estar conectados com o mundo exterior, com a família distante, combinando momentos de lazer com os amigos depois do expediente ou no fim de semana, checando as últimas notícias sobre questões econômicas e políticas do país (SAN SALVADOR, 2009).

Cada pessoa utiliza o tempo de uma maneira distinta, e essa relação também vale para os tempos destinados ao lazer e suas diversas experiências, atividades, horários, espaços e intencionalidades. Essa relação se torna mais relevante principalmente sobre os tempos de lazer durante os dias da semana e os modos de lazer do fim de semana. A percepção do tempo durante a semana e o fim de semana é possivelmente distinta para aqueles que se engajam nas ocupações de vida, como trabalho formal e estudo, por exemplo. A segunda-feira, para muitos, marca o início dos ritmos de obrigações e rotina de vida, enquanto a sexta-feira à noite, o sábado e o domingo podem apresentar outros significados, como a libertação da vida corriqueira.

A invasão da noite nos dias da semana e nos fins de semana passa a ser possível pela criação de cenários de lazer noturno. Aparece como tempo preponderante de lazer que se contrapõe às obrigações da vida diária e vão dando lugar a novas experiências. Há, para muitos, dualidade entre os tempos de obrigações de vida diurnos e os momentos de lazer na noite e nos fins de semana, os quais ganham notoriedade aliados principalmente ao ímpeto de busca por prazer e divertimento poucas vezes vivenciados nas ocupações rotineiras (ROOM et al., 2012).

É claro que há exceções quanto a esses ritmos e tempos de lazer, especialmente quando se referem aos trabalhos agrícolas e à diversificação/flexibilização dos turnos laborais nas cidades (jornadas noturnas e sazonais). Além disso, também se incluem aí aspectos socioeconômicos desiguais que interferem nessa dinâmica, como pessoas que fazem jornadas duplas e até triplas de trabalhos e/ou estudo, sobrando poucas horas disponíveis para o lazer, sem contar ainda algumas questões estruturais que recaem, por exemplo, no papel da mulher nos cuidados domésticos e familiares, limitando os tempos de lazer e até mesmo a percepção de liberdade das atividades corriqueiras. Contudo, apesar dos cenários desiguais, o que queremos evidenciar é que cada modo de gestão dos tempos de vida pode alterar as formas com que se manifestam os tempos disponíveis para o lazer, mesmo que tenhamos uma gama

de possibilidades de experiências a serem vividas (SAN SALVADOR, 2009; CUENCA AMIGO, 2009).

Assim como as transformações na categoria de tempo sofrem impacto com as mudanças na sociedade, a categoria de *espaço* também se modifica. Dizemos que comprimimos os espaços em virtude da facilidade de estar em outros locais da cidade e do mundo, além do acesso a informações de forma quase instantânea sobre os locais mais distantes do ponto em que estamos. De igual modo, essas facilitações trazidas pela tecnologia nos deixaram mais próximos de catástrofes pelo país e pelo mundo, nos transportando para guerras e massacres que parecem se materializar nas proximidades de nossa casa.

Apesar dos aspectos negativos que vivenciamos diariamente, notamos que o espaço faz parte de uma construção cultural, isto é, torna-se parte de uma diversidade de símbolos que dão ordem à vida. A mobilidade das pessoas através dos espaços e dos tempos de vida de estudo, trabalho, obrigações domésticas e de lazer se traduzem em deslocamentos pelas zonas das cidades, seja para trabalhar, estudar ou para se divertir. A investigação desses movimentos gera itinerários e rotas diversificados entre o dia e a noite, entre os dias da semana e os fins de semana e feriados. Os espaços se diversificam para cada função, corporativos, domésticos e de entendimento e lazer (SAN SALVADOR, 2009).

Quando tratamos das experiências de lazer, a dimensão do espaço nos parece essencial, pois há nos cenários urbanos uma variedade de vivências, sejam esportivas, culturais e gastronômicas, artísticas, sociais. Essa dinamização dos espaços nas cidades também produz itinerários de lazer entre as populações, ou seja, o deslocamento dos grupos populacionais para acessar determinadas zonas de lazer das cidades, itinerários que se podem diferenciar pela faixa etária, fatores socioeconômicos e gênero (SAN SALVADOR, 2009).

A apropriação do espaço urbano para vivências de lazer tem relação direta com as mudanças nas sociedades. Vão criando-se infraestruturas como parques, complexos esportivos, cinemas, teatros, *shopping centers*, bares e *pubs*, além da potencial vivência de práticas de lazer em ambientes naturais da cidade, como praias e montanhas. Entendemos que, conforme aumentam as possibilidades de lazer urbano, são criados também horizontes facilitadores de novos estilos de vida, assim como o inverso também pode acontecer, pois a própria criação de estilos de vida pode fomentar a abertura de novos espaços e estruturas,

além da ocupação de espaços já existentes nas cidades, como parques, praças e praias (CUENCA AMIGO, 2009).

2.2.2. Descontentamento com as grandes narrativas

O século XX desperta mudanças no que concerne ao grau de importância das vivências de lazer na vida humana, assinalando transformações sociais, econômicas, políticas e modificando seus significados. Encontramo-nos hoje dentro de uma nova era, uma sociedade mais tecnológica e mercantilizada que, como argumentamos, aponta cada vez mais para a busca da satisfação individual. Esse aspecto reflete na maneira com que as pessoas experienciam o lazer atualmente. Nas sociedades atuais, o lazer apresenta uma infinidade de variáveis, tempos e espaços, mas é representado a partir da experiência individual. Uma esfera de exercício da individualidade em um mundo público. Uma possibilidade de expressão de si e dos próprios estilos de vida (FEATHERSTONE, 1995).

Ao analisarmos sociologicamente o lazer nas sociedades contemporâneas, podemos sugerir três fatores que caracterizam o sistema cultural e vão impactar diretamente no âmbito do lazer. Com a modernidade, em sua fase inicial, construída de narrativas sólidas em torno das transformações necessárias para seu progresso da humanidade, uma sociedade ordenada, em todas as suas esferas, levaria à emancipação e à libertação do indivíduo, garantiria a paz, a igualdade e o bem-estar social, a segurança dos empregos, de moradia, o acesso universal à saúde e à educação. Entretanto, ao passo que esses projetos não se concretizam e dão lugar às guerras territoriais e civis, a governos totalitários, a massacres de populações, a altas taxas de desemprego, dificuldades de acesso a instituições educativas e, principalmente, a um abismo econômico entre ricos e pobres, cabe a nós a tarefa de lidar com as inseguranças inerentes a essas falências e nos assegurar de trilhar nossos próprios caminhos para o nosso bem-estar (BECK, 2011).

Assim, o próprio lazer pode caracterizar-se como uma esfera de *evasão* da dura realidade que cada ser humano tem de lidar. Os momentos de lazer tornam-se eventos paralelos a grandes preocupações, a construção simbólica de um mundo distante da realidade do dia a dia. Pronovost, ao discutir sobre esse valor do lazer argumenta:

> Trata-se, de algum modo, da construção de um universo simbólico, relativamente distante da realidade cotidiana rotineira, universo que possui suas regras próprias e que introduz, no espaço de um instante, uma ruptura no desenrolar das atividades. O protótipo de tal universo é a festa (PRONOVOST, 2011, p. 33).

O lazer se volta para a necessidade de o indivíduo se desligar dos pensamentos ou das sensações que porventura considere negativos ou desagradáveis. Trata-se de uma esfera que se pode traduzir em hedonismo, ou seja, na perseguição de momentos aprazíveis, pois se volta para o que é gratificante e prazeroso para o indivíduo. Contudo, como discutiremos mais adiante, pode haver também, pelo caráter evasivo do lazer, apelo sensorial e emocional promovidos pelos meios midiáticos, que transmitem o consumo como uma forma de evasão e de busca pelo prazer, deturpando por muitas vezes a liberdade de escolha do indivíduo moderno.

O lazer como evasão e caráter de liberdade expõe também a problematização das vivências e condutas consideradas desviantes, como o uso de drogas e outras atividades (BECKER, 2008; LE BRETON, 2009; ROJEK, 1995; MARTINIC; MEASHAM, 2008; MEASHAM; BRAIN, 2005), muito embora a atualidade venha imprimindo menor estigma a esses usos e usuários, especialmente por ocasião da categoria "uso recreativo de drogas". Os autores discutem que, sobretudo para as parcelas juvenis, o lazer representa uma oportunidade de se libertar "ao extremo" do cotidiano, de ruptura, de busca por sensações de prazer, de desinibição, de gratificação, oportunidade de socialização, de criação e legitimação da própria identidade. Os consumos e condutas de riscos se enquadram nas possibilidades de experiências de lazer como busca pelo hedonismo.

Como segundo fator de transformação da sociedade atual, Águila (2005) discute a perda de confiança e credibilidade da razão. A modernidade líquida traz consigo o pluralismo[7] de discursos e crenças. Se as grandes narrativas do progresso humano contribuíram para a criação do imaginário de um futuro próspero e igualitário, muitas destas, no entanto, fracassaram, e a confiança em seguir uma planificação racional não evitou o aumento das desigualdades socioeconômicas, das injustiças culturais e sociais e das guerras. A hegemonia que a racionalidade trouxe com as "verdades científicas" e seus modelos de se chegar ao progresso entraram em crise, dando lugar ao pluralismo de pensamento, à diversidade de opiniões (BECK, 2011). Para Águila (2005, p. 137):

[7] Coabitação de diversas e até contraditórias visões de mundo e da forma que os membros de uma sociedade imaginam se inserir (PÉREZ DE GUZMÁN, 1994 apud ÁGUILA, 2005, tradução nossa).

> É dizer que, se não existe uma ideologia unitária, se os grandes relatos legitimadores de uma cultura comum se diluíram, não podemos esperar mais que um pluralismo de valores, de expressões culturais, de estilos de vida e, enfim, da própria identidade pessoal.

Tendo isso em vista, o cenário do lazer representa uma pluralidade de manifestações, funções e significados sociais. Há uma grande variedade de vivências de lazer, e muitas delas são desenhadas dentro do universo do consumo como formas de desfrute momentâneo. Essa tendência se manifesta por meio de um sistema de "bricolagem" de várias possibilidades que se convertem na diversidade de estilos de música, de programas de televisão, de filmes, na moda. Os esportes tradicionais, por exemplo, dão origem às novas modalidades promovidas para gratificação instantânea (passeios de aventura, escaladas, *rafting*, trilhas). As atividades clássicas de academia abrem espaço para o *spinning*, aulas de lutas, *fitdance*, *crossfit*, *bodypump*, entre outras. Os espaços de lazer noturno demarcam física, sensória e simbolicamente os locais das cidades pós-industriais com uma diversidade temática que traz experiências distintas e instantâneas a gosto do cliente – *punk*, *geek*, radical; restaurantes *argentinos*, *italianos*, *japoneses*; bares irlandeses; *lounges* em estilo americano, entre muitos outros.

O terceiro fator, *a fragmentação moral*, emerge do alicerce lógico da modernidade que se inicia no processo de secularização das práticas políticas a partir do distanciamento dos valores religiosos para então se centrarem na autoridade racional-legal. Se na modernidade sólida a derrubada dos mitos divinos revelou um indivíduo capaz de ordenar seu entorno social e criar ferramentas para planificar o progresso, na modernidade líquida a consequência desse processo levaria muitas pessoas a desconfiarem de várias práticas doutrinárias da própria modernidade. Águila (2005) argumenta que essa circunstância move o indivíduo atual para o presentismo[8] e para a prática de atividades que trazem prazer ao indivíduo.

O lazer, nessa perspectiva, passa a ser representado em seu sentido pessoal e instantâneo. Cada experiência é diferente da vivência do outro, expressa-se a autonomia de escolhas, entretanto permeada por um sistema econômico que enfatiza as experiências por meio da personalização e da efemeridade e da obsolescência dos produtos.

[8] Relação com a carência de horizontes, com a falta de referentes estáveis com os quais podemos caminhar, com a ruptura da linearidade viral que caracterizava as sociedades modernas (ÁGUILA, 2005, p. 139).

Pronovost (2011) identifica esse lazer como uma oportunidade de expressão da identidade social e discute que essa perspectiva se vê atrelada ao:

> [...] caráter de desejabilidade na medida em que ele representa uma ocasião de definir e de exprimir uma imagem simbólica coerente e gratificante de si mesmo, à qual respondem ordinariamente os atores por mecanismos de reforço ou aceitação. Nos termos da linguagem cotidiana, encontra-se a ideia se ser a si mesmo, de ser mais natural ou mais verdadeiro, mais espontâneo (PRONOVOST, 2011, p. 33-34).

Hoje podemos construir nosso lazer como bem entendemos, de forma pessoal e diferenciada, lançando mão do amplo espectro cultural, que é plural e mestiço, que deixa à disposição do indivíduo uma diversidade de experiências *à la carte* que fomenta ao mesmo tempo a busca por prazer e a necessidade da expressão da identidade com forte vinculação ao mercado de consumo atual.

3. Para sintetizar

Temos evidenciado neste capítulo ideias sobre alguns significados e sentidos que o fenômeno do lazer carrega na modernidade, acompanhando o processo de construção da sociedade. Se a partir planificação inicial da modernidade o lazer adquiriu valor compensatório vinculado ao descanso das atividades de labor, foi outras vezes moralmente repudiado ou relacionado ao tempo de ociosidade, que fomentava hábitos improdutivos e desviantes, como adição alcoólica, brigas corpo a corpo e jogatinas, sendo ainda integrado às políticas higienistas no início do século XX. No decorrer dos séculos XX e XXI, de acordo com as contingências na própria esfera social, o lazer passa a se apresentar também como um espaço-tempo de experiências e, por meio de uma diversidade de manifestações, vivências e práticas, diferencia-se para cada indivíduo, representando uma esfera íntima praticada dentro de um mundo cultural público marcado pelo fortalecimento do mercado de consumo e da globalização, pela liberdade de escolha individual, criação de espaços, tempos e estilos de vida (BLACKSHAW, 2010).

O lazer, agora menos gerido pelas regras sociais modernas tradicionais, assume, mais do que qualquer outra atividade, a tarefa de dar sentido à vida humana, como busca de propósito existencial diante das inconstâncias da dura vida cotidiana. Contudo, toda essa liberdade de escolha *à la carte* da sociedade contemporânea esconde suas contradições: ao

mesmo tempo em que impera a busca por prazer recorrendo ao lazer, marginalizam-se manifestações e vivências consideradas desviantes da norma, criando sentido de ambivalência sobre o fenômeno, ou seja, uma dificuldade de representar toda a complexidade de manifestações que o campo do lazer alcança, e essa é a temática que iremos discutir no capítulo seguinte.

3 A AMBIVALÊNCIA DO LAZER NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

As ideias desenvolvidas neste capítulo têm seu ponto de partida na exposição sobre o lazer tratada no capítulo anterior. Se na modernidade sólida o princípio de liberdade individual aparece como um marco social, contrariamente os modos de lazer categorizados fora do controle e da ordem moderna são marginalizados e reprimidos (ROJEK, 1995; WILLIAMS, 2009). A modernidade atual tem o seu epicentro nas questões individuais e em aspectos como a satisfação pessoal por meio de experiências, dando abertura para as vivências de diversas formas de lazer, mas ainda refletindo características da modernidade sólida (BAUMAN, 2001; BLACKSHAW, 2010).

Investigaremos neste capítulo o lazer em sua forma paradoxal com base em um exercício reflexivo acerca das possibilidades do fenômeno para o desenvolvimento humano, mas também sobre questões ligadas à indústria do consumo e ao uso recreativo de drogas. Portanto, propomo-nos dirigir o olhar sobre o lazer na vida humana, por vezes representando tempos-espaços potencializadores de experiências de crescimento identitário, satisfação pessoal, sociabilidade e pertencimento, e também como contexto que possibilita facetas ligadas ao uso recreativo de drogas e condutas consumistas, que figuram cada vez mais como características das sociedades contemporâneas, sobretudo quando falamos em culturas juvenis (FREIRE, 2013; GÓMEZ, s/d; ROMERA, 2008).

3.1. Lazer e o desenvolvimento humano

O lazer se constitui como um fenômeno polissêmico, isto é, tem em torno de si vários sentidos, dependendo de cada indivíduo. No entanto, com base no imaginário social, comumente se atribui ao lazer a oportunidade de contato com vivências que trariam benefícios aos participantes, como as atividades físicas, que repercutem, por exemplo, por meio de campanhas de saúde pública governamentais (SHINEW; PARRY, 2005), e também tempo de descanso, férias, desocupação, diversão e entretenimento (GOMES, 2004). Além desses aspectos, o lazer traz em seu repertório uma gama de questões subjetivas que podem ser potenciadoras não só para a saúde física, mas também em aspectos inerentes à vida do próprio sujeito, como motivações, valores, interesses (CUENCA, 2000).

A ideia do lazer como um fenômeno multidimensional representa muito mais que entendê-lo como a mera possibilidade de usufruir o tempo disponível em uma atividade, já que nem todo tempo disponível ou atividade é suscetível à definição de lazer. Contudo, objetivamos argumentar acerca de como o fenômeno contribui para as esferas de desenvolvimento pessoal.

Manuel Cuenca, estudioso do lazer, propõe que pensemos o fenômeno com base na experiência que é gerada, e não por meio de uma atividade. Isto é, o autor argumenta que, apesar do lazer, no imaginário coletivo, ser comumente relacionado ao descanso, às férias, ao espetáculo e à diversão, o fenômeno não deveria ser classificado como uma atividade ou um espaço-tempo, mas uma experiência que teria como sentido o desenvolvimento humano no que concerne ao autoconhecimento, à busca de sentido da vida, da felicidade e da satisfação pessoal (CUENCA, 2014).

Esse argumento sobre a experiência tem relação direta com o grau de pessoalidade que apontamos de acordo com as ideias de Elias e Dunning (1992, p. 179) no capítulo anterior. O lazer seria a única esfera da vida em que o indivíduo pode decidir sobre sua própria satisfação sem levar em consideração a decisão dos outros sobre o que se propõe a fazer. Apoiado nessa defesa, Cuenca propõe que, para que se entenda o significado de uma experiência de lazer, deve-se direcionar o olhar para o praticante, e não para a prática. Assim, o marco de referência é sempre centrado no sujeito, pois a experiência seria intransferível, mesmo que se compartilhe com outras pessoas.

De forma mais detalhada, o predomínio emocional da experiência de lazer para o indivíduo tem relação direta com a ideia proposta por Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 15), quando destaca que “a experiência é o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. O que Manuel Cuenca elucida então é que a experiência de lazer não é algo que parte da razão, mas sim se origina das emoções e sensações que fomenta, fator que reforça a descentralidade da atividade e localiza o indivíduo como protagonista desse lazer. Esse ponto é central para entender a diversidade que há nas vivências de lazer, já que o que “toca” (como experiência) determinada pessoa no lazer pode ser distinto para outra, assim como contextos e tempos dedicados ao lazer são também distintos entre a população.

Outro aspecto apontado por Cuenca é o caráter de *livre satisfação* que o lazer pode proporcionar por se tratar de uma esfera livre de obrigações da vida cotidiana, em que o indivíduo opera como principal agente e pode fazer o que lhe dá prazer. Tendo como pano de fundo as sociedades atuais, para as quais a vida cotidiana é cada vez mais apressada, rígida e massacrante, as vivências de lazer operam fora dos compromissos obrigatórios, ou seja, o caráter hedônico desafia a regularidade, a constância e o controle que a rotina na vida contemporânea obrigaria. Essa faceta do lazer se liga também aos aspectos evidenciados por Csikszentmihalyi e Csikszentmihalyi (1992), autores que, apesar de não pertencerem diretamente aos estudos do lazer, se fazem bastante presentes na produção científica da área, com investigações que ilustram o lazer como uma ação individual de livre escolha.

Csikszentmihalyi e Csikszentmihalyi desenvolveram a teoria do *flow*, que consiste no entendimento de uma experiência de lazer autotélica que se torna tão gratificante a ponto de absorver o indivíduo de tal maneira que o seu entorno não é muito mais importante, ou seja, o indivíduo se percebe em um estado mental de profunda satisfação, de uma gratificação que acarreta em crescimento pessoal. O *flow* é entendido como um estado experiencial atrelado a práticas escolhidas pelo indivíduo que geram sentimento de euforia, uma *experiência ideal* de completo envolvimento intrínseco em uma atividade a que não se tem acesso no dia a dia conturbado.

Os autores descrevem que se pode experienciar o *flow* por meio de práticas que são desafiantes e requerem habilidades e empenho para realizá-las (aspecto também importante para Cuenca – 2014), além daquelas que necessitam de atenção para transpor o desafio apresentado, ou seja, o indivíduo é completamente protagonista da cena em que se encontra, e não um participante-passivo. Esse estado de atenção move as outras questões da vida para a margem do pensamento, criando um estado de controle que se protagoniza no indivíduo e traz, como consequência, a perda da autoconsciência ou uma evasão do mundo real e modifica a percepção do tempo-espaço ao seu redor.

As ideias de Csikszentmihalyi e Csikszentmihalyi (1992) apresentam relevante impacto quando são contrastadas com as situações ordinárias da vida que pressupõem conflitos, pressões, preocupações externas, ansiedades quanto às expectativas corriqueiras, as quais podem evidenciar a falta de controle sobre os eventos que nos acometem diariamente. As experiências de lazer nessa teoria apresentam um cenário que deslocaria os aspectos conflitantes do mundo real para um lugar secundário, dando enfoque total no indivíduo

realizante da prática livremente escolhida, propiciando crescimento pessoal ao desempenhar tarefas complexas que exercitem a criatividade.

No entanto, algumas ponderações devem ser feitas quanto ao acesso à experiência do *flow*. Podemos argumentar que entre os gêneros pode haver diferentes percepções da experiência de lazer. Os contextos culturais de vida influenciam em experiências distintas que impactam na motivação intrínseca para a realização de práticas de lazer. Isto é, se a jornada diária da mulher em relação ao trabalho, às obrigações familiares e domésticas preencherem mais seu tempo disponível quando comparado ao dos homens (ROSA; SILVA, 2017), podem existir barreiras quanto à disponibilidade de tempo, maiores preocupações, situações estressantes, que concomitam em empecilhos para se realizar atividades que poderiam dar abertura para o estado de *flow*. Apesar de entendermos que os contextos de lazer representam para o público feminino mais do que nunca a oportunidade de satisfação pessoal e de resistência a alguns papéis impostos tradicionalmente à mulher (GREEN, 1998). Cabe salientar, como outro ponto, que a necessidade de se adquirir habilidades para vivências dos estados de *flow* apresenta-se como outra barreira, pois algumas pessoas podem não querer escolher atividades com grande requerimento de esforço físico e mental por não se sentirem capazes de realizá-las.

Há características comuns percebidas entre Cuenca (2014) e Csikszentmihalyi e Csikszentmihalyi (1992) que devem ser ponderadas. Quanto às vivências de experiências de contemplação e satisfação, o grau de instrução e desenvolvimento pessoal deve ser levado em conta. A satisfação duradoura ocorreria quando os conhecimentos e as habilidades do indivíduo se equiparam à experiência de lazer a ser realizada, do contrário a prática pode dar desfeixo ao tédio. Essa perspectiva demarca, no entanto, uma possível dificuldade ou intangibilidade de realização das experiências de lazer enquadradas nas propostas discutidas, pois denotam a necessidade de uma construção de conhecimento ou repertório de habilidades do sujeito praticante para acessar essa viviência. Essa constatação, principalmente no contexto brasileiro, em que muitas vezes os direitos básicos, principalmente ao lazer, não são cumpridos e grande parte da população declara não ter tempo para práticas de lazer, pode indicar barreiras para tal concretização (BAHIA; BRITO, 2017).

As habilidades para uma prática são essenciais também na teoria de outro pesquisador da área, Robert Stebbins, que nos traz a categoria de *lazer sério* (1982). Para o autor, quando

se realiza uma atividade que se torna tão substancial e satisfatória, o participante desenvolve uma "carreira" em torno dela, buscando adquirir habilidades, conhecimento e experiência. Essa investigação surge com sujeitos que percebiam se dedicar a algo com seriedade e com empenho nos momentos de lazer. O *lazer sério* apresenta ao participante um compromisso com a atividade e um modo de vivê-la de maneira intensa, mediante a dedicação do indivíduo para ver seu esforço materializado em um estágio final.

Apesar de demarcar em seu discurso lógicas mercadológicas contrárias aos pressupostos de Cuenca (2014), como a relação de "custo-benefício", "carreira", "esforço" e "recompensa" para a obtenção da gratificação pessoal, ambos os autores, Cuenca e Stebbins, concordam que o grau de conhecimento e a construção de habilidades são formas de obter-se um lazer satisfatório. Stebbins (1982) aponta que, diferentemente de outros tipos, esse lazer é o que proporcionaria ao indivíduo uma satisfação duradoura ou um "prêmio" pelo dispêndio de recursos, energia física, intelectual. A teoria de Stebbins é bastante difundida na comunidade científica da área, principalmente pela sistematização das formas com que se desenvolvem as práticas no universo do lazer. Para o autor, o lazer constitui-se por meio de formas de entretenimento, tais como: atividades amadoras que combinam autointeresse e interesse público, como apreciação pelas artes, ciência e esportes, além da prática de *hobbies* e de atividades de voluntariado motivadas pela ajuda ao próximo.

No entanto, algumas críticas são feitas à teoria do lazer sério, e o dispor de habilidades para o estado prolongado de satisfação é, como mencionamos, uma delas, além da classificação de outras atividades como sendo menos importantes, pois não se enquadrariam no repertório de experiências duradouras (MUNNÉ; CODINA, 1999). O próprio autor reorganiza sua teoria e estabelece como resposta a essa questão a ideia do *lazer casual*, que englobaria atividades que proporcionariam gratificação instantânea sem a necessidade de esforço ou treinamento. São citados como exemplos o entretenimento (ver televisão, ler, ouvir música); o entretenimento ativo (jogos de azar); a conversação social (atividades sociais); e a estimulação social (atividade sexual, comer, usos de drogas).

De todo modo, outro ponto de tensão que argumentamos sobre o *lazer sério* refere-se a classificar práticas dentro de certas categorias, que, apesar de auxiliar nos moldes de investigação científica sobre o fenômeno, torna-se um tanto quanto simplista, partindo do fato de que o lazer é polissêmico e apresenta sentidos distintos para cada participante. Dessa

maneira, as ideias de Cuenca (2014) nos são caras nesse argumento, por compreendermos que descentralizar o olhar da atividade em si dá foco para as motivações individuais para a sua realização, principalmente quando se considera o universo de possibilidades que o lazer nas sociedades contemporâneas apresenta.

3.2. A sociedade de consumo e o lazer

Especialmente no que concerne às transformações que nos direcionaram aos moldes das sociedades atuais, argumentamos aqui acerca de alguns contrastes com as questões que apresentamos sobre o lazer como desenvolvimento humano na seção anterior e que vão tangenciar nosso debate sobre a ideia dessa vivência como um fenômeno ambivalente na sociedade atual.

Voltando um pouco na ordem cronológica moderna que temos seguido, no final do século XIX o economista e sociólogo americano Thorstein Veblen (1988) desenvolve a teoria da classe ociosa. O autor descreve a sociedade moderna daquela época como em uma constante busca por reconhecimento social, *status* e poder, com destaque para o fato de que para a população rica há uma relação próxima entre o lazer e o consumo como elementos fundamentais para a *distinção social*. O lazer representa, muitas vezes, uma atividade "não produtiva de consumo do tempo" que aparece como um sinal subjetivo de riqueza, sobretudo para a classe burguesa detentora do capital.

Ter tempo disponível significa abstenção do mundo do trabalho, que, segundo o autor, oportuniza assinalar um repertório de comportamentos sociais em torno do consumo conspícuo[9] do tempo, como as práticas de esportes de elite e os encontros e eventos entre a burguesia no findar do século XIX, que criava a oportunidade do socializar de signos sociais, tais como modos de vestimenta e linguajar, gostos culinários, musicais, arquitetônicos e a noção do que é belo, que se tornam marcas de distinção dos signos populares.

Passado pouco mais de um século, Lipovetsky (2007), ao discorrer sobre o consumo nas sociedades, ilustra também as transformações sociais modernas por meio do consumo em três grandes fases. O primeiro cenário estende-se do final do século XIX até a II Guerra Mundial, descrita pelo autor como a *construção cultural sobre o consumo*, na qual a cadeia

[9] Para Veblen (1988), o consumo conspícuo é uma forma de gasto ostentatório que tem por propósito não apenas satisfazer as necessidades, mas exibir um *status* social.

produtiva e o *marketing* em massa passam a impactar a sociedade dessa época. Essa fase se caracteriza por uma amplitude de acesso a mercadorias e uma "educação das classes" para os bens de consumo. Para o autor:

> [...] até a década de 1880, os produtos eram anônimos, vendiam-se a granel e as marcas nacionais eram pouco numerosas. A fim de controlar os fluxos de produção e de rentabilizar sua equipe, as novas indústrias colocaram em condições seus próprios produtos fazendo publicidade de sua marca em escala nacional (LIPOVETSKY, 2007, p. 25, tradução nossa).

Notamos nessa passagem que o contexto econômico da época exigia a expansão do mercado por várias vias, tendo em vista as possibilidades de infraestrutura moderna, como as linhas ferroviárias e de telecomunicações. A expansão da produção se dá pela coordenação metodológica do trabalho, como se exemplifica pela linha de produção fordista e também na incorporação da publicidade com lançamento do modelo T da montadora Ford e as propagandas da marca de bebidas Coca-Cola. Os produtos passam a estar ao "alcance de todos" dentro do mercado de massa, quando o consumidor começa, vagarosamente, a ter uma relação direta com as marcas.

A segunda fase do consumo, de acordo com o autor, inicia-se no final da II Guerra Mundial e finda na década de 1980. A partir desse ponto a sociedade passa a valorizar outro aspecto do consumo, a *faceta emocional*, em vista da diferenciação social que a aquisição de um produto poderia representar. Aquilo que Veblen (1988) aponta sobre o prestígio social por meio do consumo conspícuo na burguesia no século XIX, Lipovetsky vai argumentar que na década de 1980, com a prosperidade de produção e o *boom* econômico nos países mais ricos, o consumo torna acessível um modo de se afirmar, de se distinguir, de se integrar à hierarquia de signos sociais. Assim, os bens de consumo não só representam funcionalidade, mas devem despertar os sentidos daqueles que os utilizam, devem contemplar a faceta emocional do indivíduo.

Confluente a esse processo, o consumo passa a representar uma esfera de construção da identidade do indivíduo perante o que se vai tornar o mundo líquido, instável e competitivo. As identidades, antes moldadas pelas estruturas sociais tradicionais, como a família, as instituições religiosas e o trabalho, agora se tornam aspectos de angústia e de desconforto na sociedade do espetáculo, considerando as exigências massificadas de procura pela felicidade e pelo prazer prometidos pela modernidade. O consumo se materializa como

um elemento de orientação e estabilidade ao fluxo disforme das incertezas e da volatilidade do mundo atual (BAUMAN, 2001; DEBORD, 2000).

Para Lipovetsky (2007, p. 20, tradução nossa), “depois de ter dado ênfase ao bem-estar material, ao dinheiro e à segurança física, a nossa época dá prioridade à qualidade de vida, à expressão individual, a preocupações relativas ao sentido da vida”. Assim, a terceira fase do consumo emerge em um contexto de desregulação de mercado e angústia pessoal, na qual a competitividade e as transformações econômicas geram um horizonte de amplo estresse social. Em meio a isso, o mercado de consumo caracteriza-se por democratizar o acesso às novidades e se organizar em torno de uma esfera individual, intimista. Essa fase é determinada como *hiperconsumo*, na qual as necessidades são produtos emocionalmente comercializáveis.

Podemos argumentar que, para Lipovetsky (2007), o consumo dá passagem para o privado, íntimo, o indivíduo consumidor já não almeja somente o bem-estar material, mas sim uma harmonia interna, estética e conforto trazido pelas sensações do consumo, almeja amenizar os anseios proporcionados pela vida moderna, pelas incertezas. A busca pelo equilíbrio e pela autoestima culmina nas ofertas de produtos e farmacopeias do prazer e da felicidade.

3.3. Identidades e estilos de vida

Como proposta de explorar as ambivalências do lazer nas sociedades atuais globalizadas, apressuradas e mercantilizadas, outro ponto a ser considerado para o entendimento dessas experiências de lazer refere-se à criação das identidades e os estilos de vida no mundo de hoje. Na modernidade líquida, a criação identitária é inflexionada pelo processo de ruptura dos alicerces tradicionais que suprimiam as escolhas individuais, mas que agora convergem na possibilidade de muitos indivíduos poderem fazer escolhas no *nível do eu* e menos considerando uma tradição.

Certamente as possibilidades de escolha em um mundo marcado por uma série de desigualdades socioeconômicas, de gênero, étnicas, são distintas e às vezes limitadas, mas o que Giddens (2002) nos aponta é que há agora a inevitabilidade de fazer escolhas, ou seja, não só temos a liberdade de escolher estilos de vida como forma de preencher nossas necessidades

pessoais, mas esses estilos traduzem aquilo que buscamos como uma narrativa individual sobre nós mesmos, aquilo que nos define como pessoa em relação ao mundo.

Dessa maneira, os estilos de vida abrangem uma pluralidade de escolhas com motivações individuais, isto é, são muito mais opções a serem adotadas do que outorgadas. Os estilos se traduzem em ações corriqueiras, como modos de vestimenta, corpo, preferências de comida, de bebidas, de espaços e vivências de lazeres que aparecem no amplo repertório de experiências das sociedades atuais. A construção do eu passa a ser uma tarefa individual (GOLDENBERG; RAMOS, 2002; PROST, 2009) que por vezes pode envolver signos da cultura de consumo em virtude da vasta possibilidade de imagens e símbolos que podem confluir em modos de orientação da vida cotidiana, como pensamentos, sentimentos e comportamentos.

Quando confrontamos as ideias sobre as identidades e estilos de vida, as dinâmicas de vida atual, percebemos que o mundo de hoje exige do indivíduo diferentes modos de relacionamento entre os tempos e espaços sociais. Se nos ambientes formais é esperado do indivíduo certas restrições de conduta e adaptação de comportamento, os espaços-tempos de lazer podem abrigar o exercício das identidades e dos estilos de vida, ou seja, a oportunidade de estar em ambientes que não sejam normatizados pelas regras da rotina, como, para alguns, são as noites durante a semana e os fins de semana, os quais oferecem contraste com outras partes mais reguladas da vida.

Entretanto, podemos pensar também na aproximação do consumo na construção de vida de uma parte dos sujeitos contemporâneos. As vivências do lazer podem vir carregadas com as dinâmicas mercadológicas atuais, que marcam a busca por situações e sentimentos aprazíveis capitados pela indústria do consumo como possibilidade de experimentações momentâneas. As culturas juvenis se veem em constante mudança dentro da sociedade contemporânea, e tais mudanças são cruciais para explorar a relação entre as identidades, os estilos de vida, o consumo e o lazer. A criação de identidades e estilos de vida perpassa menos por pensamentos tradicionais e é reforçada pela globalização e inovações tecnológicas, iniciando um processo de declínio nas formas sólidas de ser jovem (DUFF, 2003; GIDDENS, 2002). A cultura juvenil de hoje é significativamente diferente das observadas nas gerações passadas, e isso demanda dizer que ocorreram mudanças compreensivas nessa cultura, dentro da qual o consumo é visto como um (re)criador de novas identidades.

3.4. Usos de drogas no lazer

Um modo frequente de se iniciar discussões sobre o consumo de drogas é remeter esse fenômeno à ideia de práticas milenares percebidas entre inúmeras civilizações com cunho terapêutico, ritualístico, lúdico, religioso (CARNEIRO, 2009). Essa argumentação é bastante relevante por estar ligada à ideia de que os usos de drogas sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade, mas que passaram e passam por uma complexidade de fatores no decorrer da transformação das sociedades que se traduzem nas inúmeras formas de enxergar o fenômeno hoje.

O crescimento do consumo de psicoativos pode ser identificado principalmente a partir do século XIX, quando há o desenvolvimento da química, a constituição da indústria farmacêutica e a consolidação do capitalismo como sistema mundial de mercado. Esses fatores impactam na produção, na circulação e no consumo dos psicoativos, alterando, por vezes, o sistema de necessidades socialmente produzido. Nesse momento, algumas populações passam a usar substâncias psicoativas de modo intenso, o que repercute na regulação e classificação das drogas de acordo com a lógica médica, considerando algumas formas de uso como profilaxia, como o uso de medicamentos, e outras como problema social, em virtude do pânico da evolução para uma epidemia (BERGERON, 2012).

Tendo isso em vista, algumas drogas como o café e o tabaco são mais identificadas entre os consumos no século XIX, por serem substâncias compatíveis com o ideal de eficácia do capitalismo emergente por apresentarem efeitos passageiros que não atrapalhariam a rotina laboral e, concomitantemente, eram de comercialização lucrativa entre a população, enquanto o ópio era banido por diminuir a produtividade e incitar comportamentos antissociais. Essa relação é, no entanto, inflexionada posteriormente, no século seguinte, a partir das décadas de 1960 e 1970, sobretudo quando pensamos nas transformações que caracterizam o mundo moderno. Nessa época, os próprios consumos de drogas vão apresentando formas distintas de uso, especialmente quando são massificados e banalizados. No período posterior à Segunda Guerra Mundial, houve uma explosão nesse âmbito de consumo a partir da inscrição dos psicoativos na lógica mercantilista, tanto de drogas lícitas quanto de substâncias ilícitas (no mercado ilegal), que democratiza o acesso para as distintas categorias sociais, sobretudo os jovens.

Assim, a droga passa a incorporar os modos de vida das juventudes. Nos Estados Unidos, por exemplo, no movimento *Hippie* temos o uso de LSD e de heroína como busca pelo contato com o eu interno e da criatividade, aspectos relatados também por Aldous Huxley em *As portas da percepção* (2015). Posteriormente, o uso de *crack* e de cocaína é amplamente associado aos movimentos de contracultura dos anos de 1980, para nos anos de 1990 assegurar presença em clubes e boates britânicos com as chamadas *dance drugs*: o *ecstasy* e as anfetaminas.

Contudo, algo que não podemos perder de vista é que a massificação do uso também veio carregada de regulações e estigmas sobre as populações usuárias, em especial as juventudes. A expansão do consumo de psicoativos carrega um contexto ambíguo e tênue de discussão, já que, por ora, o uso pode estar ligado a momentos de relaxamento, diversão e festa, e outras vezes à compulsividade, sendo também entendida como abertura para a dependência, a criminalidade e a marginalidade.

Esse paradoxo nos remete a dois argumentos de autores da sociologia: a classificação das drogas, discutida por Bergeron (2012), e a ideia de usos desviantes, problematizada por Becker (2008). A classificação das drogas, segundo Bergeron, recai sobre aspectos jurídicos especialmente pautados nos conceitos afirmados pelas áreas biológicas que definem licitudes, como bebidas alcoólicas, tabaco e medicamentos, e ilicitudes, como maconha, cocaína, anfetaminas e outras. Contudo, ainda de acordo Bergeron:

> [...] Essa constatação bastante banal nos convida a reconhecer que a categorização social de uma substância como "droga" e sua classificação jurídica como "entorpecente" dependem muito mais de uma convenção social e cultural. Isso quer dizer que o conceito "droga" e a diversidade de substâncias que ele compreende em seu perímetro devem ser considerados o produto, por natureza provisório, de lutas simbólicas e científicas, tanto quanto políticas e sociais: a fronteira que separa a classe das drogas ilícitas e a classe dos produtos psicoativos lícitos é basicamente permeável, como nos ensina a história (BERGERON, 2012, p. 8-9).

O que o autor discute é que essa classificação médico-legal se torna inapropriada em relação aos efeitos psicoativos e danosos provocados no indivíduo, principalmente se tomarmos como exemplo as bebidas alcoólicas e alguns remédios, estando ambos relacionados e interdependentes dos aspectos culturais de cada sociedade. Todos os grupos sociais estabelecem regras que pautam o convívio comum em sociedade, que se traduzem em modelos de comportamentos do que é ou não aceitável. Tais regras não aparecem necessariamente em formato de lei, mas são adotadas dentro da cadeia de inter-relações entre

indivíduos (ELIAS, 1993), categorizando aqueles que não operam na norma como sendo sujeitos desviantes, que necessitam de um reenquadramento.

De modo complementar, Becker (2008) sugere que a análise sobre o consumo se apresenta de duas maneiras: por vezes busca entender os usos principalmente de substâncias ilícitas entre alguns grupos, ou seja, porque os indivíduos consomem aquela(s) substância(s), e, ainda, questiona o olhar que recai sobre o usuário, apresentado como desviante. Para o autor, a construção do desvio parte da percepção negativa e amedrontada que a sociedade tem sobre algumas substâncias e formas de uso, reação que é também reforçada pelos diversos dispositivos de comunicação que auxiliam a criar narrativas simplistas sobre os usos.

Há um rechaço em relação a certas drogas e seus consumidores que advém de uma fobia social que é acentuada pelo contexto sociocultural, "[...] as qualidades farmacológicas das drogas são virtualmente insignificantes fora de seus contextos político-econômico e sociocultural" (BOURGOIS, 2005, p. 95, tradução nossa). As contradições das sociedades modernas deixam exposta a fragilidade dos discursos morais em torno do rótulo que o uso de drogas traz.

Em relação ao consumo pelo usuário, Becker (2008) aponta que o hábito de uso de uma droga opera a partir da atribuição de significados da própria experiência de usar e os efeitos então percebidos. O consumo aparece dentro de um processo de aprendizado em que os indivíduos compartilham códigos e ritos sobre as sensações proporcionadas pela droga com outros indivíduos e aprende a reconhecer os efeitos. Os argumentos de Bergeron e Becker mostram-se essenciais no debate sobre os consumos de drogas por trazerem à tona questões sociológicas que por muito tempo foram deixadas à margem, em vista da preponderância científica das áreas da saúde, disciplinas que tradicionalmente dão enfoque às questões epidemiológicas e bioquímicas dos usos. A entrada da sociologia nos debates sobre o uso de drogas oportuniza olhar não para a substância, mas para o sujeito praticante, isto é, dá foco aos modos de consumo, bem como aos espaços-tempos de uso dentro do plano sociocultural.

Sugerimos, com base nesse apanhado teórico, que o consumo de psicoativos representa uma prática social que responde às necessidades sociais, portanto históricas, e isso requer que tratemos a temática recorrendo a uma abordagem histórica e de totalidade, em vez de ideias recortadas do plano social (COMAS, 2009). Sabemos que o uso de drogas é uma prática associada a diversas motivações que se vinculam aos usos terapêuticos, ritualísticos,

de interação social, recreativo e de alteração na apreensão da realidade, portanto podemos argumentar que esse uso se liga a uma série de necessidades sociais modernas, como alívio de sofrimento, medidas profiláticas, busca de prazer, alteração da consciência e da percepção da realidade, desinibição dos sentimentos e sentidos e melhoria no desempenho de inúmeras atividades que comportam expectativas sociais, como atividades profissionais, sexuais, de aprendizagem, esportivas e artísticas (BERGERON, 2012; CARNEIRO, 2014).

É baseada nesse panorama que nossa intenção aqui é discutir os usos que se vinculam à perspectiva recreativa, por entendermos que muitos desses consumos acontecem nos cenários de lazer, objeto desta investigação. Partindo desse entendimento, assumimos a tarefa proposta por Rojek (1999) de que o campo do lazer deve incorporar as experiências consideradas socialmente desviantes como uma categoria central de pesquisa e discussão. Sabemos que ligar duas áreas acadêmicas como os estudos do lazer e os usos de drogas recorrendo à sociologia representa muito mais que apontar dados que já aparecem consolidados sobre a frequência e a prevalência do uso recreativo de drogas, mas sim levantar questões sobre a relevância de compreender (e não recortar) a centralidade do uso nos cenários de lazer, sobretudo entre as culturas juvenis contemporâneas, que são a população de investigação deste estudo.

No que concerne ao uso recreativo, os tempos e espaços que vão surgindo em torno do lazer na vida humana vão trazendo aberturas de valores sociais muito menos ditados pelas instituições tradicionais e mais pela procura de momentos aprazíveis. As transformações da sociedade, a possibilidade de fazer escolhas somada ao ambiente de indefinição dos papéis sociais fora dos padrões tradicionais, apresentam ao cenário do lazer um setor de pluralidade de escolhas, entre os quais se integram o consumo de drogas, principalmente impulsionado pelas relações com o mercado de consumo (MEASHAM; BRAIN, 2005; ROMERA, 2014), do qual trataremos posteriormente de forma mais detalhada. O uso de drogas é cada vez mais democrático, sendo percebido em diferentes camadas socioeconômicas, localidades, faixas etárias e sexo.

Cabe ressaltar aqui argumentos sobre essa expansão do uso de drogas de acordo com ideias que fomos expondo ao longo dos capítulos. Sobretudo pela ruptura com as formas tradicionais de pensamento que trazem uma pluralidade de discursos e identidades acerca das culturas juvenis contemporâneas, o uso de drogas deixa de ser enxergado, pelo menos para

uma parcela desses jovens, através das lentes do desvio e da delinquência e passa a fazer parte da esfera do entretenimento no lazer, compondo parte dos estilos de vida (DUFF, 2003). Assim, o aumento do consumo de substâncias psicoativas pode ser mais uma consequência do mundo líquido, que exige do indivíduo uma forma de produção social do eu nos holofotes da individualidade e prioriza a procura e o consumo de sensações aprazíveis a todo instante, como o fio condutor da existência (LE BRETON, 2009; MARTINIC; MEASHAM, 2008).

De acordo com perspectivas sociológicas sobre o uso de drogas, então pronunciadas a partir das evidências apontadas outrora por Howard Becker, alguns estudos mais recentes investigam esses usos entre as populações jovens com destaque para as mudanças nos valores simbólicos de consumo, as formas com que o uso é construído, e em como é percebido e por vezes tolerado (pelo público abstêmio) como uma prática social entre as juventudes na sociedade contemporânea (DUFF, 2003; MEASHAM; BRAIN, 2005).

A partir da ruptura com as tradições e formas fixas de identidade, o próprio processo desviante de consumir drogas deixa de estar relacionado a uma atitude ou comportamento de subcultura juvenil, quando passa a se apresentar também entre a cultura dominante, ou seja, há o descolamento de um comportamento alocado nas margens da esfera social para o centro da cultura contemporânea de determinados coletivos jovens. O fato de parcelas das juventudes terem maior acesso a substâncias lícitas e ilícitas e apresentarem idade de primeiro uso cada vez mais precoce e altas taxas de uso recreativo pode ter provocado mudanças de atitude sobre o uso de drogas, que para os autores são indícios de uma acomodação social sobre o uso recreativo de drogas entre os jovens, apresentando-se cada vez mais entre estes e em diversas localidades (PARKER et al., 1999).

Tendo esse horizonte em vista, podemos argumentar que os indivíduos que se engajam nos consumos recreativos de drogas não procuram somente as propriedades farmacológicas das substâncias, mas as formas simbólicas de consumo que estão por trás do estilo de vida e identidade. O processo decisório de consumo passa tanto pela agência do indivíduo, no que concerne às suas percepções sobre o mundo e sobre si, quanto pelas pressões sociais dos contextos em que vivem. Portanto, torna-se simplista reduzir os usos de drogas dessa população somente às vias tradicionais do risco e do desvio, que por sua vez discute realidades recortadas, que homogenizam as leituras sobre as juventudes e os usos de drogas sem problematizar questões sociais.

Para sintetizar este capítulo, sugerimos que o lazer se apresenta de forma polissêmica na sociedade atual, com um amplo repertório de vivências que se traduzem em questões subjetivas e motivações sociais que podem abrir espaço para o desfrute individual dessas experiências, mas evidenciam uma série de discussões sobre práticas de lazer que giram em torno do consumo ou, de forma muitas vezes estigmatizada, uso de drogas, que correspondem a práticas sociais de uma parte de indivíduos, principalmente os jovens.

Assim, de maneira mais específica, voltamos nosso olhar para o capítulo seguinte, que trata das experiências de lazer noturno das populações juvenis já na sociedade pós-industrial de consumo, que impulsiona a busca pelo prazer e na qual o uso de drogas representa uma entre as várias possibilidades de alcance de satisfação pessoal.

4 LAZER NOTURNO E O USO DE DROGAS: A JUVENTUDE ENTRE A SEDUÇÃO E A REDUÇÃO DOS CONSUMOS DE PSICOATIVOS

A partir de 1970, a sociedade ocidental mergulhou em um processo de transformação econômica e política, sendo especialmente marcada pelas mudanças do modelo industrial para o pós-industrial. Tal processo passa a favorecer, em muitas localidades, sobretudo nos países europeus e nos Estados Unidos, o crescimento econômico por intermédio de maior incentivo governamental aos novos empreendimentos no setor privado. Esse fator tem íntima relação com a reestruturação do lazer noturno e com a emergência de uma economia de consumo voltada para os complexos de entretenimento e diversão. Esses aspectos estimularam a cultura do consumo e os valores nas sociedades ocidentais, que passam, gradativamente, a refletir no lazer da noite uma organização em torno da exploração do prazer em suas diversas facetas, além de mercantilizar as necessidades no mundo globalizado e reforçar o *éthos* da alegria em torno das vivências de experiência hedônica e dos estilos de vida (HOBBS et al., 2000).

Na sociedade de consumo, os tempos se aceleraram, expandiram-se as necessidades, modificaram-se os valores e as atitudes, a qualidade de vida e a expressão de si se tornaram essenciais, e as vivências de lazer aparecem como uma marca fundamental dessa sociedade. A noite, como espaço-tempo, ganhou um novo significado, ganhando mais notoriedade e passando a representar um contexto de diversão mais democrático. O lazer noturno assume a função de romper com a rotina do dia, transbordando símbolos de diversão, diversidade, prazer, autogratificação e socialização. A vida noturna é povoada por uma diversidade de culturas juvenis de diferentes idades, etnias e gêneros, aglomerados em espaços formais e informais urbanos (MARGULIS, 1994).

Dentro dessa diversidade noturna, o consumo de drogas, como viemos discutindo, representa uma entre as inúmeras possibilidades de experimentação desse lazer e pode ser entendido, com base nas discussões apresentadas, como um ato social que requer compreensão de acordo com um universo cultural de valores, normas e atitudes de cada sociedade. Trataremos, no decorrer deste capítulo, da criação de contextos recreativos de consumos de drogas na modernidade atual, as quais impõem estratégias vinculadas aos usos de drogas como estilo de vida, prazer e socialização, mas que também evidenciam suas raízes na solidez mediante uma série de restrições e contradições sobre os usos.

Portanto, o presente capítulo aborda a relação do lazer noturno de parcela das juventudes e o consumo de drogas. Essa aproximação tem por objetivo investigar a literatura pertinente ao lazer noturno, os aspectos concernentes a esse espaço e tempo e às vivências dos jovens, que compõem ainda um âmbito pouco explorado pelos estudos nacionais. Investigar essa temática nos tempos atuais convida, no entanto, a debates sobre aspectos delicados da própria sociedade e seu lazer, pois tratamos de um fenômeno que traz consigo linhas de pensamento distintas e às vezes conflitantes. Assim, não tratamos aqui de fazer apologia ou de naturalizar os usos, tampouco de ser moralistas acerca do assunto.

4.1. Consumo recreativo de drogas: visões controversas

O crescimento do padrão "uso recreativo de drogas", quer seja de substâncias lícitas ou ilícitas, é cada vez mais presente, configurando-se como uma conjuntura de uso que exige investigação das distintas áreas do conhecimento, enfatizando mudanças econômicas e políticas nas sociedades pós-industriais, que por sua vez possibilitaram o incentivo ao lazer noturno e, por conseguinte, um impulso ao mercado de consumo de drogas (MEASHAM; ØSTERGAARD, 2009; MEASHAM; MOORE, 2009). Entre esse incentivo, a produção de novas percepções das experiências hedônicas de consumo noturno de lazer faz emergir, consequentemente, uma série de questões (como o uso excessivo de substâncias lícitas e ilícitas e danos que surgem em torno desses consumos) que denotam novos desafios para a elaboração de propostas que visem à prevenção, quer seja universal, seletiva ou indicada[10], e a redução de danos nesses contextos.

A literatura sobre o uso recreativo de drogas destaca diversas medidas voltadas à regulação do consumo e redução dos danos, expondo especialmente a dissonância entre as políticas de fomento à indústria do consumo de drogas no lazer noturno e as ações de prevenção/redução de danos do uso, conferindo a esse campo disputas e tensionamentos, uma espécie de jogo de "cabo de guerra" no qual a corda representa a tensão entre as forças de sedução para o uso e as medidas de redução dos riscos.

[10] A prevenção universal é dirigida para uma população geral; a prevenção seletiva foca em subgrupos e segmentos da população geral; e a indicada se dirige a indivíduos que apresentam comportamento de risco (ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIMES, 2014).

4.1.1. Incentivo ao consumo no lazer noturno

Evidenciando um pouco do cenário de consumo no lazer noturno, importa-nos, nesta seção, discutir algumas ações que se entrelaçam com o mercado noturno mediante uma série de relações sociais e econômicas que constroem e reconstroem interesses e conflitos entre os agentes e forças nesse campo. Das ações relacionadas ao lazer noturno, damos destaque àquelas pertinentes à indústria das bebidas alcoólicas por apresentarem aspectos que, visivelmente, inflexionam o campo econômico do lazer com resultados positivos e negativos (ROMERA, 2014).

Measham e Brain (2005) destacam que iniciativas governamentais sobre a liberação de venda, publicidade e consumo de bebidas alcoólicas surgidas na Inglaterra nos anos de 1990 representaram, por um lado, um grande impulso econômico e social ao lazer noturno, o que beneficiou e reurbanizou áreas destinadas à concentração de estabelecimentos como bares, *pubs*, casas de *shows* e boates ao longo das cidades inglesas. Por outro lado, essas liberações representaram também impactos que confluíram no aparecimento de uma nova cultura do beber, o *binge drinking*, que corresponde a beber grandes quantidades de álcool em um curto espaço de tempo, prática que representa altos índices entre os jovens britânicos (MEASHAM, 2008; MEASHAM; ØSTERGAARD, 2009).

O apelo recreativo que o consumo de bebidas alcoólicas ganhou, aliado à publicidade dos produtos, refletiu em uma nova forma de experimentação de uma determinada modalidade de lazer. Measham e Brain (2005) afirmam que o consumo de bebidas alcoólicas emergiu na vida noturna como parte de uma cultura hedônica, que é definida aqui pela busca da sociedade de sentir mais, pela sede de se divertir, de conseguir sensações imediatas gratificantes, de exacerbar o prazer (LIPOVETSKY, 2005), principalmente nos fins de semana, e esse fator aparece atrelado a transformações e medidas direcionadas para uma era pós-industrial de consumo.

Para os autores, o primeiro aspecto que favorece essa lógica é a reconfiguração dos produtos alcoólicos já existentes (cervejas, vinhos, *vodkas* etc.) e a emergência de novas bebidas. Surgem também novos produtos, como os *mixers* (bebidas com energético, com cafeína, com sucos) e os *shots*, de ingestão rápida. O segundo fator é um aumento progressivo da publicidade em torno desses produtos, veiculados como marcadores de diferentes estilos de vida, caracterizando ações de direcionamento do mercado para nichos populacionais

específicos e, especialmente, voltados para as juventudes. O último fator é o aparecimento de estabelecimentos temáticos (bares, *pubs*, café-bar) que promovem o estilo de vida *cool* em torno do consumo de bebidas alcoólicas, o que vai contribuir para a apropriação de ruas e avenidas como espaços formais de concentração jovem para a socialização e usos do álcool. Essas medidas colaboraram para a atração de novos consumidores para os estabelecimentos, para o fomento do lazer noturno nas áreas em que se concentram empreendimentos para essa finalidade e também para uma progressiva acomodação do uso de álcool como estilo de vida naturalizado, especialmente entre determinados grupos jovens nos fins de semana.

De modo similar, McEwan, Campbell e Swain (2010) investigam a cultura de intoxicação na Nova Zelândia e expõem que as leis de liberação das bebidas alcoólicas, das propagandas publicitárias nas mídias sociais e os novos produtos, especialmente desenhados para atender não só aos mercados nacionais, mas também a uma rede internacional no mundo globalizado, criam uma atmosfera cultural de normalização do consumo de bebidas alcoólicas como estilo de vida. Os autores chamam atenção para outro aspecto: a integração da indústria de bebidas alcoólicas como patrocinadora de eventos esportivos, que então associam o espetáculo ao consumo nos principais torneios televisionados do país, como os campeonatos de *rugby*, proporcionando um ambiente de hospitalidade em bares envolvendo o consumo de bebidas e a socialização por meio do esporte.

Nota-se, com base nesses exemplos, que o campo das ações econômicas inflexiona o cenário do lazer noturno. A regulamentação da indústria de bebidas alcoólicas perpassa por interesses de corporações monopolistas que se organizam em torno de *lobbies* e têm influência nas decisões, tanto estatais quanto da política sobre a indústria e a economia (BABOR et al., 2003).

Outro aspecto destacado pelos autores se refere à fluidez de interesses e representações que permeiam as discussões sobre drogas ilícitas. As discussões midiatizadas acerca das substâncias ilegais por vezes representam uma forma de desviar a atenção das consequências geradas pelo consumo abusivo de álcool ou tabaco, moralizando/reprimindo esses usos. Essas visões podem influenciar o imaginário social sobre o consumo de drogas ilícitas gerando pânico social e estigma sobre usuários e também uma maior naturalização da presença das bebidas alcoólicas na vida cotidiana.

De maneira similar, o incentivo que se dá à indústria do entretenimento noturno em torno do consumo de bebidas alcoólicas reforça a cultura do *binge drinking*, contribuindo para a tolerância aos usos excessivos. Em contrapartida, como discutimos no capítulo anterior, a responsabilidade sobre a gestão do próprio uso, como uma herança moderna, é deslocada para o indivíduo. Para Bergeron (2012, p. 8),

> Embora o consumo recreativo de drogas, ligado à diversão e à festa, forme cada vez mais um dos aspectos mais significativos do quadro que descreve o uso de drogas no início do século XXI, o imaginário social habitualmente associado à droga e à toxicomania é sombrio: o fato de experimentar esses produtos, ou pelo menos alguns deles, é com muita frequência concebido como a mãe potencial do vício, do crime, da morbidez e da marginalidade.

Há socialmente uma "fronteira simbólica" entre as diversas drogas. O álcool e o tabaco não são considerados, pela opinião pública, "verdadeiramente drogas", possivelmente em virtude do fato de estarem classificadas como drogas lícitas e de fácil comercialização. E, como anteriormente discutido, essa classificação de lícito/ilícito promove, via de regra, interpretações equivocadas acerca dos prejuízos causados pelas diferentes substâncias, pois o fato de caracterizar-se no grupo das substâncias lícitas não significa dizer ausência de impactos negativos relativos aos usos, especialmente no que tange aos usos intensos (BERGERON, 2012, p. 17).

4.1.2. Redução do consumo de drogas

A cultura de intoxicação que citamos anteriormente traz à tona discursos midiáticos e políticos relativos à redução desses usos. Na mídia televisiva, por exemplo, os usos entre jovens são frequentemente noticiados como "descontrolados", "irresponsáveis". Além disso, alguns episódios de intoxicação geram pânico moral no que se refere à violência, assédio e sexo desprotegido e uma pressão para as governanças locais criarem medidas protetivas.

Moore (2010) enfatiza que as políticas de redução do consumo de drogas e de danos por muito tempo privilegiaram ações de cunho repressivo, tangenciadas por propagandas proibicionistas e intervenções/orientações de forças militares, com o objetivo de repreender e amedrontar a população sobre os usos de drogas, principalmente das ilícitas. Desse modo,

apoiaram-se na criação de medidas para priorizar a diminuição dos riscos e consequências adversas mediante a redução ou eliminação do uso dando ênfase a questões de saúde.

Outras ações têm focado de forma pragmática e não moralista na redução de danos visando à mudança de comportamento de consumo individual para a moderação, e não somente rumo à abstinência. Essas medidas mostram uma preocupação com o indivíduo como gestor de seu próprio consumo, que deve ele mesmo balancear as vantagens e desvantagens do uso. No entanto, quando relacionamos principalmente o mercado de drogas legais, essas ações de educação para o consumo devem medir forças diretas com uma economia voltada para o consumismo, que oferece uma gama enorme de produtos e promove o uso por toda parte com orçamentos milionários para as campanhas publicitárias, enquanto as ações preventivas não operam em condições igualitárias (MEASHAM, 2006).

Temos que pontuar também que a gestão do jovem sobre o seu próprio consumo não passa somente por aspectos racionais, como o cálculo entre as "vantagens e desvantagens" de usar, mas é circundado pela dimensão da construção e apresentação do "eu" social. Tal construção encontra-se balizada na identidade que, de forma controversa, é utilizada também como estratégia de *marketing* das marcas nas peças publicitárias de bebidas alcoólicas que fomentam a construção de estilos de vida dos usuários (MEASHAM, 2006; MCEWAN; CAMPBELL; SWAIN, 2010).

Podemos discutir que as ações que pressupõem a autogestão para o controle do uso colidem diretamente com a imensa força do mercado do lazer noturno que promove subliminarmente a cultura de intoxicação como estilo de vida, enquanto estampa mensagens tímidas e pequenas de "beba com moderação"[11] em seus anúncios.

Mais recentemente, em âmbito internacional, outras políticas de redução de danos vêm investindo em ações que se inserem nos ambientes em que o consumo se materializa (*Safer bar*) e incluem avisos nas embalagens de bebidas alcoólicas; instruções para estabelecimentos (bares, *pubs* e boates) indicarem transportes particulares para os clientes, como táxis; água gratuita e dicas sobre o consumo seguro de bebidas alcoólicas estampadas nas paredes dos estabelecimentos. No entanto, dependendo do contexto social, essas medidas são dificilmente cumpridas por falta de fiscalização e/ou financiamento (MEASHAM, 2006). Para a autora, é

[11] Frase de advertência prevista pelo Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária de 18/2/2008 do Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária, a ser veiculada obrigatoriamente em peças publicitárias em meios de comunicação.

nítido que os governos encontram amplas dificuldades quanto à implantação de políticas de redução de danos.

4.2. Espaços e tempos de lazer e usos de drogas

As transformações dos espaços de lazer noturno nas cidades acompanham a atribuição de novos significados econômicos à noite. A visão do período noturno como espaço e tempo econômico passa de atividades moralizadas e associadas à obscuridade e a pessoas dúbias no século XVIII para espaços de lazer voltados para consumo nas cidades nos séculos XX e XXI.

Com a emergência e o fortalecimento da indústria de entretenimento, atividades de consumo ganham força nas cidades e com elas os serviços de lazer noturno passam de atividades menos procuradas ou moralizadas para experiências e vivências centrais na vida urbana a partir da metade do século XX. Há a criação de "cenários de consumo", como *shopping centers*, cafés, restaurantes, cinemas e arenas esportivas, que provocam grande atenção para a vida noturna como oportunidade de lazer. A globalização da cultura e a corporativização da indústria do lazer noturno em torno de marcas, experiências individuais e locais tematizados fomentam um consumo que objetiva a gratificação e o prazer nos momentos de lazer (CHATTERTON; HOLLANDS, 2003; JAYNE; HOLLOWAY; VALENTINE, 2006).

A marca do desenvolvimento do lazer noturno envolve uma série de leis e incentivos que visam flexibilizar e fomentar o mercado na noite com medidas acerca do funcionamento de estabelecimentos (boates, clubes, bares e *pubs*) sem hora fixa para fechamento e o licenciamento da venda de bebidas alcoólicas. Para o governo local, a expansão do lazer noturno geraria empregos, novas edificações e estabelecimentos, regeneraria e reabilitaria espaços urbanos esquecidos nas cidades, fomentaria o turismo e acompanharia também o aumento da procura por lazer noturno principalmente para uma parcela do público jovem (JONES et al., 2003).

Martinic e Measham (2008), assim como Gómez (2004), discutem outros aspectos relativos ao lazer da juventude que são fundamentais para entendermos a expansão dos espaços de lazer noturno. Os autores apontam que as mudanças sociais verificadas a partir da metade do século XX vão refletir, para uma parcela da população, na expansão do tempo de juventude e no consequente atraso do ingresso nas instituições que normalmente marcam o

início da vida adulta (casar, ter filhos etc.). Esses fatores, aliados à disponibilidade de tempo livre e de recursos financeiros no *boom* econômico pós-guerra, possibilitam para alguns jovens maiores oportunidades de vivências de lazer separadas do público adulto em uma diversificação de espaços de lazer, fazendo emergir cenários prontos para a excitação e o prazer que também se relacionam ao consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas (MEASHAM; BRAIN, 2005).

Evidenciamos uma dupla relação que inflexiona o campo do lazer atual. Demant e Landolt (2014) sugerem que os estilos de consumo de drogas são fatores essênciais para a integração social na cena da noite, que enfatiza um consumo ligado ao bem-estar e ao prazer e cria espaços formais e informais (às vezes temporários) moralmente flexíveis para usos de drogas, como o *binge drinking* e o policonsumo[12] nas ruas. Ao mesmo tempo, em determinados espaços-tempos de lazer noturno, como boates, festivais de música, *resorts* turísticos (*paraísos artificiais*), como Ibiza, Mallorca e Goa, o padrão de uso é transformado mediante uma adaptação ao tipo de experiência e ao apelo estimulado pelo espaço-tempo. Os aspectos físicos, sensoriais e simbólicos dos locais envolvendo o consumo de experiências dão forma a muitos itinerários de uso e também a uma maior sensibilização e normalização das substâncias lícitas e ilícitas nesses espaços relacionados ao lazer de uma parcela da juventude (DILKES-FRAYNE, 2016; HESSE; TUTENGES, 2012; TURNER, 2018; SANDERS, 2005; VAN HAVERE et al., 2011).

Na pesquisa de Duff (2005) com jovens consumidores de drogas ilícitas, a "cena", ou seja, os espaços/contextos em que ocorrem a festa e os arredores são identificados como parte importante dos itinerários de uso recreativo de drogas. O pesquisador enfatiza que a ingestão de drogas estimulantes dentro dos espaços formais (nas boates, principalmente) é muitas vezes vigiada e reprimida, ocasionando a saída temporária do lugar e a procura por espaços próximos para o consumo (como estacionamentos ou carros próprios). Além disso, os espaços formais e informais também apresentam relação direta com o significado que essa parcela de jovens dá sobre o consumo, evindenciando que o mesmo uso pode materializar-se em dois lugares: a *cena de dança*, que é o ponto alto da noite, que tem o propósito da perda de inibição, mas também em *espaços privados*, como as residências após o regresso para casa,

[12] Consumo de mais de uma droga ou de mais de um tipo de droga por uma pessoa, normalmente ao mesmo tempo ou consecutivo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1997).

quando se percebe um consumo mais íntimo, que visa socializar, conversar e relaxar com os amigos.

No entanto, alguns dos autores problematizam que esses mesmos espaços-tempos de consumo noturno são contextos que expõem uma série de contradições (regulações e desregulações), pois focam na promoção de atmosferas que incitam o hedonismo da sociedade de consumo mediante a diversão e experiências gratificantes, mas que se convertem também em cenários de preocupação pública, restrições e exclusões (JAYNE; HOLLOWAY; VALENTINE, 2006; MEASHAM, 2004a; DEMANT; LANDOLT, 2014).

Principalmente durante as noites de fins de semana, um grande número (representativo de uma parcela) de jovens se reúne em torno do consumo de drogas lícitas e ilícitas em espaços formais destinados ao entretenimento, à sociabilidade e ao fomento ao consumo. Entretanto, todo estímulo de imagens e promoção da perseguição por experiências de lazer suscitam regulações e controles relacionados à saúde e à segurança que, na visão dos autores citados, são contraditórios à atmosfera que estimula "descontrole" e permissividade. Se, por um lado, ocorrem o incentivo à liberação, a oportunidade de divertimento, a excitação, a alteração do estado de consciência, a socialização, a liberação sexual, por outro, o lazer é circundado por mecanismos docilizadores modernos que enfatizam a "cultura do autocontrole" e restrição, como o policiamento e a vigilância urbana, então mediados por limitações estruturais, tais como idade mínima para entrada em estabelecimentos, gênero, etnia e nível socioeconômico, que, ainda, se relacionam aos preços dos produtos, ao padrão de vestimenta, ao comportamento social esperado e às zonas em que se instalam os estabelecimentos que traduzem o distanciamento ou a proibição de acesso a esses espaços-tempos (MEASHAM, 2004a).

Essas restrições podem provocar, por conseguinte, o surgimento de novas manifestações e apropriação de espaços informais para o consumo de bebidas e drogas ilícitas por aqueles que têm seu acesso limitado a essas formas de lazer/consumo nos espaços formais. Treno, Alaniz e Gruenewald (2000) apresentam dados referentes aos jovens americanos e destacam que, em relação à faixa etária, muitos menores de idade bebem em espaços particulares, por exemplo, em casa, festas privadas ou em república de estudantes. Na Espanha, Berthet et al. (2016) destacam o fenômeno do *botellón*, em que grupos de adolescentes e jovens se reúnem em locais públicos (praças, ruas, parques) no período da

noite para beber e consumir drogas ilícitas. Os autores destacam que a restrição de acesso a locais formais e os altos preços das bebidas nesses lugares aparecem como causas desse fenômeno. De modo similar, Demant e Landolt (2014) apontam que na Suíça muitos jovens se reúnem em praças que são rodeadas por comércios de bebidas alcoólicas, longe das zonas formais de entretenimento das cidades nos fins de semana.

Essa apropriação de locais não formais de consumo de bebidas faz emergir espaços-tempos relacionais, de lazer e de consumo, que ganham novos significados e características de acordo com os estilos de vida dos grupos. Entretanto, também provocam olhares e discursos moralizadores dos residentes das áreas tomadas em relação à apropriação dos espaços, episódios de violências e intoxicação por abuso no consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas (DEMANT; LANDOLT, 2014).

4.3. Lazer noturno, usos de drogas e riscos

Como enfatizamos na categoria anterior, dos espaços de lazer podem surgir cenários que fomentam o consumo de drogas como estilo de vida entre os jovens e enfatizam a sensação de liberdade, a oportunidade de expressar a própria identidade entre os pares. Dos fenômenos de ocupação do espaço no lazer noturno, merece destaque o "*salir de marcha*" modalidade que se refere ao espaço-tempo socialmente construído por uma parcela da juventude e que marca, entre outras questões, a busca pela autonomia e independência, o compartilhamento de momentos de diversão e prazer e a quebra com o que é corriqueiro (RODRÍGUEZ SUÁREZ; AGULLÓ TOMÁS; AGULLÓ TOMÁS, 2003; SZMIGIN et al., 2008).

Diferentes áreas do conhecimento, como criminologia e sociologia, têm investigado o uso recreativo de drogas nas últimas décadas, e muitas delas se propuseram a pesquisar o aumento progressivo e os altos índices de uso de drogas entre as juventudes. Parker et al. (1999) argumentam que as juventudes contemporâneas apresentam novos estilos de vida em que o consumo recreativo de drogas ganhou notoriedade, afastando-se da noção clássica de desvio e delinquência proposta pelas áreas biológicas. Tais estilos de vida, que estão em construção na atualidade, precisam ser compreendidos também pela consideração dos impactos promovidos pelas mudanças políticas, econômicas e sociais que afetaram e ainda

afetam as culturas juvenis em torno de uma maior sensibilização e acomodação dos consumos de drogas no lazer.

Sobre o consumo de álcool, diversos autores se debruçam sobre o fenômeno do *binge drinking*, reconhecendo-o por seu caráter de consumo excessivo cada vez mais comum entre os jovens nas vivências de lazer noturno (FOLGAR et al., 2015; PÉREZ-MILENA et al., 2017; MEASHAM, 2008; MEASHAM, 2004b; BEERLI-PALACIO et al., 2012). Para Szmigin et al. (2008), o estímulo ao estilo de vida em torno do consumo de bebidas aparece mediante aspectos como a disponibilidade de novos produtos no mercado, promoções nos preços (em supermercados, lojas e *happy hours* de bares e *pubs*) e o patrocínio de eventos musicais pela indústria de bebidas alcoólicas. Do mesmo modo, Brunelli, Romera e Marcellino (2013) analisam recursos midiáticos (imagens e *folders* de festas) direcionados ao público jovem, os quais expõem o apelo ao consumo de bebidas por meio de signos que exploram a diversão, o entretenimento e a liberação sexual.

A indústria de bebidas alcoólicas contribui para uma mudança de atitude e de comportamento que incentiva a experimentação e a busca por novos estados de alteração da consciência nos momentos de lazer, entretanto, como evidenciamos no decorrer do estudo, com base em aspectos políticos e de espaço-tempo do lazer noturno, esse impulso para o uso de drogas revela dissensos, como os discursos midiáticos que problematizam as consequências e os danos do uso criando, muitas vezes, um estado de pânico social e fortalecimento do moralismo, ao mesmo tempo em que promovem e veiculam peças publicitárias marcadas pela apologia das experiências de consumo (MEASHAM; BRAIN, 2005).

Ao passo que a sociedade de consumo promove estilos de vida mediante usos de drogas, fenômenos como o *botellón* também se fortalecem nesse impulso de se engajar nas experiências de uso e de lazer, mesmo com recursos financeiros baixos. Gómez (2015) e Gómez-Fraguela (2008) evidenciam que os estudantes que integram o fenômeno *botellón* apresentam uma prevalência no uso de álcool e outras drogas em relação aos estudantes que dele não participam. Trata-se de uma ocorrência que se dá, segundo Pérez-Milena et al. (2017), principalmente pela pressão social imposta pelos demais integrantes do grupo sobre aqueles que não fazem uso dessas substâncias. Outro importante fator é a maior acessibilidade ao álcool e a outras drogas nesses espaços do que em outros locais de lazer formais, isso pela

facilitação de compra em supermercados ou com *drug dealers* e, ainda, por serem lugares de menor controle formal de adultos, que então se convertem em cenas de *binge drinking* (RODRÍGUEZ SUÁREZ; AGULLÓ TOMÁS; AGULLÓ TOMÁS, 2003).

Com relação ao uso de drogas ilícitas, Measham e Brain (2005) discutem que o lazer noturno e o cenário de boates no início dos anos de 1990 criaram uma plataforma de acessibilidade para a experimentação de drogas ilícitas diretamente relacionada com o mercado do entretenimento. Cañedo e Moral (2017), Henriques (2002), Joe-Laidler, Hunt e Moloney (2014) e Van Havere et al. (2011) argumentam que certos tipos de drogas são percebidos com maior "normalização" entre os jovens, principalmente aquelas que se integram a algumas cenas específicas, como *raves* e festas, do que em outros espaços formais. Os consumos nesses contextos podem caracterizar-se pela perseguição de um estado de alteração "controladamente descontrolado", em que se sabem os riscos do consumo e até onde se pode estendê-lo para não se expor a certas consequências. Os episódios de "perda de controle descontrolado" evidenciam a perseguição de *um ponto ótimo* de intoxicação pelo uso de drogas que contribui para a experiência física.

4.3.1. Riscos

À medida que os estudos sobre o lazer e sua relação com o consumo recreativo de drogas são aprofundados, vem sendo analisada também a ligação desse fenômeno aos riscos do uso abusivo de bebidas alcoólicas e outras drogas e os danos decorrentes (CALAFAT et al, 2009). O consumo alcoólico de risco, segundo Pérez et al. (2017), define-se como aquele padrão de beber que eleva a ameaça de sofrer consequências nocivas, tanto físicas como psicossociais. Os autores destacam algumas consequências impulsionadas pelo uso excessivo de drogas em curto prazo, como as intoxicações agudas, acidentes de trânsito, fracasso escolar, problemas com a lei e associação ao consumo de outras drogas.

Calafat et al. (2009) realizaram estudo com 440 jovens espanhóis com idade entre 14 e 25 anos e concluíram que a maioria deles é consciente de que o consumo de drogas pode ocasionar consequências negativas. Contrariamente, Pérez-Milena et al. (2017) evidenciam que os jovens não percebem, em geral, o risco desse tipo de consumo e não acreditam que podem desenvolver qualquer tipo de dependência, podendo, portanto, cessar o uso a qualquer momento. Além disso, declaram que podem recuperar-se fisiologicamente melhor ao

consumir somente durante o fim de semana em comparação com aqueles usuários diários (identificados como adultos).

A relação de gênero também é apontada em diversas pesquisa nas questões que dizem respeito ao risco. Quanto a episódios de violência, Graham (2003) discute que o consumo de bebidas alcoólicas pode contribuir para o aumento das situações de conflito quando combinado com as características do usuário, do ambiente ao redor e com os fatores culturais de determinada localidade. Em estudo com homens jovens que participam da subcultura de violência desenhada em torno do futebol inglês, a combinação entre álcool e cocaína tem sido investigada como potencial risco para contextos de violência física. A combinação dessas substâncias psicoativas (por seus fatores farmacológicos) aumenta os níveis de euforia e tem sido historicamente atribuída como potencializadora de atos violentos entre sujeitos do sexo masculino provocados por rivalidade ou competição sexual (AYRES; TREADWELL, 2012).

Também no contexto inglês, Lightowlers, Elliot e Tranmer (2014) discutem a variação no comportamento violento motivado pelos padrões de consumo entre jovens e apontam que o consumo pesado de bebidas alcoólicas pode ocasionar maiores oportunidades de comportamento agressivo. Em estudo que relaciona o gênero, homens jovens heterossexuais que bebem aparecem como significantemente mais propensos a se envolverem em brigas do que jovens com outras orientações sexuais que bebem. Além disso, o uso de cocaína é tido como um maior facilitador de violência entre os homens que entre as mulheres, possivelmente pelo fato de ser a figura masculina mais violenta ou com traços de violência mais latentes que a figura feminina. Outro dado apontado é que o consumo de bebidas alcoólicas apresenta um fator de risco mais representativo para o comportamento agressivo entre mulheres homossexuais que entre mulheres heterossexuais (SCHNITZER et al., 2010).

Ainda sobre as mulheres, o consumo de drogas, a quantidade de álcool e outras drogas ingeridas, de acordo com Hutton, Wright e Saunders (2013), encontram-se estritamente ligados ao objetivo que cada consumidora pretende atingir em determinados espaços-tempos de lazer (bares, boates etc.). Entretanto, as mulheres se percebem mais em risco em relação a episódios de assédio, violência e abuso sexual ao frequentarem espaços para beber no lazer noturno. Elas ainda acrescentam que muitas campanhas que têm como foco estratégias de redução de danos destinados às mulheres, as quais orientam andar em grupos e estar sempre com a atenção voltada para seu copo de bebida, refletem mensagens de senso comum ou que

não condizem com a realidade de consumo contemporânea. Para concluir, apontam que algumas campanhas que deveriam alertar e desnaturalizar os comportamentos invasivos e abusivos dos homens nos contextos de lazer, acabam responsabilizando as mulheres para os cuidados com a própria segurança (BROOKS, 2011).

4.4. Em linhas gerais

Evidenciamos neste capítulo, mediante os subtópicos “consumo recreativo de drogas: visões controversas”, “espaços e tempos de lazer e usos de drogas” e “lazer noturno, usos de drogas e riscos”, a notoriedade que o lazer noturno ganha a partir do incentivo econômico e político nas cidades entre o fim do século XX e início do século XXI, colaborando com o surgimento de um forte mercado voltado ao lazer e às vivências hedônicas de consumo privado que oportunizam os usos de drogas.

No entanto, percebemos que há muitas contradições e disputas de forças inseridas nesse campo científico. Se, por um lado, a indústria do lazer noturno explora e estimula a busca pelo prazer, pela socialização, diversão e criação de identidade mediante o uso de álcool e drogas ilícitas no universo jovem, mercantilizando os cenários noturnos. Por outro, espera-se (magicamente) que os jovens se engajem em consumos responsáveis nesses contextos conforme um incentivo ao uso autorregulado que prioriza a redução de usos, mas apresenta uma série de dificuldades na estruturação de programas que promovam um olhar para os contextos de vida e de lazer dos sujeitos jovens.

Essa dissonância de postura demonstra também o olhar ainda distante das políticas públicas em relação aos contextos marcados pelas juventudes quando promovem ações distante dos cenários de lazer juvenis, quando pouco fiscalizam os estabelecimentos que recebem esses usuários ou pouco promovem serviços públicos (linhas de ônibus e metrôs) que atendam aos itinerários juvenis, mas que, contrariamente, materializam ações repressivas e moralizantes com campanhas de combate às drogas, oportunizam estigmas sobre populações de usuários e mecanismos docilizantes que desconsideram todo o universo de incentivo e sedução que há sobre a indústria nesse âmbito.

No lazer noturno evidencia-se também a exclusão de uma parcela da juventude que no cenário de vivência do hedonismo, e por toda parte, faz emergir novas formas de lazer, como

o *botellón* em locais públicos, em paralelo a locais formais de entretenimento que escancaram a inacessibilidade, a marginalização e a estigmatização de sujeitos de acordo com nível socioeconômico, gênero e idade.

As políticas de álcool produzem e reproduzem interesses e valores por vezes antagônicos, como o prazer em torno do beber, mas "com moderação". O consumo de álcool torna-se peça principal da economia do lazer noturno, mas requer maior atenção e subsequentes pesquisas quanto às políticas de regulação, fiscalização e, sobretudo, além da criação de políticas públicas efetivas de prevenção, citando o contexto da educação escolar como um possível local para a aplicabilidade dessas ações.

Tomando como base a revisão teórica apresentada nos capítulos anteriores, exploraremos agora a metodologia adotada no trabalho, bem como questões sobre a fase de pesquisa de campo, apresentando também dados sobre a população de investigação deste estudo.

5. METODOLOGIA

5.1. Técnica de investigação e variáveis do estudo

Esta investigação se caracteriza por uma pesquisa quantitativa descritiva (TRIVINOS, 1987), na qual utilizamos questionário *online* como técnica de investigação para a coleta de dados sobre as vivências de lazer de uma parcela jovem da população universitária na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O instrumento aplicado no presente estudo foi originalmente produzido para investigações realizadas pelo Instituto de Estudios de Ocio da Universidade de Deusto, com objetivo de estudar as vivências de lazer das juventudes das regiões da cidade de Bilbao, Espanha.

Para garantir que o questionário abrangesse questões que cumprissem os objetivos do nosso estudo, foi feita a tradução completa do instrumento, bem como modificações de estrutura linguística para o idioma português. Dado o lócus distinto de estudo em relação ao contexto de Bilbao, foram realizadas, com autorização dos elaboradores do instrumento, modificações nas questões que pretendiam versar sobre as categorias de respostas das ocupações e vivências das juventudes da amostra, assim como sobre os espaços-tempos de lazer na região metropolitana de Vitória, Espírito Santo.

As variáveis de investigação foram distribuídas no questionário[13] por meio da ferramenta *online* Formulários Google[14] ao longo de 48 questões (objetivas e discursivas) no decorrer de sete blocos temáticos, a saber:

1. **Dados gerais sobre o participante**: sexo, idade, cidade e com quem reside, estado civil, relação com a esfera acadêmica e laboral e a disponibilidade de recursos financeiros para o lazer.
2. **Informações sobre os tempos disponíveis para o lazer**: quantidade e suficiência de tempo para o lazer.
3. **Interesses culturais de lazer**: a relação do participante com as atividades de lazer sugeridas, atividade que mais pratica e que gosta, com quem compartilha esses momentos e os anseios e barreiras para a prática dessas atividades.
4. **Espaços de lazer**: acesso/ocupação de espaços ao ar livre, públicos e privados.

[13] Ver questionário completo no Anexo 1.
[14] Disponível em: https://goo.gl/forms/WHGV08QkgyyTA5Yf1. Acesso em: 22 jul. 2019.

5. **Lazer noturno**: expectativa sobre o lazer noturno, frequência que vivencia o lazer noturno, itinerários de lazer, atividades de lazer à noite.
6. **Uso recreativo de drogas na noite**: padrões, locais de uso e informações sobre bebidas alcoólicas e drogas ilícitas.
7. **Alternativas ao lazer noturno**: possíveis atividades desempenhadas pelo participante que poderiam encurtar o lazer noturno e opiniões dos participantes sobre o lazer noturno juvenil.

5.2. Estudo-piloto

Com o intuito de garantir a qualidade dos dados que foram obtidos nesta investigação, realizamos um estudo-piloto para avaliar alguns aspectos do instrumento de pesquisa, listados a seguir:

- as instruções gerais para a realização do estudo; se as perguntas e as categorias de respostas do questionário eram compreendidas pelas juventudes integrantes do estudo;
- a sequência e o encadeamento das questões em relação às variáveis que desejávamos analisar;
- o tempo médio de resposta completa do questionário.

O estudo-piloto foi realizado durante uma semana do mês de junho de 2018, sendo aplicado o questionário a um grupo de 15 estudantes que correspondiam ao contexto etário e escolar do estudo. Após o preenchimento completo do questionário, foi medido o tempo gasto por cada participante e estabelecido um debate para identificar os pontos passíveis de revisão.

Concluído o estudo-piloto, pudemos constatar algumas dificuldades na compreensão de questões no que se refere à adequação da linguagem, o que revelou a necessidade de alterações para tornarem a leitura e a compreensão mais claras. Entretanto, de maneira geral, o instrumento de coleta foi adequado para responder aos objetivos do trabalho em questão.

5.3. Trabalho de campo

A fase de coleta de dados se iniciou em agosto de 2018 e se estendeu até o fim do mês de outubro do mesmo ano. Utilizamos o espaço das aulas, gentilmente cedido pelos docentes do curso de Educação Física, para a aplicação do questionário virtual, administrado de forma coletiva pela pesquisadora responsável, que esteve presente em todas as fases de coleta de dados com o intuito de responder a qualquer dúvida quanto ao conteúdo do questionário.

O desenvolvimento dessa fase fluiu com alguns contratempos que tornaram esse momento mais extenso que o planejado inicialmente, além do fato do número de alunos estar reduzido em algumas turmas em virtude de dias de chuva e de indisponibilidade por parte de alguns professores em ceder espaço durante as aulas para a aplicação do questionário.

A entrada em cada sala de aula se deu com uma breve apresentação do projeto de pesquisa com ênfase nos objetivos e nas questões éticas envolvidas no estudo e no instrumento de análise, que por vezes fora recebido com curiosidade pelos estudantes. Um *link* era disponibilizado via *smartfone* da pesquisadora, dando acesso à plataforma *online* na qual se alocava o questionário, ação que apresentava a necessidade de conexão com alguma rede de internet, disponibilizada pelo Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da UFES, *campus* Goiabeiras, ou pela própria pesquisadora quando necessário.

Ao iniciar a fase de respostas, notamos que alguns alunos optaram por não preencher o questionário ou não estavam presentes na sala de aula, visto que era feita uma contagem aproximada do número de discentes presentes e também era indagado do professor responsável pela disciplina sobre o número de alunos matriculados regularmente. As coletas ocorreram dentro da estimativa de tempo planejada (de vinte a trinta minutos). Alguns estudantes apresentaram dúvidas sobre a seção de interesses culturais de lazer, a qual não tinha sido apontada previamente no estudo-piloto, e sobre como medir a quantidade de bebida alcoólica consumida, questão ligada à seção sobre vivências de lazer noturno. Além disso, alguns estudantes demonstraram interesse sobre os estudos da temática do uso de drogas dentro do campo do lazer e expuseram nunca ter relacionado academicamente as suas áreas de estudo.

Sobre os procedimentos éticos da pesquisa, foram entregues duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foram assinadas pelos participantes. Uma

permaneceu com o discente e a outra foi recolhida pela pesquisadora. Cabe salientar ainda que o estudo passou pela apreciação[15] e aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa da UFES.

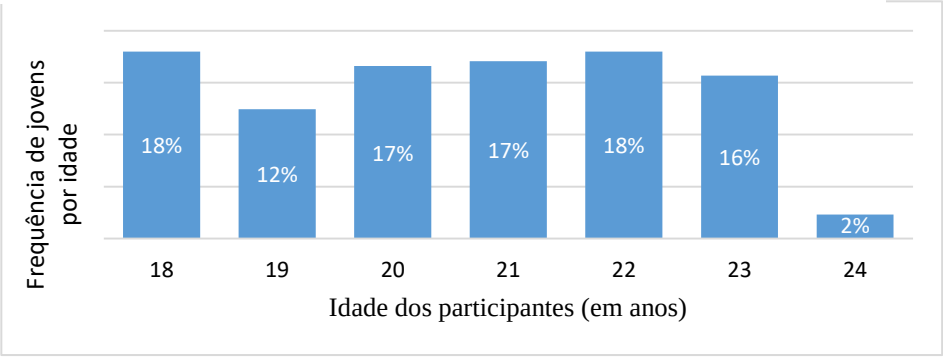
5.4. Apresentação dos respondentes

Foi estudada a população universitária de 18 a 24 anos matriculada no curso de graduação em licenciatura e bacharelado em Educação Física na UFES na cidade de Vitória, no segundo semestre do ano letivo de 2018. Segundo informações oferecidas pelo colegiado dos dois cursos, 626 alunos estavam matriculados regularmente, e 217 aceitaram participar do estudo, com frequência de participação entre os dois cursos de 60,4% de alunos do bacharelado e 39,6% dos alunos da licenciatura. Com relação ao sexo, os participantes se dividiam em 58,5% de homens (N=127) e 41,5% de mulheres (N=90).

A escolha dessa faixa etária se deu pela constatação de que essa parcela da população de jovens apresentaria maior frequência de consumo de substâncias psicoativas, segundo levantamentos nacionais (CARLINI; GARDUROZ, 2007; LARANJEIRA et al., 2007), o que desperta o interesse em estudos que sejam destinados à compreensão específica da realidade das escolhas e vivências de lazer entre grupos universitários.

Entre os estudantes que aceitaram participar da pesquisa, a idade média correspondeu a 20,6 anos, sem grandes picos em relação à distribuição da frequência de idade entre os participantes (Gráfico 1).

Gráfico 1. Frequência de idade dos participantes



Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

[15] Conforme CAAE: 87656418.9.0000.5542.

Do total dos jovens, 97,3% se declararam solteiros, 1,4% afirmaram morar com companheiro(a), 0,9% era casado(a) e 0,5%, viúvo. Em relação ao local de residência, 42,4% afirmaram residir em Vitória, mesmo local do *campus* da universidade na qual se deu a pesquisa. De acordo com as informações levantadas, todos os sujeitos da amostra viviam em cidades demarcadas pela Região Metropolitana de Vitória[16], conhecida como Grande Vitória. Menos de 1% deixou de responder sobre seu local de residência. A maior parte dos participantes do estudo vivia com os pais (69,6%); entretanto, um percentual de jovens declarou que morava sozinho (6%) ou dividia residência com outras pessoas (16,6%) (Tabela 1).

Quando questionados sobre a relação com os estudos acadêmicos e a inserção no mercado de trabalho, 45,2% dos entrevistados responderam somente estudar, enquanto 54,4% deles se dividiam entre as responsabilidades da vida acadêmica e laboral. Os indivíduos que não responderam a essa questão totalizaram 0,5% da amostra (Tabela 1).

[16] A Região Metropolitana da Grande Vitória é formada pelos municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória (IBGE, 2017).

Tabela 1. Distribuição dos universitários (N=217) de acordo com a ocupação, estado civil, município que reside e com quem mora, conforme sexo – masculino (N=127) e feminino (N=90)

Variáveis		Masculino		Feminino		Total	
		N	%	N	%	N	%
Ocupação	Estudando	62	48	36	40	98	45,2
	Estudando e trabalhando	65	51	53	59	118	54,3
	Não respondeu	–	0	1	1	1	0,5
Estado civil	Solteiro(a)	80	63	53	59	133	61,3
	Namorando	43	34	35	39	78	36
	Casado	2	2	–	0	2	0,9
	Vivendo com parceiro(a)	1	1	2	2	3	1,4
	Viúvo(a)	1	1	–	0	1	0,5
	Divorciado(a)	–	0	–	0	–	0,0
Município que reside	Cariacica	18	14	15	17	33	15,2
	Vitória	51	40	41	46	92	42,4
	Vila Velha	31	24	13	14	44	20,3
	Serra	20	16	19	21	39	18
	Viana	4	3	1	1	5	2,3
	Guarapari	3	2	–	0	3	1,3
	Não respondeu	–	0	1	1	1	0,5
Com quem mora?	Com os pais	93	73	58	64	151	69,6
	Compartilho com outras pessoas	18	14	18	20	36	16,6
	Sozinho(a)	7	6	6	7	13	6
	Outros	8	6	8	9	16	7,4
	Não respondeu	1	1	–	0	1	0,5

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

5.5. Tratamento dos dados

Para a análise das informações levantadas neste estudo, realizamos a construção do banco de dados[17] com os valores referentes às variáveis e as respostas das perguntas abertas. As informações do estudo foram ordenadas no banco de dados em tabela do programa Microsoft Excel 2013, para as análises descritivas de todas as variáveis. Posteriormente, considerando questões e sugestões apontadas na banca de qualificação quanto a associações e relações entre as variáveis do estudo, foram feitas as análises inferenciais com auxílio do pacote estatístico IBM SPSS Statistics 25.

A análise dos dados relacionou, além dos testes de frequência, os percentuais de variáveis, como interesses culturais de lazer, vivências de lazer noturno e consumo de drogas, em intercruzamento com outras variáveis que apareceram como marcadores na seção teórica (sexo, tempo disponível para o lazer e recursos financeiros destinados ao lazer). Com base nos testes qui-quadrado, e com a intenção de comparar possíveis diferenças entre as frequências esperadas para um certo evento, mostramos os resultados e sua discussão no capítulo a seguir.

[17] Ver informações complementares no Apêndice B.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta os principais resultados e discussões desta investigação. Com o objetivo de conhecer os modos de vivência de lazer dos jovens universitários, optamos por mostrar os resultados obtidos por meio de análises estatísticas descritivas e inferenciais, evidenciando algumas das variáveis que consideramos relevantes para o debate e também contrastando com outros estudos e argumentos de diversos autores.

Sendo assim, este capítulo é constituído de três partes principais divididas em subseções que têm como fio condutor as discussões sobre os lazeres do coletivo jovem pesquisado, enfatizando diferenças em relação às variáveis da amostra. Centramo-nos, na primeira parte, nas questões sobre o tempo disponível para o lazer. No segundo momento, adentramos nas discussões que abrangem os repertórios de lazer e lazer noturno, salvaguardando as discussões que giram em torno do uso de drogas para a terceira parte, na qual investigamos os aspectos inerentes aos estudos desse campo com argumentos do campo de estudos do lazer.

6.1. Tempo disponível para o lazer

Nas primeiras questões dirigidas aos participantes, nossa intenção foi entender a gestão do tempo de lazer (em horas) nos dias da semana (de segunda a sexta-feira) e nos fins de semana. A comparação dos resultados entre homens e mulheres resultou em diferenças significativas (Tabela 2).

Observamos que as mulheres declararam ter menos tempo disponível para o lazer que os homens durante a semana. Sobre a suficiência do tempo de lazer nesse período, tanto as mulheres quanto os homens reconheceram não ter o bastante, porém essa relação aparece estatisticamente maior entre as mulheres. Tal percepção também é apontada na investigação de Barbosa (2018), que atribuiu a diferença dos tempos disponível entre homens e mulheres ao maior acúmulo de ocupações do público feminino nas diversas esferas da vida, como o trabalho, cuidados domésticos e com a família. No que concerne ao tempo no fim de semana da população aqui investigada, os resultados sobre o tempo livre para o lazer não apresentaram diferença estatística em relação ao gênero e notamos um crescimento relevante do tempo disponível de quase o dobro entre os homens e o triplo entre as mulheres.

Tabela 2. Tempo disponível para o lazer, de acordo com o sexo

Variável		Média	Esse tempo é suficiente?			
			Sim	%	Não	%
Horas durante a semana	Homem	10,5	N=45	35,50	N=82	64,50
	Mulher	6,67	N=20	22,20	N=70	77,80
	Total	8,9	N=65	29,95	N=152	70,50
Horas no fim de semana	Homem	20,5	N=78	61,50	N=48	38,50
	Mulher	19,8	N=42	46,60	N=48	53,40
	Total	20,2	N=120	55,30	N=96	44,70

* p<0,05.
Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Para compreender melhor a insuficiência de tempo do público jovem durante os dias da semana, realizamos o intercruzamento dessas informações[18] com a ocupação acadêmica e laboral desse público por meio de teste qui-quadrado. Observamos diferença significativa[19] entre os homens que só estudam, sendo que 50% declararam que seu tempo de lazer durante a semana não é suficiente, enquanto 78,5% dos que exercem atividades acadêmicas e laborais também apontaram essa insuficiência. Já entre as mulheres[20] esses dados se apresentaram ainda mais relevantes: 44% das mulheres que só estudam declararam não ter tempo suficiente para o lazer, enquanto, entre aquelas que exercem as duas atividades, 92,5% afirmaram ter pouco tempo para o lazer.

[18] Tabela A.1, Apêndice A.
[19] p<0,005.
[20] p<0,005.

Esses dados podem ter relação direta com as dinâmicas nas sociedades atuais, nas quais se atribuem grande valor à gestão do tempo pessoal para as facetas produtivas e evidenciam um acúmulo de atividades, resultando na insuficiência de tempo disponível (SAN SALVADOR, 2009). A constatação dessa escassez de tempo por alguns grupos, sobretudo os jovens estudantes que trabalham, pode sugerir barreiras para os tempos dedicados ao lazer, principalmente entre as mulheres participantes do estudo. Essa realidade pode ser agravada pela construção cultural do papel da mulher na sociedade em relação ao trabalho doméstico e cuidados com os familiares, somados aqui também às questões acadêmicas e do exercício profissional. Apesar de alguns dados nacionais evidenciarem ganhos em relação ao crescimento do tempo disponível para o lazer entre as mulheres com o passar dos anos (BARBOSA, 2018), ainda são percebidas barreiras que refletem na desigualdade em relação ao uso do tempo disponível entre os sexos (FONTOURA; ARAÚJO, 2016).

6.2. Interesses de lazer dos jovens universitários

Uma vez apresentadas as questões relativas aos tempos de lazer dos participantes, trataremos nesta seção dos lazeres dessas juventudes apresentando e analisando os dados separados por gênero e outras variáveis. O campo do lazer tem diversos modos de taxonomia das atividades, para tanto optamos por utilizar a divisão proposta por Dumazedier (1975), que classifica os interesses culturais do lazer[21] em: físico-esportivos; sociais; intelectuais; artísticos e manuais. Utilizamos também a classificação de interesses turísticos, de Camargo (2003), e virtuais, de Schwartz (2003). Além disso, incluímos mais uma categoria que denominamos atividades de descanso. Sendo assim, as 22 atividades de lazer relacionadas no questionário aplicado à população jovem foram agrupadas nesses interesses.

6.3. O que fazem os jovens universitários nos tempos-espaços de lazer

Passamos agora a analisar as práticas de lazer dos jovens estudantes. Para tanto, dividimos em blocos que mostram as atividades mais praticadas, seguidas daquelas menos praticadas e o motivo pelo qual esse público não as pratica. Analisamos as frequências das

[21] Entendemos que todos esses campos estão intimamente ligados, demonstrando a infinidade cultural que concerne ao lazer. Essa diferenciação apresentada se manifesta somente para uma melhor compreensão das realidades de lazer dessa população. Ver tabelas no Apêndice A.

respostas dos participantes quanto as suas preferências de lazer com o objetivo de entender quais interesses são predominantes. A Tabela 3 mostra os principais resultados com os quais podemos perceber que as atividades mais praticadas entre os jovens são representadas primeiramente pelos interesses sociais (36,4%), seguidas dos interesses físico-esportivos (31,3%) e, por fim, pelo descansar/não fazer nada (9,2%).

Tabela 3. Interesses de lazer preferidos, de acordo com o sexo

Interesses de lazer	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Interesses artísticos	6	4,7	13	14,4	19	8,8
Interesses físico-esportivos	49	38,6	19	21,1	68	31,3
Interesses intelectuais	1	0,8	1	1,1	2	0,9
Interesses sociais	47	37	32	35,6	79	36,4
Interesses virtuais	11	8,7	3	3,3	14	6,5
Interesses turísticos	4	3,1	7	7,8	11	5,1
Descansar/Não fazer nada	9	7,1	11	12,2	20	9,2
Não respondeu	–	–	1	1,1	11	0,5

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

De acordo com os resultados apresentados, observamos que há uma prática real de todas as dimensões do lazer, embora percebamos maiores convergências em uma ou outra

categoria. Os **interesses sociais**[22] são os favoritos entre os jovens (36,4%), que se especificam, conforme a classificação, em sair e/ou ir à casa de amigos, frequentar locais como repúblicas de estudantes, bares, *pubs* e boates. O elemento condutor que pode ser discutido abrange a esfera da sociabilidade por promover a conversação social por meio das interações/relações nos espaços físicos de lazer. Freire (2001) argumenta que o lazer, em sua função social, permite a integração, a comparação e a construção de relações sociais e, por consequência, a construção de estilos de vida dos jovens. De forma complementar, Magnani (2005) dá ênfase aos aspectos sociais do lazer construídos pela relação com o lugar/espaço, que se traduz como lócus de sociabilidade, tornando-se cenário central na rede de interação e pertencimento dos indivíduos, apresentando relação intrínseca às culturas juvenis quando se investiga suas vivências de lazer.

Neste estudo, "estar com os amigos" aparece como a principal escolha de companhia para as práticas sociais de lazer, que, para Moreno, Muñoz e Pérez (2003), são as presenças essenciais para a socialização e o protagonismo dos jovens. Entre as principais funções do grupo de amigos aparece o pertencimento mediante fatores como companhia e diversão; validação do eu e afirmação da identidade por se sentirem compreendidos e por poderem ser quem realmente são; segurança emocional em situações de estresses, dúvida e confidências íntimas.

Há a possibilidade de promover também o desenvolvimento das habilidades sociais e da comparação de ideias e pensamentos, que por sua vez são elementos-chave para a formação social e da identidade (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008; FREIRE, 2001). A sociabilidade promovida pelo lazer contribui para a construção da identidade dos jovens.

O segundo interesse de lazer mais citado e apontado pelos participantes envolve as práticas **físico-esportivas**[23], como esportes e assistir a competições esportivas. Observamos que, apesar de essa categoria se apresentar entre os principais interesses citados no estudo, o gosto pelos esportes não aparece entre as atividades de lazer favoritas dessa população (16,5% dos homens e 11,1% das mulheres gostam de praticar). Essas informações contrariam as hipóteses iniciais levantadas na pesquisa em relação ao campo de formação profissional

[22] Tabela A.3, Apêndice A.
[23] Tabela A.2, Apêndice A.

(Educação Física) dos participantes e também de estudo já feito com universitários da mesma área (SOUSA et al., 2014). Constatamos que mais da metade (55,9%) do público masculino da pesquisa declarou não gostar de esportes, o que contrasta também com os dados estatísticos apresentados por Stoppa e Isayama (2017) sobre o público universitário ou graduado no Brasil.

Quando comparamos novamente as frequências entre os gêneros por meio do teste qui-quadrado, notamos outras diferenças estatísticas, desta vez sobre a prática de esporte[24]. Assim, 20% das mulheres declararam praticar algum esporte, enquanto 14,2% dos homens afirmaram exercer essa atividade. Esses dados refletem novamente uma realidade contrária às estatísticas encontradas no levantamento nacional sobre lazer no Brasil (STOPPA; ISAYAMA, 2017), que apresenta o público masculino com percentuais maiores do que as mulheres. A falta de tempo é apontada por 66,7% dos jovens como a principal barreira para a prática de atividades físico-esportivas, e essa porcentagem se acentua principalmente entre aqueles que estudam e trabalham (88,9%).

Em relação a assistir a competições esportivas, encontramos também diferença significativa quanto à comparação entre gêneros. As mulheres declararam gostar mais dessa atividade que os homens (30% e 17,3%, respectivamente), entretanto esses dados se apresentam novamente inversos quando tratamos de sua prática: 15,7% dos homens afirmaram assistir a competições esportivas, enquanto 7,8% das mulheres o fazem. Esses resultados corroboram o Diagnóstico Nacional do Esporte produzido pelo Ministério do Esporte em 2016, que aponta maior percentual de homens-espectadores tanto para competições de esporte televisionadas quanto para a presença de público nos contextos em que acontecem. Essa diferença pode surgir da insuficiência de tempo para o lazer apontada pelas mulheres em nosso estudo, mas também do imaginário social que traz a representação de alguns espaços-tempos como predominantemente masculinos, como trata Garcia (2008).

Como terceiro maior interesse de lazer entre os jovens estudados está a categoria **descansar/não fazer nada**. Esse dado nos chama atenção, pois, apesar de se destacar entre os principais interesses de lazer dessa população ao observarmos a Tabela 3, apresenta porcentagens mais baixas em relação às primeiras categorias (9,2%). Podemos argumentar duas possibilidades de análise:

[24] $p<0,005$.

1) os valores de produtividade enraizados na sociedade contemporânea, que muitas vezes diminuem os tempos destinados ao descanso e a importância dada a esse momento;
2) a possibilidade de esses jovens não compreenderem o tempo de lazer como uma oportunidade de descanso e de não realização de qualquer prática.

Sobre o primeiro apontamento, a relação do lazer com a constante imposição de ocupação do tempo com alguma atividade é argumentada por San Salvador (2009) como característica da aceleração dos ritmos de vida das sociedades atuais, como se o não aproveitamento do tempo de descanso representasse um desperdício, a ponto de termos sempre que preenchê-lo. Aliado a isso, como segunda perspectiva de análise, destacamos que no âmbito do lazer existe um repertório vasto de formas e espaços de vivência identificados como possibilidades de experiências, fatores que podem influenciar os significados do tempo de descanso, não sendo então tratado como lazer por essas culturas juvenis por talvez entenderem, pelo menos para uma parcela desses jovens, que a prática de alguma atividade é elemento necessário para a constituição do lazer.

6.4. Desejos de lazer dos jovens universitários

Para entendermos os interesses de lazer dos jovens, é essencial comparar o que eles fazem no tempo disponível com suas aspirações de lazer. Com base esse panorama, podemos problematizar o que realmente se aproxima das realidades dessas populações. Notamos nas respostas dos jovens universitários que há uma distância em relação ao anseio pela prática e a realização das atividades de lazer. Dessa forma, as atividades menos praticadas aparecem como os principais anseios de lazer dos jovens, uma vez que as respostas dos participantes se apresentaram mais elevadas entre os interesses turísticos (32,7%), artísticos (21,7%) e intelectuais (9,2%) (Tabela 4).

Tabela 4. Anseios de lazer da população, de acordo com o sexo

Interesses de lazer	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Interesses artísticos	27	21,3	20	22,2	47	21,7
Interesses físico-esportivos	6	4,7	9	10,0	15	6,9
Interesses intelectuais	11	8,7	9	10,0	20	9,2
Interesses sociais	7	5,5	2	2,2	9	4,1
Interesses virtuais	3	2,4	–	0	3	1,4
Interesses turísticos	34	26,8	37	41,1	71	32,7
Descansar/Não fazer nada	8	6,3	2	2,2	10	4,6
Não respondeu	–	0	–	0	–	0

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Os interesses turísticos aparecem como os principais anseios de lazer entre os jovens pesquisados. Como discutimos anteriormente, as transformações do mundo globalizado alteraram as noções de espaço-tempo, isto é, as novas tecnologias de transporte, o fortalecimento econômico e das possibilidades de turismo entre diversas localidades influenciam na mobilidade geográfica estabelecendo intercâmbio cultural entre diferentes espaços (GIDDENS, 1991). De forma gradual, os interesses por conhecer novas localidades aparecem como prática cultural popular e seu significado se vê aumentado com o advento de maior aporte tecnológico tanto em relação à evolução dos meios de transporte, que diminuíram o tempo de deslocamento entre esses espaços, quanto à disseminação das imagens das diversas localidades do globo terrestre pela indústria turística e cultural.

Entretanto, esse interesse de lazer guarda uma estreita relação com as exigências de investimento financeiro e temporal para sua realização (MAYOR; ISAYAMA, 2017). Entre os jovens investigados, 76,1% apontaram a falta de recursos financeiros como uma barreira

para a realização do turismo, e 9,9% destacaram a falta de tempo como motivo para a não prática. Essa relação se mostra mais relevante quando separamos esses dados por gênero e ocupação. O intercruzamento das frequências dessa população indica que 78,4% das mulheres investigadas não possuíam recursos financeiros suficientes para essa prática, e 13% argumentaram sobre a falta de tempo; enquanto, para os homens, 73,5% não dispunham de recursos financeiros, e 5,9% declararam não ter tempo para viajar. Quanto à relação da ocupação do tempo com atividades acadêmicas e de trabalho, daqueles que trabalhavam e estudavam, 72,5% apontaram a falta de dinheiro e 12,5% argumentaram a gestão do tempo como uma barreira para as práticas turísticas. Aqueles que somente estudavam afirmaram apresentar mais dificuldades financeiras (80,6%) e menos impedimento quanto ao tempo (6,5%).

Tanto os interesses turísticos, como primeiro anseio de lazer, quanto os artísticos, em segundo, aparecem como os principais desejos de lazer dos jovens investigados por Brenner, Dayrell e Carrano (2008). Quanto ao segundo, verificamos que os estudantes investigados têm as idas ao cinema como principal atividade artística de lazer, concordando também com o levantamento sobre o acesso à cultura do público universitário (LEIVA; MEIRELLES, 2018). No entanto, percebemos diferenças estatísticas evidenciadas no teste qui-quadrado. Constatamos novamente que a falta de dinheiro (50%) e a ausência de tempo (20%) são os principais motivos para o baixo acesso das mulheres a essas atividades, enquanto para o público masculino as barreiras são o tempo (29,6%) e a preguiça/falta de decisão (29,6%) para realizar essas práticas.

Acerca das atividades intelectuais[25], as porcentagens de resposta sugerem que os jovens pesquisados demonstraram maior desejo por atividades de leitura de livros (21,3% entre os homens e 22,2% entre as mulheres). Apesar de esses dados se apresentarem mais elevados em relação ao *desejo* do que à *prática em si* (13,4% e 13,3%, respectivamente), a leitura de livros ainda assim foi indicada como a atividade intelectual mais praticada entre os jovens da pesquisa. Tal aspecto vai ao encontro dos dados encontrados pelo levantamento nacional sobre o acesso a cultura dos universitários (LEIVA; MEIRELLES, 2018), o qual indica a leitura de livros como a atividade cultural mais predominante envolvendo essa

[25] Tabela A.4, Apêndice A.

população. Entre as barreiras para a prática de atividades intelectuais, os jovens elencaram ter preguiça/falta de decisão (75%), além de lhes faltar tempo (20%).

Outros dados que correspondem aos anseios relacionados às práticas esportivas por gênero mercerem ser apontados. Entre os homens essa realidade é pouco distante, dado que 16,5% afirmaram gostar de praticar e 14% de fato praticavam. Quanto às mulheres, essa distância se apresenta maior e inversa aos dados apontados pelo público masculino: 11,1% declararam gostar e 20% de fato praticavam. Consideramos esse tópico um importante aspecto para pesquisas subsequentes, pois, ainda que os limites desta investigação não nos permitam explorar mais detalhadamente essas questões, os dados coletados nos chamam atenção para a problematização do motivo para a prática de esporte, visto que, para a população nacional, as motivações das mulheres giram em torno da "qualidade de vida e bem-estar", "melhora da harmonia corporal (corpo/mente)", enquanto a dos homens relaciona-se à diversão e "relaxar no tempo livre" (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016).

6.5. Lazer noturno dos jovens universitários

A investigação dos modos de lazer das populações jovens na noite é um dos principais pontos de análise deste estudo, pois nos permite entender as ocupações de lazer noturno por meio de características próprias que não giram em torno somente das temporalidades e dos espaços, mas também dos significados e usos atribuídos às experiências noturnas (LAZCANO; MADARIAGA, 2016; PALLARÉS; FEIXA, 2000).

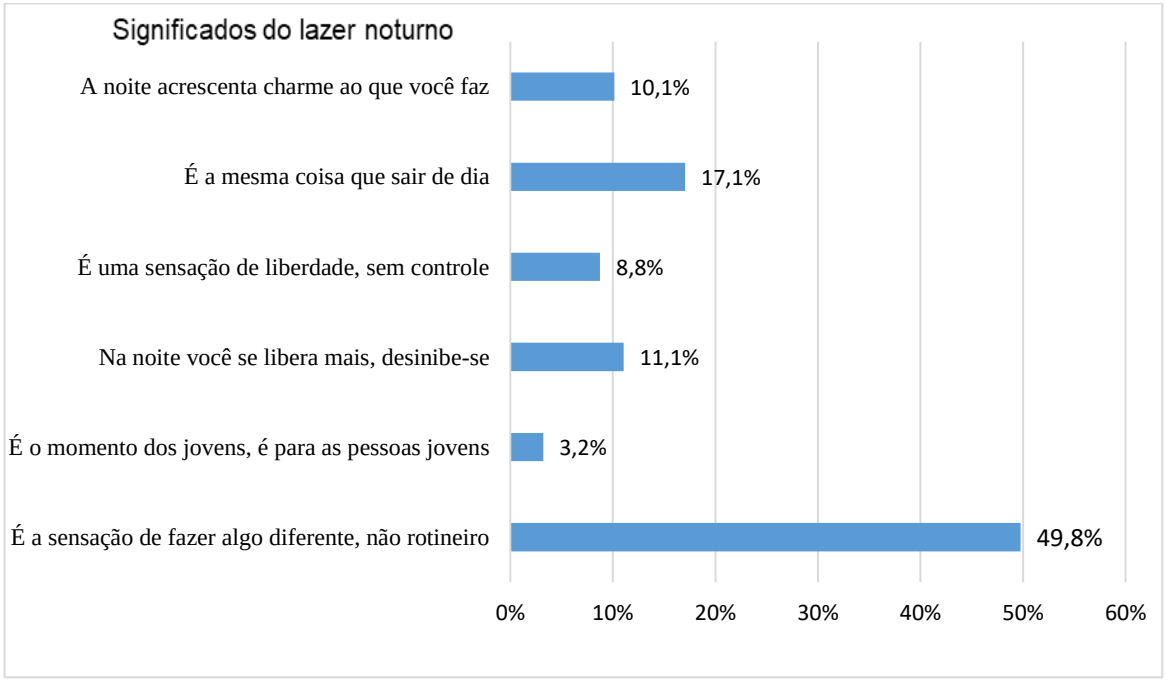
O crescimento das cidades como resultado das mudanças econômicas pós-industriais e da cultura de consumo reflete diretamente nos modos como experienciamos a vida na modernidade, e é justamente em torno desses padrões que emerge o lazer noturno (HOBBS et al., 2000; MEASHAM, 2004a). O lazer noturno agrega uma série de oportunidades de atividades e de espaços com finalidades distintas e características próprias. É nesses contextos de lazer que temos a possibilidade de compreender a "marcha noturna"[26] dos jovens, que não se apresenta por uma realidade homogênea, mas sim por diversas. No intuito de entendimento desse contexto, quando essas realidades diversas são estudadas, elas nos possibilitam observar os espaços-tempos de lazer que as juventudes constroem em paralelo ao mundo dos adultos,

[26] Caracteriza-se pela concentração massiva de pessoas em um determinado espaço da cidade (públicos e/ou privados) (ÁGUILA, 2005).

com seus próprios signos, ritmos, normas, grupos, culturas e modos de vivência (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008).

Com base nas análises descritivas realizadas nesta investigação, podemos afirmar que o lazer noturno apresenta potencialidades e representações heterogêneas para a população consultada (LAZCANO; MADARIAGA, 2016). Quase metade do grupo de jovens (49,8%) atribuiu ao lazer noturno o caráter de ruptura com a vida cotidiana, momento de quebra de rotina com mudanças de atividades e de contextos. No entanto, a segunda maior representação encontrada na análise apresenta 17,1% dos universitários compreendendo o lazer noturno semelhante às atividades de lazer realizadas do período do dia. Outros 8,8% apontaram a sensação de liberdade, e 11,1% dos jovens afirmaram entender a noite como um espaço que possibilita desinibição. Parte da população entrevistada (10,1%) considerou importante o charme proporcionado pela noite em suas saídas noturnas, outra pequena parte (3,2%) considerou o lazer noturno como um espaço-tempo pertencente às juventudes (Gráfico 2).

Gráfico 2. Significados atribuídos ao lazer noturno



Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Apesar de heterogeneidade de representações e expectativas, observamos por meio do intercruzamentos de diversas variáveis (como sexo, ocupação, recursos financeiros para o lazer) que o lazer noturno representa, para a maioria dos jovens, um movimento diferente do dia, assume um significado distinto, com o objetivo de ruptura com as obrigações diárias. A noite faz parte da economia da diversão, é atração e desperta paixões hedonistas. São as noites, principalmente durante os fins de semana, outrora consideradas majoritariamente de ocupação de boêmios ou "marginais", que passam a ter notoriedade e abrigar diferentes perfis[27] de jovens à procura de divertimento, sociabilidade e evasão.

A sociabilidade é um ponto-chave para discutir os lazeres das juventudes, pois é elemento condutor da diversão, do encontro e do prazer. A possibilidade de estar com os pares fora do alcance das restrições temporais do dia, das atribuições da rotina semanal e do controle estabelecido no mundo pelos adultos se soma às opções de atividades e espaços, de fazer algo não rotineiro. Para Hollands (1995), o caráter socializador de algumas ocupações se torna uma das principais razões para os jovens saírem nas noites. De acordo com os resultados aqui analisados, os interesses sociais noturnos, tais como frequentar repúblicas de estudantes, bares e *pubs* e ir à casa de amigos, estão entre as principais escolhas de lazer entre os jovens. Esses dados corroboram também a investigação de Mayor e Isayama (2017), que destacam a preferência por atividades sociais da população nacional no ensino superior.

Os contextos de lazer noturno tornam-se rapidamente espaços de identidade social e de estilos de vida entre as juventudes (MAGNANI, 2005). As práticas e espaços de lazer carregam uma grande vitrine de significados e símbolos. O fluxo da noite aponta para possibilidades abertas de encontros e desencontros. O conceito de lazer casual, de Stebbins (1997), pode nos ajudar a explorar algumas das questões que discutiremos nesta e nas próximas seções. O autor aponta em sua teoria que o lazer casual, contrário ao lazer sério, é hedonista por essência por apresentar sensações de prazer imediatas e oportunizar a conversação social pelo seu caráter de informalidade e relaxamento. A noite aparece como um tempo-espaço do lazer casual pela promoção de encontros e ocupação juvenil, quando é possível ativar o lado mais hedonista da existência, integrar-se, diferenciar-se, socializar-se à

[27]A noite não é democrática para todas as juventudes; pelo contrário, ela expõe imensas desigualdades sociais que se apresentam pelas exclusões de muitos jovens de práticas de lazer ou de acesso a espaços para essas finalidades (MEASHAM, 2004a; MEASHAM; BRAIN, 2005; ROBINSON, 2009).

procura de prazer. O lazer noturno rompe com a cadência cotidiana do dia, representa outro movimento.

A ocupação da noite pelos jovens é vista por teóricos (HOLLANDS, 1995; PARKER et al., 1999) como um reflexo das contingências das sociedades atuais mediante o rompimento com os pilares tradicionais da identidade juvenil. O lazer noturno assume essa esfera, distante das atividades corriqueiras, e transforma-se em espaço de criação de identidade diante das várias formas de inserção no mundo e passa a representar muito mais que um rito de passagem, mas um rito constante de socialização (DUFF, 2003; MEASHAM; BRAIN, 2005).

6.5.1. Itinerários de lazer noturno

Se a noite tem um movimento distinto para as culturas juvenis, não poderíamos continuar esta análise sem considerar os itinerários de lazer noturnos. Tais itinerários marcam os espaços e tempos nos quais as experiências acontecem, mas também nos dão possibilidade de investigar as divisões sociais e as exclusões também presentes nesses contextos (LAZCANO; MADARIAGA, 2016).

O lazer noturno pode apresentar a busca de experiências físicas e sensoriais das várias culturas juvenis, centralizado, por vezes, em algumas localidades das cidades, como ruas de bares e *pubs*, em espaços públicos e privados em outros cantos da metrópole, mas também pela mobilidade juvenil na noite. Ao perguntarmos aos jovens sobre os locais e seus itinerários noturnos, observamos as primeiras distinções[28]. A maior parte dos jovens afirmaram explorar lazeres fora da cidade em que reside, acompanhada do grupo fixo de amigos (28,8%), enquanto outros disseram se concentrar em sua própria cidade, mas em distintas áreas (21,2%), e uma parte menor (18,9%) contou frequentar somente uma área, como um bairro, de sua própria cidade.

Um aspecto relevante aparece quando observamos as preferências nos itinerários dos jovens mais novos (18 anos) e mais velhos deste estudo (24 anos). Entre a população mais jovem, as respostas se concentraram em frequentar a mesma área da cidade em que vivem (30,8%), explorando outras cidades com o seu próprio grupo de amigos (20,5%) e também com outros grupos de amigos (12,8%). Já os jovens na outra ponta do espectro etário (24

[28] Tabela A.8, Apêndice A.

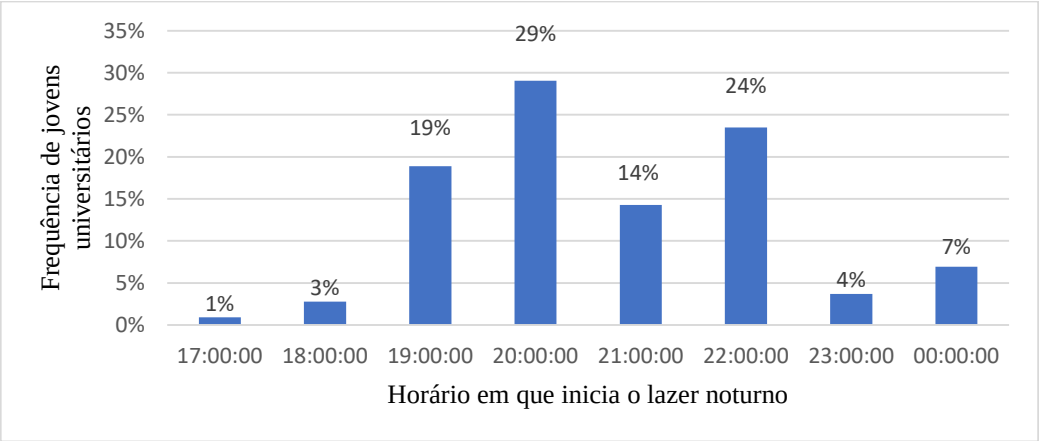
anos) apresentaram duas respostas predominantes: lazeres na mesma cidade em que vivem, mas com mudança de área (40%), explorando outras cidades sempre com o mesmo grupo de amigos (60%). Tais questões sugerem que alguns jovens apresentam mais mobilidade entre os pontos de lazer da metrópole e, mais uma vez, um dos pontos-chave para o lazer está na construção da socialização (HOLLANDS, 1995; MAGNANI, 2005).

Os itinerários também se caracterizam por uma série de tempos, sejam os limites cronológicos da noite e do dia, o horário de abertura e fechamento dos estabelecimentos de lazer e/ou as estratégias de como começar e terminar uma boa noite de lazer. Essas ordenações em relação aos tempos de início e término são, todavia, também distintas entre os jovens, quer seja a hora de sair de casa para encontrar os amigos, onde ir/ficar e como/qual horário voltar para casa.

O momento de início do lazer noturno é, por vezes, organizado pelo coletivo, ou seja, pela aglomeração e concentração dos jovens em torno dos locais de lazer, mas também pode ser permeado pelas ofertas e atrações oferecidas pelos espaços de lazer, como promoções, *happy hours*, pequenos *shows* (FERREIRA, 2007). Contudo, são outros os aspectos que regulam o término de uma noite de lazer, como o fechamento dos estabelecimentos, o cansaço depois das atividades diurnas, as companhias (ou a falta delas), o estado de alteração a partir do uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas e também pela disponibilidade de transporte particular ou público para regressar à própria residência.

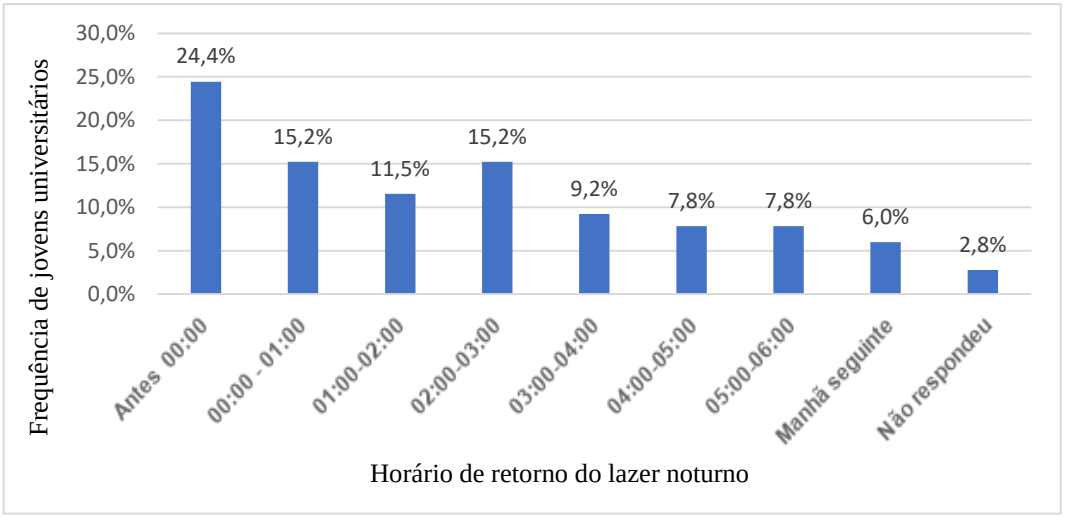
Em relação aos itinerários de saídas de casa para as vivências de lazer do coletivo estudado, os picos de horários de saída se apresentaram entre 19:00 e 22:00 horas. Observamos que o horário de volta para casa acontece, para uma parcela desses jovens, antes da meia-noite (24,4%), e cabe ressaltar que a frequência aparece mais alta especialmente entre as mulheres (29%). Entretanto, apontamos que a frequência de jovens que permanecem em suas vivências de lazer noturno entre meia-noite e 2 horas da manhã representa 26,7%, e aqueles que ficam entre 2:00 e 4:00 horas da manhã correspondem a 24,4%, e entre 4:00 e 6:00 horas da manhã são 15,6%. Outro dado relevante diz respeito aos jovens que só regressam para casa na manhã seguinte (6%) (Gráficos 3 e 4).

Gráfico 3. Frequência de participante, conforme horário em que sai para o lazer noturno



Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Gráfico 4. Frequência de participante, conforme horário em que retorna do lazer noturno



Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Outro dado que nos importa sobre os itinerários de lazer noturno dessa juventude se apresenta pela análise da ocupação de vida dos jovens. Os diferentes ritmos de vida daqueles que exercem atividades acadêmicas e trabalham impactam no horário em que iniciam o lazer noturno, ou seja, na gestão do tempo de lazer (SAN SALVADOR, 2009). Entre essa população, percebemos diferença de uma hora em relação aos jovens que somente estudam, isto é, os estudantes que trabalham apresentam mais frequência de ingresso no lazer noturno,

entre 20:00 e 22:00 horas, enquanto o outro grupo inicia com mais frequência entre 19:00 e 20:00 horas.

No presente estudo, o retorno para casa apresenta diferenças relevantes. O grupo que inicia o lazer noturno entre 18:00 e 20:00 horas é o mesmo que retorna mais cedo para casa (entre meia-noite e 3:00 horas da manhã), enquanto os jovens que iniciam seu lazer a partir das 21:00 horas são os que permanecem ao longo da madrugada, com alguns deles não retornando para casa na manhã seguinte (6%). Um grupo retorna antes de meia-noite (24,4%) e entre meia-noite e 1:00 da manhã (15,2%), o que pode indicar os horários de encerramento das linhas de transportes públicos da Região Metropolitana de Vitória e de funcionamento de alguns estabelecimentos. Para outros, as obrigações do dia seguinte, seja em relação a trabalho, estudos e prática de atividades físicas, são aspectos importantes para considerarem a permanência no tempo-espaço do lazer. Para alguns jovens (6%), no entanto, os limites da noite não representam fronteiras temporais, uma vez que as temporalidades que marcam o dia e a noite se interligam e se confundem e o retorno para casa é prorrogado somente para o clarear do dia seguinte.

Existem, contudo, algumas barreiras que impedem essa população de desfrutar das saídas para o lazer noturno. Os recursos financeiros não são apontados como impedimento para a prática do lazer, mas interferem na frequência com que os jovens saem nos fins de semana de um mês, ou seja, quanto menor a disponibilidade financeira, menos é o número de vezes que desfrutam do lazer em fins de semana de um mês inteiro. Outro dado que aparece na relação de gênero observada nas respostas à questão "Normalmente você sai na sexta e no sábado?"[29] apontam que as mulheres saem com menor frequência durante as sextas-feiras e no sábado, mesmo que saiam com a mesma frequência que os homens pelo menos um dia dos fins de semana no período de um mês. Esses dados podem surgir da disparidade de tempo disponível para o lazer, uma vez que as mulheres que declararam não ter tempo suficiente no fim de semana são as que menos saem às sextas-feiras e sábados (59,3% das mulheres e 38,2% dos homens).

[29] Tabela A.9, Apêndice A.

6.5.2. Onde vão à noite

As atividades de lazer preferidas pelos jovens são aquelas que envolvem interesses sociais (como ir a repúblicas de estudantes, à casa de amigos, bares, cafés, *pubs*) e atividades artísticas, como frequentar cinemas (Tabela 5).

Tabela 5. Atividades praticadas durante o lazer noturno, de acordo com o sexo

Interesse de lazer	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Ir ao cinema	74	58,3	58	64,4	132	60,8
Ir ao restaurante	44	34,6	57	63,3	101	46,5
Ir a bares e *pubs*	75	59,1	50	55,6	125	57,6
Ir à boate	–	–	–	–	–	–
Ir ao teatro	52	40,9	34	37,8	86	39,6
Ir a concertos/*shows*	6	4,7	14	15,6	20	9,2
Beber nas ruas e praças	46	36,2	34	37,8	80	36,9
Praticar atividades físicas	63	49,6	39	43,3	102	47
Passear	55	43,3	22	24,4	77	35,5
Ir à casa de amigos	64	50,4	58	64,4	122	56,2
Ir à república de estudantes	83	65,4	62	68,9	145	66,8

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

O lazer noturno expõe uma variação de ofertas para o público jovem. Há a ocupação de espaços privados e também de espaços públicos marcados por uma produção social de

signos que moldam as percepções e as práticas nos contextos de lazer noturno (JAYNE; HOLLOWAY; VALENTINE, 2006; MEASHAM, 2004a; DEMANT; LANDOLT, 2014). A noite traz consigo um amplo espectro de ofertas e procuras que aparecem, muitas vezes, distintas entre as próprias juventudes. Os espaços que caracterizam atividades sociais são os mais frequentados entre os jovens, mas, entre essa população se observam nuances na relação espaço-gênero.

Como primeira e segunda opções entre as mulheres, observamos que esse público frequenta mais espaços privados, como repúblicas de estudantes e casa de amigos, enquanto para o público masculino as repúblicas de estudantes aparecem primeiro, e em seguida espaços como bares e *pubs*. Essa divergência pode remeter às discussões apresentadas nos capítulos anteriores deste trabalho, que expõem as ocupações dos espaços noturnos pelas juventudes e a preocupação das mulheres com os riscos que os locais de lazer abertos e públicos podem proporcionar, além do perigo potencial no trajeto entre o espaço particular (como a casa) e os locais de lazer (CARR, 2000; GREEN; SINGLETON, 2006).

6.6. Usos de drogas no lazer noturno

O consumo recreativo de drogas aparece como um dos temas abordados nos estudos sobre as populações juvenis. Para descrever os consumos associados ao lazer noturno da parcela juvenil, recorremos a perguntas que buscavam entender os diversos usos de bebidas alcoólicas, a frequência do uso e a quantidade de doses ingeridas por ocasião, assim como, em relação ao consumo recreativo de drogas ilícitas, interessava-nos saber a frequência de jovens que fazem uso, os tipos de drogas e o padrão de consumo.

Embora o consumo de álcool prevaleça entre os participantes deste estudo, podemos verificar, em menor escala, que o consumo de psicoativos de maneira geral é uma realidade de lazer entre os universitários da pesquisa. Tais resultados corroboram o levantamento nacional realizado em 27 capitais sobre o uso de álcool e outras drogas entre universitários (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010), confirmando ainda outras pesquisas entre os alunos da mesma universidade vinculada à nossa pesquisa (PORTUGAL et al., 2008; SANTOS; PEREIRA; SIQUEIRA, 2013; TEIXEIRA et al., 2010). Tal detecção contribui para a desconstrução de alguns estigmas imputados aos consumidores de substâncias

psicoativas, os quais seriam pessoas apartadas da sociedade e das obrigações com trabalho e estudo. É possível verificar diferentes instâncias de usos concomitantes ao cotidiano de um jovem universitário.

Na perspectiva nacional e em outros estudos sobre o consumo de drogas dessa população, estão disponíveis análises que evidenciam principalmente os padrões de uso, quantidades e frequências, além das questões que relacionam as diferenças entre gêneros, classe social e faixa etária, frequentemente vinculando os usos aos potenciais riscos físicos, psicológicos e a apontamentos sobre medidas de saúde pública destinadas a essa população. No entanto, esses estudos também expõem um cenário de investigação ainda pouco explorado acerca desses consumos de drogas que se relacionam às escolhas de lazer dessa população (ROMERA, 2014).

As discussões apresentadas ao longo do presente estudo apontam o lazer como uma esfera de crescimento pessoal e social, além de integrante chave nos estilos de vida das culturas juvenis nas sociedades atuais, mas mostram também discursos ambivalentes quando atravessado pelos usos de drogas. Ao incorporamos as perspectivas sociológicas que exploram o uso de substâncias nos vários contextos de lazer, lógica que se torna relevante quando investigamos o crescimento do mercado do lazer e entretenimento em torno do uso de drogas, podemos entender esses contextos além dos olhares recortados da realidade (BERGERON, 2012; COMAS, 2009).

6.6.1. O consumo de bebidas alcoólicas

Ao observamos os resultados sobre uso recreativo de bebidas alcoólicas, notamos à similaridade dos dados já apresentados em outros estudos sobre os altos índices de uso entre as populações juvenis (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010; CARLINI; GARDUROZ, 2007; ROMERA et al., 2018). A Tabela 7 apresenta o consumo de bebidas alcoólicas e retrata o papel de destaque dos lazeres na noite, afirmados por 63,6% da população investigada. Não encontramos diferença estatística significativa entre gênero, faixa etária, estado civil, com quem os jovens moram ou entre aqueles que se ocupam só com os estudos e aqueles que trabalham e estudam, o que pode sinalizar a prevalência entre os diversos grupos e também um movimento de naturalização dos usos recreativos entre as camadas juvenis (MEASHAM; BRAIN, 2005; MEASHAM; SHINER, 2009).

A Tabela 6 auxilia também a discutir, de forma mais específica, o padrão de consumo do grupo estudado. A maior parte dos jovens universitários consome bebidas alcoólicas nos fins de semana (84,1%), o que vai ao encontro do exposto por Águila (2005) e Martins (2006), que ressaltam o uso de álcool sobretudo nos fins de semana e em situações festivas com amigos e familiares. Esse consumo é discutido como oportunidade de romper com a rotina da semana (BRAIN 2000; MEASHAM; BRAIN 2005; MARTINIC; MEASHAM, 2008), mas também se manifesta durante os dias da semana (15,9%) e, para alguns, todos os dias (2,3%).

Tabela 6. Frequência de consumo de álcool, de acordo com o sexo

Consumo de bebidas alcoólicas		Masculino		Feminino		Total	
		N	%	N	%	N	%
Consome álcool?	Sim	82	64,6	56	62,2	138	63,6
	Não	45	35,4	34	37,8	79	36,4
Frequência de consumo na semana	Somente aos fins de semana	74	84,1	44	81,5	118	83,1
	Fins de semana e durante a semana	14	15,9	10	18,5	24	16,9
Frequência de consumo em um mês	Todos os dias	2	2,3	0	0	2	2,3
	Todos os fins de semana	14	15,9	5	9,3	19	13,4
	Quase todos os fins de semana	37	42	27	50	64	45,1
	Uma vez ao mês	22	25	13	24,1	35	24,6
	Raramente	13	14,8%	9	16,7	22	15,5

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Stebbins (1997) aponta o consumo de drogas psicoativas como uma prática hedonista do lazer casual, na qual se obtém gratificação imediata a partir dos efeitos da droga e da consequente facilitação da conversação social pela desinibição farmacologicamente proporcionada. Leigh e Lee (2008) reforçam esse argumento quando discutem que, apesar dos riscos físicos, o consumo de bebidas alcoólicas pode ser um facilitador tanto nos aspectos sociais, ao entrar em contato com o outro e/ou lidar com contextos frustrantes, mas também se

torna relevante nas questões identitárias do jovem, levando em conta o exercício dos estilos de vida nas sociedades atuais.

Um ponto que gostaríamos de ressaltar é que nossa análise não apresentou diferença significativa quanto ao consumo em relação às questões de gênero, dados que podem indicar uma diminuição das fronteiras simbólicas da participação das mulheres nessa atividade social (MEASHAM; ØSTERGAARD, 2011). Esse apontamento pode convergir da maior possibilidade de rompimento das gerações jovens atuais com laços tradicionais que construíam o papel e as fronteiras delimitadas para a mulher na sociedade, além da possibilidade de aspiração de carreiras no mercado de trabalho, que é hoje uma realidade das jovens mulheres da nossa investigação. Esses processos, dentro da sociedade de consumo, contribuem para a mudança de *status* do consumo de álcool, antes relacionado a mulheres transgressoras, para se integrarem às questões culturais que permeiam a sociedade atual como estilos de vida e identidade (MEASHAM, 2001).

Em consonância com a base teórica deste estudo, apresentamos outras categorias que são relevantes para a análise dos dados sobre consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens investigados: o *binge drinking*, o local de consumo e as informações dos jovens sobre o uso de bebidas alcoólicas.

6.6.2. *Binge drinking*

Outro ponto relevante aparece quando questionamos os participantes sobre a quantidade de bebidas alcoólicas que ingerem em uma ocasião no lazer noturno. Ao analisarmos as frequências de jovens bebedores em relação à quantidade de uso, temos quase metade da amostra (48,9%) com padrões de beber em *binge*, percentual mais elevado que o consumo apontado por Andrade, Duarte e Oliveira (2010), no qual 36,7% dos jovens declararam esse padrão de consumo.

Em estudo comparativo sobre o consumo de álcool entre jovens universitários brasileiros e portugueses, Romera et al. (2018) e Parente et al. (2017) discutem que entre os universitários o ato de beber em *binge* apresenta-se como um padrão de consumo. A prática do *binge drinking* é problematizada principalmente considerando dois pontos: a naturalização da presença do álcool na vida diária da população, sobretudo nos contextos de lazer, bem como a percepção dos jovens sobre a quantidade do seu próprio consumo. Quanto ao primeiro

ponto, apresentamos no quarto capítulo alguns aspectos sobre o fortalecimento do mercado das bebidas alcoólicas e a mercantilização desses produtos, como a apresentação de rótulos atrativos desenhados para grupos populacionais, capturando signos de um estilo de vida desejado, o patrocínio de eventos esportivos e musicais e as ações publicitárias que ilustram momentos de gratificação pessoal, gerando com isso uma naturalização do uso de bebidas alcoólicas nos momentos de lazer (MEASHAM; BRAIN, 2005).

Em relação ao segundo ponto, estudos internacionais (MEASHAM, 2004a; SZMIGIN et al., 2008) argumentam que os jovens, quando questionados, não caracterizam seu padrão de uso de álcool como excessivo, extremo ou em *binge*, a não ser que enfrentem consequências negativas relacionada a isso. O consumo dentro de uma esfera recreativa proporcionaria uma espécie de "permissividade emergente" restrita àquele contexto, como uma licença para o consumidor transgredir as fronteiras do que é moralmente reprimido. Contextos estes em que alguns usos podem ser encobertos por não se classificarem como abusivos e ainda podem corresponder a uma nova cultura de intoxicação, centrada no uso hedônico como estilo de vida.

Leigh e Lee (2008) apontam o consumo de bebidas alcoólicas em grande quantidade entre as juventudes como uma prática social democratizada, transgredindo, sobretudo, questões econômicas e de gênero. Sobre essa afirmativa, os recursos financeiros não foram estatisticamente significantes quando o foco envolvia o consumo de álcool em *binge* em nosso estudo. Dos participantes que declararam não ter nenhum dinheiro disponível para o lazer, 4,4% afirmaram consumir álcool em grandes quantidades, assim como a população que declarou ter de R$1,00 a R$199,00 reais para o lazer representa mais de um terço (33,77%) dos que se integram nesse padrão de consumo. Entre a população que declarou disponibilizar até R$400,00 reais para o lazer, 61,7% afirmou fazer uso em *binge*. Quanto aos resultados por sexo, a prática do *binge drinking* não apresenta diferença estatística significante, o que pode indicar, assim como nos dados sobre a frequência de uso, um encurtamento da distância cultural entre homens e mulheres em relação à quantidade de ingestão de álcool, caracterizando mais um indicador de consumo recreativo paritário entre essa população.

6.6.3. Local de consumo

Com o álcool aparecendo como a principal droga consumida pelo grupo pesquisado, a investigação dos espaços nos quais esses consumos se localizam pode ser significante para compreender normas sociais e signos que regulam o padrão de uso desses jovens, bem como evidenciar possíveis desigualdades de acesso das populações juvenis a esses cenários.

Observamos que os jovens investigados frequentam locais de lazer noturno privados e públicos com a finalidade de se reunirem para beber. Esses espaços se materializam em estabelecimentos como bares e *pubs* (57,6%) e espaços ocupados em ruas e praças (36,9%). Os dados analisados neste estudo apresentam relações importantes sobre as dinâmicas de uso dos espaços no lazer noturno. Segundo Aresi e Pedersen (2016), em contexto de uso que se relacionam a espaços formais como bares e *pubs*, o padrão de uso tende a se apresentar moderado e o álcool passa a representar fator integrante na facilitação da socialização. No nosso estudo, mais da metade dos jovens frequenta espaços formais de lazer e o padrão de uso (moderado ou *binge drinking*) não apresenta diferença significante, caracterizando que uma parte dos jovens faz uso moderado, enquanto outra apresenta consumo com padrões de embriaguez.

No entanto, quando observamos os dados sobre os consumos em espaços não formais de lazer, como ruas e praças, temos maior frequência[30] de padrões de beber em *binge drinking* com 60,6% dos jovens declarando essa modalidade de consumo. Esses aspectos se aproximam de estudo sobre o fenômeno do *botellón* na Espanha, que aponta que jovens universitários apresentam maiores consumos de álcool em ambientes públicos ocupados pelas juventudes (GÓMEZ-FRAGUELA et al., 2008). Como argumentamos no terceiro capítulo, uma possível interpretação para esse fenômeno é a flexibilização das normas nesses espaços que apresentam menor controle regulatório. Esses locais não só proporcionam um cenário físico de encontro, mas a oportunidade de os jovens serem vistos e também de se esconderem, de criarem e compartilharem outros significados além daqueles apresentados e pré-moldados nos espaços privados, possibilitando ainda a ingestão de bebidas com menor custo. Os consumos nesses contextos se dão, via de regra, com bebidas compradas em mercados e mercearias, e com menor preço que em bares e restaurantes (ROBINSON, 2009).

[30] Tabela A.10, Apêndice A.

Porém os contextos de lazer noturno escondem exclusões entre o público universitário estudado. A disponibilidade de recursos financeiros para o lazer mostra-se um fator relevante para compreender a ocupação de espaços para beber (MEASHAM, 2004a). Os espaços privados, como bares e *pubs*, não representam neste estudo um ambiente democrático, pois são frequentados por um público com mais recursos financeiros para o lazer, enquanto as ruas e praças são mais frequentadas por jovens que declararam ter menos dinheiro disponível para o lazer.

Outro ponto que podemos discutir ainda é o acesso do público feminino aos espaços formais e informais de consumo. Apesar de não termos percebido qualquer diferença estatística significativa na relação entre acesso e gênero, reconhecemos que os limites deste estudo podem encobrir questões culturais que problematizam a presença das mulheres em espaços de consumo de bebidas alcoólicas tradicionalmente marcados como masculinos (ØSTERGAARD, 2007), pontos estes que nos dão mais pistas para futuras investigações quando analisamos as percepções de consumo entre os jovens indicados na seção seguinte.

6.6.4. Informações sobre o uso de bebidas alcoólicas

Apesar dos dados quantitativos representarem uma realidade paritária de consumo de álcool, diversos aspectos subjetivos devem ser observados quando tratamos dos modos de consumo das populações jovens. A percepção dos efeitos e dos riscos do uso e o desejo de atingir um estado de alteração de consciência por meio de substâncias psicoativas podem aparecer de forma distinta entre os gêneros (Tabela 7).

Tabela 7. Informação sobre o consumo de álcool, de acordo com o sexo

Consumo de bebidas alcoólicas		Masculino		Feminino		Total	
		N	%	N	%	N	%
Possui informação suficiente sobre o consumo de álcool?	Sim	70	77,8	51	91,1*	121	82,9
	Não	20	22,2	5	8,9	25	17,1

* p<0,05.
Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Ao perguntarmos aos universitários se possuíam informações suficientes sobre o consumo de bebidas alcoólicas, foi observada uma diferença significativa em relação ao gênero. As mulheres declararam ter mais informações sobre o consumo do que os homens. Esses dados podem sugerir observações apontadas na revisão teórica, as quais argumentam que as mulheres podem associar o consumo de bebidas alcoólicas a situações de maior exposição ao risco e à insegurança pessoal (BROOKS, 2011). Por conseguinte, podem apresentar diferentes estratégias de consumo nesses contextos, como decisões que tangem ao cuidado com o nível de intoxicação, escolhas sobre os espaços que frequentam para beber, principalmente quando envolve contato direto com o público masculino (ARMSTRONG; THUNSTROM; DAVEY, 2011; BROOKS, 2011).

Os autores que discutem o risco dos usos de álcool problematizam que a naturalização do uso nos contextos de lazer juvenis pode repercutir nos índices de acidentes automobilísticos por intoxicação e também em episódios de prática de relações sexuais desprotegidas (CALAFAT et al., 2009). Além disso, outro aspecto discutido pela literatura diz respeito à aceitação social de alguns comportamentos/abordagens abusivos e invasivos que podem ser intensificados pelos efeitos do álcool em contextos de uso recreativo, os quais são recebidos com medo e possibilidade de risco pelas mulheres, mas ainda assim naturalizados no imaginário social como abordagens e conversas indesejadas (ARMSTRONG; THUNSTROM; DAVEY, 2011; BROOKS, 2011).

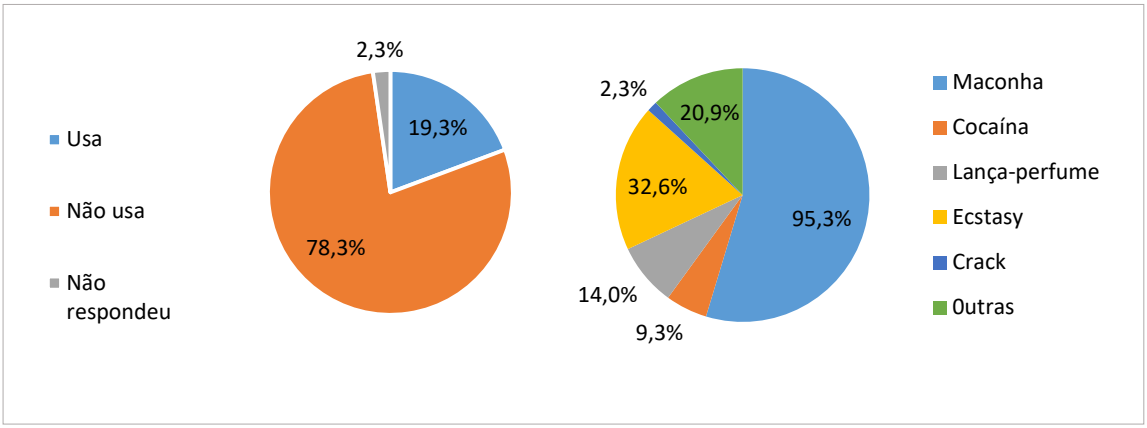
6.6.5. Uso de drogas ilícitas

Outro ponto de convergência que os debates sobre os usos de drogas e o lazer podem explorar são as questões referentes aos usos de substâncias ilícitas. O Gráfico 5 apresenta os resultados sobre o consumo recreativo do grupo estudado: 19,3% afirmaram fazer uso de substâncias ilícitas, sendo a maconha[31] a substância mais usada, representando 95% dos usos totais desses jovens, seguida de *ecstasy*, lança-perfume, cocaína e *crack*, além de outras drogas relatadas, que são ketamina e haxixe. As mulheres desta pesquisa não apresentaram porcentagens de uso de cocaína, solvente nem *crack*. Em outros estudos que tiveram lócus na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a maconha só aparece como prevalente entre

[31] Embora a *cannabis* esteja atualmente classificada como uma droga ilícita, intensificam-se as discussões no Brasil referentes à sua legalização, principalmente para uso medicinal.

os alunos de psicologia (SANTOS; PEREIRA; SIQUEIRA, 2013), enquanto em outras investigações de cursos da saúde, as maiores frequências se referem aos inalantes e solventes (MARDEGAN et al., 2007; PEREIRA et al., 2008; PORTUGAL et al., 2008).

Gráfico 5. Frequência de uso de drogas ilícitas



Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Entre os usos apontados, a maioria dos jovens se declarou consumidor recreativo de fins de semana, enquanto os demais afirmaram fazer uso durante a semana e também nos fins de semana. Essa distribuição nos chama atenção principalmente quando observamos esses usos ao longo de um mês: 20,7% dos jovens afirmaram usar drogas ilícitas todos os dias, e entre as substâncias consumidas está a maconha (Tabela 8).

Gómez (2004) discute que o consumo de maconha ganha espaço além dos contextos festivos e se apresenta como uso diário. Esses dados podem demostrar uma possível flexibilização desse uso entre os universitários, cada vez mais naturalizado no interior dos *campi*. O autor aponta que essa substância está em expansão e é difundida em todos os contextos, apresentando situações em que seu uso é preferível ao do álcool. Entre os jovens pesquisados que afirmaram usar maconha no lazer noturno, 7,1% se declararam abstêmios[32] do consumo de bebidas alcoólicas, o que, apesar dos limites deste estudo, pode nos trazer pistas no que se refere ao uso de substâncias ilícitas em contextos recreativos. Freitas et al. (2016) discutem os efeitos negativos do álcool na prática de *skate* e a preferência da maconha como estímulo à conversação social.

[32] Tabela A.11, Apêndice A.

Tabela 8. Frequência de uso de drogas ilícitas, de acordo com o sexo

Drogas ilícitas		Homens		Mulheres		Total	
		N	%	N	%	N	%
Frequência de uso na semana	Somente aos fins de semana	19	63,3	9	64,3	28	63,6
	Fins de semana e durante a semana	11	36,7	5	35,7	16	36,4
Frequência de uso em um mês	Todos os dias	6	20,7	5	38,5	11	26,2
	Todos os fins de semana	1	3,4	1	7,7	2	4,8
	Quase todos os fins de semana	8	27,6	4	30,8	12	28,6
	Uma vez ao mês	14	48,3	3	23,1	17	40,5
	Raramente	–	0	0	0	–	0

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Quanto ao repertório de uso por idade, o estudo observa que do total de jovens com 18 anos que afirmaram usar drogas ilícitas, todos apresentaram uso de maconha e apenas um de *ecstasy*, enquanto se declararam abstêmios em relação a outras substâncias. Os jovens entre 19 e 23 anos apresentaram os maiores padrões de policonsumo da população, enquanto percebemos uma queda entre os estudantes de 24 anos. Entretanto, quando investigamos as dimensões que envolvem esses contextos recreativos, as análises sobre frequência e prevalência tornam-se incompletas por não serem suficientes para mostrar aspectos que são inerentemente sociológicos.

A percepção dos jovens pesquisados em relação às diferentes drogas consideradas ilícitas apresenta-se bem variada. A maconha aparece como uma droga que não denotaria adição e mudanças de comportamento abruptas do sujeito a ponto de causar interferência nas situações normais de vida, como nas atividades acadêmicas, de trabalho e a relação com amigos e família, enquanto consideraram que outras drogas ilícitas trariam consequência nesses campos (BAHORA; STERK; ELIFSON, 2009; JÄRVINEN; DEMANT, 2011). As ideias trazidas pelos autores mencionados formam o ideário de *fronteiras simbólicas* investigado também por Bergeron (2012). Os dados desta investigação apontam que 66,7% dos que se declararam usuários de drogas ilícitas mostram-se atentos às obrigações da vida

cotidiana, o que pode sugerir que compromissos previamente organizados relacionados às atividades esportivas, laborais, turísticas e artísticas podem configurar-se como fatores de proteção ao uso abusivo no lazer dessa população.

Podemos discutir também que os consumos nos contextos de lazer noturno podem caracterizar-se pela perseguição de um estado de alteração por meio de uma espécie de "descontrole controlado" (MEASHAM; BRAIN, 2005), ou seja, um consumo que se materializa pelas escolhas dos espaços ou de uma situação social de uso no qual essa parcela da juventude considera os riscos do consumo, tem estratégias de uso e avalia a que ponto pode estendê-lo para não se expor a consequências negativas na noite ou no dia seguinte. Os dados sobre o uso de substâncias ilícitas nesta pesquisa, aliados aos argumentos trazidos pela literatura, podem sugerir que a forma com que esse uso aparece entre os grupos de jovens dentro da população estudada (em relação a sexo, idade, ocupação e com quem reside) dá abertura para futuras discussões sobre o descolamento de um comportamento de consumo de drogas ilícitas alocado por muito tempo às margens da esfera social, ou seja, considerado próprio de uma subcultura desviante, para uma prática social no centro da cultura juvenil de uma parcela dos universitários (DUFF, 2003; PARKER et al., 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações assumimos a tarefa de sintetizar os resultados e as análises levantados. Considerando o lazer dos jovens universitários como objeto de estudo desta investigação, buscamos conhecer os modos de vivência do lazer de forma mais ampla e também do lazer noturno, bem como as formas de usos de drogas entre esse público, especialmente durante o lazer da noite. Notamos que o lazer representa elemento central na vida das populações juvenis universitárias, dado o repertório de vivências, gostos e tempos. No entanto, esses jovens, como em muitas das esferas sociais da realidade brasileira, não escapam às exclusões e limitações temporais, culturais e socioeconômicas.

O lazer da parcela da juventude aqui estudada destaca-se por seu vínculo social, principalmente quando compartilhado com amigos, além de também se configurar em interesses físico-esportivos, de descanso e artístico, este último sobretudo vinculado às idas ao cinema. As práticas de lazer que se relacionam aos interesses turísticos, intelectuais e artísticos (excluindo as idas ao cinema) refletem a distância em relação às vontades e à realidade dessas práticas envolvendo essa população. Essa discrepância é problematizada principalmente por barreiras na concretização dessas atividades, como a falta de tempo disponível e de recursos financeiros para o lazer.

Outro ponto que se manifesta importante são as segmentações da relação de lazer entre homens e mulheres. Nas práticas esportivas, encontramos um cenário conflituoso considerando a área acadêmica a qual a amostra pertence. As mulheres declararam praticar mais esportes, entretanto ressaltaram menor acesso aos espaços destinados a essa prática. Além disso, mais da metade dos homens afirmaram não gostar de esportes. Os limites do instrumento não nos possibilitaram compreender de forma mais aprofundada tais questões, surgindo a possibilidade de futuros estudos sobre a temática por apresentar contraste com levantamentos nacionais sobre a temática.

No que concerne ao lazer noturno desse público, esse espaço-tempo é tomado pela maioria dos jovens universitários. Constatamos que a noite se apresenta como um espaço de ruptura da rotina e de socialização para boa parte da população juvenil, divergindo entre itinerários e espaços ocupados que se distinguem por variáveis como gênero, idade, ocupação de vida.

Quando nos debruçamos sobre a terceira questão de análise deste trabalho, assumimos o desafio de incorporar as experiências consideradas desviantes como categoria central das discussões sobre o lazer, muito embora essa adjetivação perca o sentido quando pensamos a desconstrução dos consumos que a atualidade vem desenvolvendo.

O uso de drogas, assim como qualquer outra questão social, não é passível de compressão quando olhado isoladamente, mas compõe parte de um todo que é muito mais complexo que a visão simplista de desvio e delinquência. O estudo possibilitou compreender que boa parte dessa população se engaja em consumo de drogas, fora das narrativas reducionistas que conduzem o imaginário social aos estigmas imputados aos sujeitos desses usos como pessoas irresponsáveis, permitindo verificar diferentes formas de uso que se manifestam de maneira concomitante à vida universitária.

Sugerimos que consumos de drogas estão intrinsecamente relacionados às pautas de lazer de uma parcela da população com a naturalização do consumo de bebidas alcoólicas apresentando padrões parecidos ou mais altos que os estudos com a mesma faixa etária e nível escolar nacional e a participação em contextos que giram em torno desse consumo de forma paritária.

De maneira similar, essa população apresenta usos de drogas ilícitas com a maconha entre as mais consumidas pelos jovens que declararam usar ilícitos. O consumo de drogas aparece aqui menos relacionado às subculturas e mais integrante central dessas juventudes nos momentos de lazer e como estilos de vida, destacando-se pelo *uso recreativo* nos fins de semana.

Os questionamentos trazidos por este estudo apontam a necessidade de maiores investigações por meio do enfoque qualitativo. A simples apreensão das frequências e padrões de consumo de drogas torna-se insuficiente para entender o universo de sentidos que as juventudes dão aos momentos de lazer, estes menos ligados às ideias de desvio e muito mais às questões de estilos de vida nas sociedades contemporâneas.

Além disso, os dados quantitativos desta investigação dão abertura também para pesquisas qualitativas sobre o maior acesso de mulheres aos cenários de uso recreativo de drogas no lazer noturno, que podem resultar em futuros desdobramentos sobre os modos de inserção das mulheres nas vivências de consumo recreativo, seus significados e expectativas.

REFERÊNCIAS

ÁGUILA, Cornelio Soto et al. El ocio en el marco sociocultural de la posmodernidad. Una aproximación desde las prácticas de los jóvenes universitarios. **Apunts – Educación y desportes**, Barcelona, v. 3, n. 81, s/p., 2005.

ANDRADE, Arthur Guerra de; DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira; OLIVEIRA, Lúcio Garcia de. **I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010. v. 1.

ARESI, Giovanni; PEDERSEN, Eric R. "That right level of intoxication": A Grounded Theory study on young adults' drinking in nightlife settings. **Journal of Youth Studies**, United Kingdom, v. 19, n. 2, p. 204-220, 2016.

ARMSTRONG, Kerry A.; THUNSTROM, Hanna; DAVEY, Jeremy D. **Young women's drinking experiences in public drinking venues**. [*S.l.*]: Queensland University of Technology & Foundation of Alcohol Research and Education, 2011.

AYRES, Tammy C.; TREADWELL, James. Bars, drugs and football thugs: alcohol, cocaine use and violence in the night time economy among English football firms. **Criminology & Criminal Justice**, United Kingdom, v. 12, n. 1, p. 83-100, 2012. DOI:10.1177/1748895811422949.

BABOR, Thomas et al. Alcohol: no ordinary commodity: research and public policy. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 280-283, 2003.

BAHIA, Mirleide C.; BRITO, Ronivaldo S. O lazer do brasileiro: como é vivenciado o tempo. *In*: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil:** representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 95-110.

BARBOSA, Ana Luiza Neves. **Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer:** uma análise da alocação do tempo no Brasil. Brasília, DF; Rio de Janeiro: IPEA, 2018.

BAHORA, Masuma; STERK, Claire E.; ELIFSON, Kirk W. Understanding recreational ecstasy use in the United States: a qualitative inquiry. **The International Journal on Drug Policy**, Amsterdam, v. 20, n. 1, p. 62-69, 2009. DOI: 10.1016/j.drugpo.2007.10.003.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zadar Editora, 2001.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEERLI-PALACIO, Asunción; MARTÍN-SANTANA, Josefa; DÍAZ-MENESES, Gonzalo; FERNÁNDEZ-MONROY, Margarita; GALVÁN-SÁNCHEZ, Inmaculada. A model of attitudes, beliefs, emotions and values to explain the Spanish youth street binge drinking phenomena. **International Review on Public and Nonprofit Marketing**, Amsterdam, v. 9, n. 2, p. 181-197, 2012. DOI: 10.1007/s12208-012-0088-y.

BERGERON, Henri. **Sociologia da droga**. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

BERTHET, Marie-Avril; LAZCANO, Idurre; LOMBI, Linda; MADARIAGA, Aurora; RAMOS, Alfredo; RODRÍGUEZ, Elena; SANMRTÍN, Anna; JÁNOS, Szabo. **La marcha nocturna**: ¿un rito exclusivamente español? Madrid: Centro Reina Sofía sobre Adolescencia y Juventud, 2016. p. 240-240. Disponível em: http://xuventude.xunta.es/uploads/docs/Observatorio/La_marcha_nocturna._Un_rito_exclusivamente_espaol.pdf. Acesso em: 16 jul. 2019.

BLACKSHAW, Tony. **Leisure (Key Ideas)**. United Kingdom: Taylor and Francis, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2019. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003.

BOURGOIS, Philippe. Crack-cocaína y economía política del sufrimiento social en Norteamérica. **Humanitas**, [*S.l.*: *s.n.*], 5, p. 95-104, 2004.

BORSAY, Peter. **A history of leisure**: the British experience since 1500. London: Macmillan International Higher Education, 2006.

BRAIN, Kevin. **Youth, alcohol and the emergence of the post-modern alcohol order**. London: Institute of Alcohol Studies, 2000.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO; Pedro Paulo Martoni. **Retrato da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175-214.

BROOKS, Oona. "Guys! Stop Doing It!": young women's adoption and rejection of safety advice when socializing in bars, pubs and clubs. **British Journal of Criminology**, United Kingdom, v. 51, n. 4, p. 635-651, 2011. DOI:10.1093/bjc/azr011.

BRUNELLI, Rodrigo Trevisan; ROMERA, Liana Abrao; MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer, juventude e álcool: uma análise das promoções e eventos dirigidos ao público jovem. **LICERE – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 1-18, 2013.

CALAFAT, Amador et al. Risky sexual behaviour and drug use in recreational nightlife context. A gender perspective. **Psicothema**, Asturias, v. 21, n. 2, p. 227-233, 2009.

CALDWELL, Linda L.; SMITH, Edward A. Leisure as a context for youth development and delinquency prevention. **Australian & New Zealand Journal of Criminology**, Australia, v. 39, n. 3, p. 398-418, 2006.

CAMARGO, L. O. de L. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (orgs.). **Hospitalidade**: cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 61-71.

CAÑEDO, Montserrat; MORAL, Enrique. Risky pleasures and drugged assemblages: young people's consumption practices of AOD in Madrid. **The International Journal on Drug Policy**, Amsterdam, v. 49, p. 102-108, 2017. DOI: 10.1016/j.drugpo.2017.08.002.

CARLINI, Elisando Araújo; GALDUROZ, José Carlos. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. Brasília, DF: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

CARNEIRO, Henrique Soares. As drogas e a história da humanidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 6, n. 6, p. 13-15, 2009.

CARNEIRO, H. **Drogas**: a história do probicionismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2014.

CARR, Neil. An exploratory study of young women's use of leisure spaces and times: constrained, negotiated, or unconstrained behaviour? **World Leisure Journal**, United Kingdom, v. 42, n. 3, p. 25-32, 2000.

CHATTERTON, Paul; HOLLANDS, Robert. **Urban nightscapes: y**outh cultures, pleasure spaces and corporate power. London; New York: Routledge, 2003. (Critical Geographies, 18). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=pAlQWhGLJQ4C&pg=PA1&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 8 out. 2018.

CLARKE, John; CRITCHER, Chas. **The devil makes work:** leisure in capitalist Britain. London: Macmillan, 1985.

COMAS, D. A. **Una lectura ideológica (y política) del consume**. *In*: PROBLEMAS DE DROGAS: AQUÍ Y AHORA. Madrid: FAD, 2009. p. 273-292.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; CSIKSZENTMIHALYI, Isabella Selega (eds.). **Optimal experience:** psychological studies of flow in consciousness. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CUENCA, Manuel. **Ocio humanista**. Dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. Bilbao: Universidad de Deusto, 2000. (**Documentos de Estudios de Ocio**, n. 16).

CUENCA, Manuel. **Ocio valioso**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2014.

CUENCA AMIGO, Jaime. El ocio líquido: un nuevo paradigma de experiencia. *In*: SÁNCHEZ, M. J. M. (ed.). **La experiencia de ocio:** una mirada científica desde los estudios de ocio. Bilbao: Universidad de Deusto, 2008. p. 17-41. (Documentos de Estudios de Ocio, n. 35).

CUENCA AMIGO, Jaime. Tiempo ejemplar: el ocio y los mundos vivenciales. In: GUTIÉRREZ, E. A.; CABEZA, M. C. (eds.). **El tiempo del ocio:** transformaciones y riesgos en la sociedad apresurada. Bilbao: Universidad de Deusto, 2009. p. 57-74. (Documentos de Estudios de Ocio, n. 36).

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DEMANT, Jakob; LANDOLT, Sara. Youth drinking in public places: the production of drinking spaces in and outside nightlife areas. **Urban Studies**, United States, v. 51, n. 1, p. 170-184, 2014. DOI: 10.1177/0042098013484532.

DILKES-FRAYNE, Ella. Drugs at the campsite: socio-spatial relations and drug use at music festivals. **The International Journal on Drug Policy**, Amsterdam, v. 33, p. 27-35, 2016. DOI: 10.1016/j.drugpo.2015.10.004.

DUFF, Cameron James. Drugs and youth cultures: is Australia experiencing the "normalization" of adolescent drug use? **Journal of Youth Studies**, United Kingdom, v. 6, n. 4, p. 433-447, 2003.

DUFF, Cameron. "Charging" and "Blowing Out": patterns and cultures of GHB use in Melbourne, Australia. **Contemporary Drug Problems**, Australia, v. 32, n. 4, p. 605-653, 2005. DOI: 10.1177/009145090503200406.

DUMAZEDIER, Joffre. **Questionamento teórico do lazer**. Porto Alegre: CELAR; PUC-RS, 1975.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador 2**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIMES – UNODC. **Normas internacionais sobre a prevenção do uso de drogas**. Brasília, DF: 2014. Disponível em: http://www.unodc.org/. Acesso em: 10 jun. 2019.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, Pedro Moura. **Ir para a noite**: cultura nocturna e identidade juvenil. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2007.

FOLGAR, Manuel Isorna; RIVERA, Francisca Fariña; SIERRA, Juan Carlos; VALLEJO-MEDINA, Pablo. Binge drinking: conductas sexuales de riesgo y drogas facilitadoras del asalto sexual en jóvenes españoles. **Suma Psicológica**, Colombia, v. 22, n. 1, p. 1-8, 2015. DOI:10.1016/j.sumpsi.2015.05.001.

FONTOURA, Natalia; ARAÚJO, Clara (org.). *Uso do tempo e gênero*. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

FREIRE, Teresa. **Ócio e tempo livre**: perspectivar o lazer para o desenvolvemento. Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación, Coruña, v. 7, p. 345-349, 2001.

FREIRE, Teresa (ed.). **Positive leisure science:** from subjective experience to social contexts. Dordrecht: Springer, 2013.

FREITAS, Heloisa Heringer; CASSANI, Anna Carolina Martins; MACHADO, Gelsimar Jose; ROMERA, Liana Abrão. Skate, sociabilidade e consumos no lazer: a percepçao do lícito e ilícito. **LICERE – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 85-107, 2016. Disponível em: https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/download/1528/1095. Acesso em: 16 jul. 2019.

GARCIA, Carla Cristina. O lazer urbano e as mulheres: alguns pontos de discussão. In: SOLAZZI, José Lus; RODRIGUES, Juliana Pedreschi. **Neoliberalismo e políticas de lazer**: apontamentos críticos, 5 anos de pesquisa do Observatório de Políticas Sociais de Educação Física, Esporte e Lazer do Grande ABC/GEPOSEP. Santo André: Alpharrabio, 2008. p. 141-158.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GRAHAM, Kathryn. Social drinking and aggression. *In*: MATTSON, M. P. (org.). **Neurobiology of aggression:** understanding and preventing violence. Totowa, NJ: Humana Press, 2003. p. 253-274. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-59259-382-8_14. Acesso em: 19 out. 2018.

GÓMEZ, Carlos. El "botellón" como proceso y espacio de socialización juvenil. Análisis del fenómeno en la ciudad de Zaragoza (España). **Espacio Abierto**, Venezuela, v. 24, n. 1, p. 5-27, 2015.

GÓMEZ, J. P. **Drogas, consumo y culturas juveniles**. [*S.l.*: *sn*], s/d. p. 85-94.

GREEN, Eileen. "Women doing friendship": an analysis of women's leisure as a site of identity construction, empowerment and resistance. **Leisure Studies**, United Kingdom, v. 17, n. 3, p. 171-185, 1998.

GREEN, Eileen; SINGLETON, Carrie. Risky bodies at leisure: young women negotiating space and place. **Sociology**, United Kingdom, v. 40, n. 5, p. 853-871, 2006.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e ócio no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GOMES, Christianne L. Verbete lazer – concepções. In: GOMES, Christianne L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 119-126.

GOMES, C. M.; REJOWSKI, M. Lazer na Literatura Internacional. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, [*S.l.*], 2006.

GÓMEZ-FRAGUELA, José Antonio et al. El botellón y el consumo de alcohol y otras drogas en la juventud. **Psicothema**, Asturias, v. 20, n. 2, p. 211-217, 2008.

GÓMEZ, Joan Pallarés. Drogas, consumo y culturas juveniles. **Monografías Humanitas**, Barcelona, n. 5, p. 85-94, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

HENRIQUES, Susana. Risco cultivado no consumo de novas drogas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 40, p. 63-85, 2002.

HESSE, Morten; TUTENGES, Sébastien. Music and substance preferences among festival attendants. **Drugs and Alcohol Today**, United Kingdom, v. 12, n. 2, p. 82-88, 2012. DOI: 10.1108/17459261211235100.

HOBBS, Dick; LISTER, Stuart; HADFIELD, Philip; HALL, Steve. Receiving shadows: governance and liminality in the night-time economy. **British Journal of Sociology**, United Kingdom, v. 51, n. 4, p. 701-717, 2000. DOI:10.1080/00071310020015334.

HOLLANDS, Robert. **Friday night, saturday night**. **Youth cultural identification in the postindustrial city**. Newcastle upon Tyne: Department of Social Policy; University of Newcastle upon Tyne, 1995.

HUTTON, Fiona; WRIGHT, Sarah; SAUNDERS, Emma. Cultures of intoxication: young women, alcohol, and harm reduction. **Contemporary Drug Problems**, Australia, v. 40, n. 4, p. 451-480, 2013. DOI: 10.1177/009145091304000402.

HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção e o céu e o inferno**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e regiões integradas de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio/analises-do-territorio/18354-regioes-metropolitanas-aglomeracoes-urbanas-e-regioes-integradas-de-desenvolvimento.html?=&t=o-que-e. Acesso em: 17 jul. 2019.

JÄRVINEN, Margaretha; DEMANT, Jakob. The normalisation of cannabis use among young people: Symbolic boundary work in focus groups. **Health, Risk & Society**, United Kingdom, v. 13, n. 2, p. 165-182, 2011. DOI: 10.1080/13698575.2011.556184.

JAYNE, Mark; HOLLOWAY, Sarah L.; VALENTINE, Gill. Drunk and disorderly: alcohol, urban life and public space. **Progress in Human Geography**, United Kingdom, v. 30, n. 4, p. 451-468, 2006. DOI:10.1191/0309132506ph618oa.

JOE-LAIDLER, Karen; HUNT, Geoffrey; MOLONEY, Molly. "Tuned out or tuned in": spirituality and youth drug use in global times. **Past & Present**, Oxford, v. 222, suppl. 9, p. 61-80, 2014. DOI: 10.1093/pastj/gtt029.

JONES, Peter; CHARLESWORTH, Andrew; SIMMS, Victoria; HILLIER, David; COMFORT, Daphne. The management challenges of the evening and late night economy within town and city centres. **Management Research News**, United Kingdom, v. 26, n. 10/11, p. 96-104, 2003. DOI: 10.1108/01409170310784096.

LARANJEIRA, R.; PINSKY, I.; ZALESKI, M.; CAETANO, R.; DUARTE, P. C. A. V. **I levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2007.

LAZCANO, Idurre; MADARIAGA, Aurora. El ocio nocturno de la juventud en España. *In*: BERTHET, M.-A. **La marcha nocturna**: ¿ Un rito exclusivamente español? Madrid: Centro Reina Sofía sobre Adolescencia y Juventud; Fundación de Ayuda contra la Drogadicción, 2016. p. 34-95.

LE BRETON, David. **Condutas de risco:** dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEIGH, Barbara; LEE, Christine. What motivates extreme drinking. In: MARTINIC, Marjana; MEASHAM, Fiona. **Swimming with crocodiles**: the culture of extreme drinking. United Kingdom: Routledge, 2008. p. 53-78.

LEIVA, João; MEIRELLES, Ricardo. **Cultura nas capitais:** como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. Rio de Janeiro: 17 Street Produção Editorial, 2018. v. 17.

LIGHTOWLERS, Carly; ELLIOT, Mark; TRANMER, Mark. The dynamic risk of heavy episodic drinking on interpersonal assault in young adolescence and early adulthood. **The**

British Journal of Criminology, Oxford, v. 54, n. 6, p. 1.207-1.227, 2014. DOI: 10.1093/bjc/azu055.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio:** ensaios sobre o individualismo. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **La felicidad paradójica**. Barcelona: Anagrama, 2007.
MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005. DOI: 10.1590/S0103-20702005000200008.

MARDEGAN, Paula Silva; SOUZA, Renata Santos de; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de enfermagem. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 260-266, 2007. DOI: 10.1590/S0047-20852007000400004.

MARGULIS, Mario. **La cultura de la noche:** la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina, 1994.

MARTINIC, Marjana; MEASHAM, Fiona. **Swimming with crocodiles:** the culture of extreme drinking. New York: Routledge, 2008.

MARTINS, Raul Aragão. **Uso de álcool, intervenção breve e julgamento sociomoral em adolescentes que bebem excessivamente**. 2006. Tese (Livre-Docência em Psicologia da Educação) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2006.

MAYOR, Sarah Teixeira S.; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. In: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil:** representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 19-36.

MCEWAN, Brett James; CAMPBELL, Maxine M.; SWAIN, David. New Zealand culture of intoxication: local and global influences. **New Zealand Sociology**, New Zealand, v. 25, n. 2, p. 15-37, 2010. Disponível em: https://researchcommons.waikato.ac.nz/bitstream/10289/5282/1/New%20Zealand%20Culture.pdf. Acesso em: 17 jul. 2019.

MEASHAM, Fiona. Doing gender, doing drugs: a consideration of the gendering of drugs cultures and the gendering of normalisation. In: **PROCEEDINGS OF AN INTERNATIONAL RESEARCH CONFERENCE**: YOUTH CULTURES AND SUBCULTURES: FUNCTIONS OF PATTERNS OF DRINKING AND DRUG USE. Stockholm: SoRAD and the Kettil Bruun Society for Social and Epidemiological Research on Alcohol, 2001.

MEASHAM, Fiona. Play space: historical and socio-cultural reflections on drugs, licensed leisure locations, commercialisation and control. The **International Journal of Drug Policy**, Amsterdam, v. 15, n. 5-6, p. 337-345, 2004a. DOI: 10.1016/j.drugpo.2004.08.002.

MEASHAM, Fiona. The decline of ecstasy, the rise of “binge” drinking and the persistence of pleasure. **Probation Journal**, United Kingdom, v. 51, n. 4, p. 309-326, 2004b. DOI: 10.1177/0264550504048220.

MEASHAM, Fiona. The new policy mix: Alcohol, harm minimisation, and determined drunkenness in contemporary society. The **International Journal of Drug Policy**, Amsterdam, v. 17, n. 4, p. 258-268, 2006. DOI: 10.1016/j.drugpo.2006.02.013.

MEASHAM, Fiona. The turning tides of intoxication: young people’s drinking in Britain in the 2000s. **Health Education**, United Kingdom, v. 108, n. 3, p. 207-222, 2008. doi: 10.1108/09654280810867088.

MEASHAM, Fiona; BRAIN, Kevin. “Binge” drinking, British alcohol policy and the new culture of intoxication. **Crime, Media, Culture: An International Journal**, United States, v. 1, n. 3, p. 262-283, 2005. DOI: 10.1177/1741659005057641.

MEASHAM, Fiona; MOORE, Karenza. Repertoires of distinction: exploring patterns of weekend polydrug use within local leisure scenes across the English night time economy. **Criminology & Criminal Justice**, United Kingdom, v. 9, n. 4, p. 437-464, 2009. DOI: 10.1177/1748895809343406.

MEASHAM, Fiona; ØSTERGAARD, Jeanette. The phenomenon of youth drinking. *In*: SAUNDERNS, J. P.; REY, J. M. (org.). **Young people and alcohol**. Chichester: John Wiley, 2011. p. 1-17.

MEASHAM, Fiona; ØSTERGAARD, Jeanette. The public face of binge drinking: British and Danish young women, recent trends in alcohol consumption and the European binge drinking debate. **Probation Journal**, United Kingdom, v. 56, n. 4, p. 415-434, 2009. DOI: 10.1177/0264550509346526.

MEASHAM, Fiona; SHINER, Michael. The legacy of “normalization”: the role of classical and contemporary criminological theory in understanding young people’s drug use. **The International Journal on Drug Policy**, Amsterdam, v. 20, n. 6, p. 502-508, 2009. DOI: 10.1016/j.drugpo.2009.02.001.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Diesporte**: diagnóstico nacional do esporte. O perfil do sujeito praticante ou não de esportes e atividades físicas da população brasileira. Brasília, DF: Ministério do Esporte, 2016 (Caderno 2). Disponível em: http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_revista_2016.pdf. Acesso em: 17 jul. 2017.

MOORE, David. Beyond disorder, danger, incompetence and ignorance: Rethinking the youthful subject of alcohol and other drug policy. **Contemporary Drug Problems**, Australia, v. 37, n. 3, p. 475-498, 2010.

MORENO, C.; MUÑOZ, M. V.; PÉREZ, P. Hábitos de vida y empleo del tiempo libre en adolescentes y jóvenes sevillanos. In: DELEGACIÓN DE EDUCACIÓN Y UNIVERSIDADES DEL AYUNTAMIENTO DE SEVILLA (ed.). **Educación y ciudadanía**. Sevilla: Servicio de Publicaciones del Ayuntamiento de Sevilla, 2004. p. 53-66.

MUNNÉ, Frederic. **Psicossociología del tiempo libre:** un enfoque crítico. México: Trillas, 1980.

MUNNÉ, Frederic; CODINA, Nuria. Psicología social del ocio y el tiempo libre. *In*: ESTRAMIANA, J. L. A.; LUQUE, A. G.; TORREGROSA, J. R. (org.). **Psicología social aplicada**. Madrid: McGraw-Hill Interamericana de España, 1999. p. 429-450.

ØSTERGAARD, Jeanette. Mind the gender gap!: when boys and girls get drunk at a party. **Nordic Studies on Alcohol and Drugs**, United Kingdom, v. 24, n. 2, p. 127-148, 2007.

PALLARÉS, Joan; FEIXA, Carles. Espacios e itinerarios para el ocio nocturno juvenil. **Revista de Estudios de Juventud**, España, v. 50, p. 23-41, 2000.

PARENTE, Ezequiel Aguiar et al. Alcohol use among medical students: a possible risk for future doctors? **Journal of Health & Biological Sciences**, Fortaleza, v. 5, n. 4, p. 311-319, 2017.

PARKER, Howard J. et al. Illegal leisure: the normalization of adolescent recreational drug use. **Health Education Research**, Atlanta, v. 14, n. 5, p. 707-708, 1999.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. Levantamento do estado da arte nos estudos do lazer: (Brasil) séculos XX e XXI – alguns apontamentos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 561-586, maio/ago. 2007.

PÉREZ-MILENA, Alejandro; REDONDO-OLMEDILLA, Manuel de Dios; MARTÍNEZ-FERNÁNDEZ, María Luz; JIMÉNEZ-PULIDO, Idoia; MESA-GALLARDO, Inmaculada; LEAL-HELMLING, Francisco Javier. Cambios en el consumo alcohólico de riesgo en población adolescente en la última década (2004-2013): una aproximación cuanti-cualitativa. **Atención Primaria**, Barcelona, v. 49, n. 9, p. 525-533, 2017. DOI: 10.1016/j.aprim.2016.11.014.

PEREIRA, Denis Soprani; SOUZA, Renata Santos de; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de substâncias psicoativas entre universitários de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 188-195, 2008. DOI: 10.1590/S0047-20852008000300006.

PORTUGAL, Flávia Batista; SOUZA, Renata Santos de; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de drogas por estudantes de farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 127-132, 2008. DOI: 10.1590/S0047-20852008000200008.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. São Paulo: SENAC, 2011.

PROST, Antoine ; VINCENT, Gérard. **Historia de la vida privada:** da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard (posfácio). São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

ROBINSON, Cara. "Nightscapes and leisure spaces": an ethnographic study of young people's use of free space. **Journal of Youth Studies**, United Kingdom, v. 12, n. 5, p. 501-514, 2009.

RODRÍGUEZ SUÁREZ, Julio; AGULLÓ TOMÁS, Esteban; AGULLÓ TOMÁS, María Silveria. Jóvenes, fin de semana y uso recreativo de drogas: evolución y tendencias del ocio juvenil. **Adicciones**, Barcelona, v. 15, n. 5, p. 7, 2003. DOI: 10.20882/adicciones.451.

ROJEK, Chris. **Decentring leisure:** rethinking leisure theory. United States: Sage, 1995.

ROJEK, Chris. **Leisure and culture**. Amsterdam: Springer, 1999.

ROMERA, Liana Abrão. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. 135p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ROMERA, Liana Abrão. Lazer e festas: estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. **Cadernos de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 22, especial, p. 95-102, 2014. DOI: 10.4322/cto.2014.033.

ROMERA, Liana Abrão; MARTINS, Raul Aragão; FREITAS, Heloisa Heringer; TINOCO, Derick dos Santos; RONDINA, Regina Cassia. Tempo livre e uso de álcool e outras drogas: estudo comparativo entre estudantes universitários do Brasil e Portugal. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 765-776, 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/81951/50393. Acesso em: 19 jul. 2019.

ROSA, Maria Cristina; SILVA, Marcone Rodrigues. Esfera da obrigação: em destaque a família/filhos, compromissos religiosos e compromissos políticos/sociais. *In*: STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 65-80.

ROOM, Robin et al. Times to drink: cross-cultural variations in drinking in the rhythm of the week. **International Journal of Public Health**, Amsterdam, v. 57, n. 1, p. 107-117, 2012.

SAN SALVADOR, Roberto. La aceleración del tiempo y el fenómeno del ocio. **El tiempo del ocio:** transformaciones y riesgos en la sociedad apresurada. Bilbao: Universidad de Deusto, 2009. p. 23-42.

SANDERS, Bill. In the club: ecstasy use and supply in a London Nightclub. **Sociology**, United Kingdom, v. 39, n. 2, p. 241-258, 2005. DOI: 10.1177/0038038505050537.

SANTOS, Marcos Vinícius Ferreira dos; PEREIRA, Denis Soprani; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de álcool e tabaco entre estudantes de psicologia da Universidade Federal do

Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 22-30, 2013. DOI: 10.1590/S0047-20852013000100004.

SCHNITZER, Susanne; BELLIS, Mark A.; ANDERSON, Zara; HUGHES, Karen; CALAFAT, Amador; JUAN, Montse; KOKKEVI, Anna. Nightlife violence: a gender-specific view on risk factors for violence in nightlife settings: a cross-sectional study in nine European countries. **Journal of Interpersonal Violence**, United States, v. 25, n. 6, p. 1.094-1.112, 2010. DOI: 10.1177/0886260509340549.

SCHWARTZ, Gisele Maria. **O conteúdo virtual**: contemporizando Dumazedier. **LICERE – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 23-31, 2003.

SENNET, Richard. **Carne e pedra**: o corpo na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHINEW, Kimberly J.; PARRY, Diana C. Examining college students' participation in the leisure pursuits of drinking and illegal drug use. **Journal of Leisure Research**, United Kingdom, v. 37, n. 3, p. 364-386, 2005. DOI: 10.1080/00222216.2005.11950058.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 11-25.

SOUSA, Ioranny Raquel; MAZZOCCANTE, Rafaello Pinheiro; MELO, Gislane Ferreira de; SILVA, Junior Vagner; SAMPAIO, Tânia Vieira. A experiência de lazer de estudantes do curso de licenciatura em educação física de uma instituição de ensino superior do Distrito Federal. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 156-169, 2014. DOI:10.5216/rpp.v17i1.20593.

STEBBINS, Robert A. Casual leisure: a conceptual statement. **Leisure Studies**, United Kingdom, v. 16, n. 1, p. 17-25, 1997. DOI: 10.1080/026143697375485.

STEBBINS, Robert A. Serious leisure: a conceptual statement. **Pacific Sociological Review**, Oakland, CA, v. 25, n. 2, p. 251-272, 1982.

STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil:** representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores Associados, 2017.

SZMIGIN, Isabelle; GRIFFIN, Christine; MISTRAL, Willm; BENGRY-HOWELL, Andrew; WEALE, Louise; HACKLEY, Chris. Re-framing "binge drinking" as calculated hedonism: empirical evidence from the UK. **The International Journal on Drug Policy**, Amsterdam, v. 19, n. 5, p. 359-366, 2008. DOI: 10.1016/j.drugpo.2007.08.009.

TEIXEIRA, Renata Frossard; SOUZA, Renata Santos; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 655-662, 2010.

THOMPSON, Edward P. Time, work-discipline, and industrial capitalism. **Past & Present**, Oxford, n. 38, p. 56-97, 1967.

TRENO, Andrew J.; ALANIZ, Maria L.; GRUENEWALD, Paul J. The use of drinking places by gender, age and ethnic groups: an analysis of routine drinking activities. **Addiction**, Oxford, v. 95, n. 4, p. 537-551, 2000. DOI: 10.1046/j.1360-0443.2000.9545376.x.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, Tim. Disneyization: A framework for understanding illicit drug use in bounded play spaces. **The International Journal on Drug Policy**, Amsterdam, v. 58, p. 37-45, 2018. DOI: 10.1016/j.drugpo.2018.04.018.

VAN HAVERE, Tina; VANDERPLASSCHEN, Wouter; LAMMERTYN, Jan; BROEKAERT, Eric; BELLIS, Mark. Drug use and nightlife: more than just dance music. **Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy**, London, v. 6, p. 18, 2011. DOI:10.1186/1747-597X-6-18.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa:** um estudo econômico das instituições. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

WERNECK, C. L. G. A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12., 2000, Balneário Camboriú. **Coletânea...** Balneário Camboriú: Roca; Universidade do Vale do Itajaí, 2000. p. 77-88.

WILLIAMS, D. J. Deviant leisure: rethinking “The Good, the Bad, and the Ugly”. **Leisure Sciences**, United Kingdom, v. 31, n. 2, p. 207-213, 2009. DOI: 10.1080/01490400802686110.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Life skills education in schools**. Geneva: WHO, 1997.

APÊNDICE A – TABELAS ANEXAS DE ANÁLISE DOS DADOS

Tabela A.1. Tempo disponível para o lazer, de acordo com o sexo

		Ocupação do jovem universitário											
		Estudando				Estudando e trabalhando				Não respondeu			
		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tem tempo suficiente para o lazer na semana	Sim	31	50	16	44,4	14	21,5	4	7,5	0	0	0	0
	Não	31	50	20	55,6	51	78,5	49	92,5	0	0	1	100

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.2. Interesses físico-esportivos de lazer, de acordo com o sexo

Interesses físico-esportivos		Homens		Mulheres		Total	
		N	%	N	%	N	%
Praticar esportes*	Não resposta	2	1,6	3	3,3	5	2,3
	Gosto	21	16,5	10	11,1	31	14,3
	Pratico	18	14,2	18	20	36	16,6
	Gostaria de praticar	5	3,9	15	16,7	20	9,2
	Não gosto	71	55,9	34	37,8	105	48,4
	Gosto/pratico	10	7,9	9	10	19	8,8
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	1	1,1	1	0,5
Assistir a competições esportivas*	Não resposta	2	1,6	–	–	2	0,9
	Gosto	22	17,3	27	30	49	22,6
	Pratico	20	15,7	7	7,8	27	12,4
	Gostaria de praticar	6	4,7	13	14,4	19	8,8
	Não gosto	71	55,9	38	42,2	109	50,2
	Gosto/pratico	6	4,7	4	4,4	10	4,6
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	1	1,1	1	0,5

* $p<0,05$.
Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.3. Interesses sociais de lazer, de acordo com o sexo

Interesses sociais de lazer		Homens		Mulheres		Total	
		N	%	N	%	N	%
Beber/sair para beber	Gosto	19	15,1	6	6,7	25	11,6
	Pratico	17	13,5	12	13,3	29	13,4
	Gostaria de praticar	4	3,2	3	3,3	7	3,2
	Não gosto	82	65,1	68	75,6	150	69,4
	Gosto/pratico	4	3,2	1	1,1	5	2,3
Ir a boates	Gosto	12	9,4	11	12,2	23	10,6
	Pratico	12	9,4	7	7,8	19	8,8
	Gostaria de praticar	15	11,8	10	11,1	25	11,5
	Não gosto	84	66,1	56	62,2	140	64,5
	Gosto/pratico	4	3,1	6	6,7	10	4,6
Sair/reunir-se com amigos	Gosto	27	21,4	11	12,2	38	17,6
	Pratico	24	19,0	24	26,7	48	22,2
	Gostaria de praticar	7	5,6	5	5,6	12	5,6
	Não gosto	64	50,8	47	52,2	111	51,4
	Gosto/pratico	4	3,2	3	3,3	7	3,2
Ir à república de estudantes	Gosto	4	3,1	3	3,3	7	3,2
	Pratico	7	5,5	6	6,7	13	6
	Gostaria de praticar	26	20,5	10	11,1	36	16,6
	Não gosto	88	69,3	69	76,7	157	72,4
	Gosto/pratico	2	1,6	2	2,2	4	1,8

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.4. Interesses intelectuias de lazer, de acordo com o sexo

Interesses intelectuais de lazer		Homens		Mulheres		Total	
		N	%	N	%	N	%
Assistir a conferências/colóquios	Não resposta	–	–	–	–	–	–
	Gosto	3	2,4	5	5,6	8	3,7
	Pratico	5	3,9	3	3,3	8	3,7
	Gostaria de praticar	33	26	27	30	60	27,6
	Não gosto	81	63,8	53	58,9	134	61,8
	Gosto/pratico	5	3,9	2	2,2	7	3,2
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	–	–	–	–
Ler livros	Não resposta	1	0,8	–	–	1	0,5
	Gosto	15	11,8	16	17,8	31	14,3
	Pratico	17	13,4	12	13,3	29	13,4
	Gostaria de praticar	27	21,3	20	22,2	47	21,7
	Não gosto	57	44,9	34	37,8	91	41,9
	Gosto/pratico	10	7,9	6	6,7	16	7,4
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	2	2,2	2	0,9
Ler jornais	Não resposta	1	0,8	–	–	1	0,5
	Gosto	22	17,3	13	14,4	35	16,1
	Pratico	13	10,2	11	12%	24	11,1
	Gostaria de praticar	19	15	19	21,1	38	17,5
	Não gosto	67	52,8	45	37,8	112	51,6
	Gosto/pratico	5	3,9	2	2,2	7	3,2
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	–	–	–	–
Ler revistas	Não resposta	–	–	–	–	–	–
	Gosto	15	11,8	13	14,4	28	12,9
	Pratico	6	4,7	6	6,7	12	5,5
	Gostaria de praticar	23	18,1	22	24,4	45	20,7
	Não gosto	80	63	49	11,1	129	59,4
	Gosto/pratico	3	2,4	–	–	3	1,4
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	–	–	–	–

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.5. Interesses artísticos/culturais de lazer, de acordo com o sexo

Interesses artísticos/culturais de lazer		Homens		Mulheres		Total	
		N	**%**	N	**%**	N	**%**
Ir ao cinema	Não resposta	3	2,4	–	0	3	1,4
	Gosto	31	24,4	23	25,6	54	24,9
	Pratico	12	9,4	20	22,2	32	14,7
	Gostaria de praticar	12	9,4	9	10	21	9,7
	Não gosto	59	46,5	34	37,8	93	42,9
	Gosto/pratico	10	7,9	4	4,4	14	6,5
	Gosto/Gostaria de praticar	–	0	–	0	0	0
Ir ao teatro	Não resposta	1	0,8	–	0	1	0,5
	Gosto	16	12,6	14	15,6	30	13,8
	Pratico	2	1,6	4	4,4	6	2,8
	Gostaria de praticar	45	35,4	40	44,4	85	39,2
	Não gosto	45	35,4	22	24,4	67	30,9
	Gosto/pratico	17	13,4	10	11,1	27	12,4
	Gosto/Gostaria de praticar	1	0,8	–	0	1	0,5
Ir a concertos/*shows*	Não resposta	1	0,8	–	0	1	0,5
	Gosto	18	14,2	16	17,8	34	15,7
	Pratico	11	8,7	9	10	20	9,2
	Gostaria de praticar	31	24,4	36	40	67	30,9
	Não gosto	51	40,2	22	24,4	73	33,6
	Gosto/pratico	15	11,8	7	7,8	22	10,1
	Gosto/Gostaria de praticar	–	0	–	0	–	0
Ouvir música	Não resposta	1	0,8	–	0	1	0,5
	Gosto	20	15,7	12	13,3	32	14,7
	Pratico	25	19,7	27	30	52	24
	Gostaria de praticar	1	0,8	1	1,1	2	0,9
	Não gosto	79	62,2	49	54,4	128	59
	Gosto/pratico	1	0,8	–	0	1	0,5
	Gosto/Gostaria de praticar	–	0	1	1,1	1	0,5

Continua...

Continuação

Interesses artísticos/culturais de lazer		Homens		Mulheres		Total	
		N	%	N	%	N	%
Ir a museus/exposições*	Não resposta	–	0	–	0	–	0
	Gosto	9	7,1	12	13,3	21	9,7
	Pratico	3	2,4	2	2,2	5	2,3
	Gostaria de praticar	38	29,9	41	45,6	79	36,4
	Não gosto	60	47,2	28	31,1	88	40,6
	Gosto/pratico	17	13,4	7	7,8	24	11,1
	Gosto/Gostaria de praticar	–	0	–	0	–	0
Assistir televisão	Não resposta	1	0,8	–	0	1	0,5
	Gosto	22	17,3	20	22,2	42	19,4
	Pratico	21	16,5	16	17,8	37	17,1
	Gostaria de praticar	6	4,7	4	4,4	10	4,6
	Não gosto	75	59,1	49	54,4	124	57,1
	Gosto/pratico	1	0,8	1	1,1	2	0,9
	Gosto/Gostaria de praticar	1	0,8	–	0	1	0,5
Ouvir rádio	Não resposta	–	0	–	0	–	0,0
	Gosto	17	13,4	15	16,7	32	14,7
	Pratico	13	10,2	9	10	22	10,1
	Gostaria de praticar	13	10,2	4	4,4	17	7,8
	Não gosto	83	65,4	61	67,8	144	66,4
	Gosto/pratico	–	0	1	1,1	1	0,5
	Gosto/Gostaria de praticar	1	0,8	0	0	1	0,5

* $p<0,05$.
Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.6. Interesses turísticos de lazer, de acordo com o sexo

Interesses turísticos de lazer		Homens		Mulheres		Total	
		N	%	N	%	N	%
Viajar	Não resposta						
	Gosto	31	24,4	19	21,1	50	23
	Pratico	7	5,5	9	10	16	7,8
	Gostaria de praticar	35	27,6	30	33,3	65	33,3
	Não gosto	29	22,8	19	21,1	48	22,1
	Gosto/pratico	25	19,7	13	14,4	38	17,1
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	–	–	–	–
Participar de excursões	Não resposta	–	–	–	–	–	–
	Gosto	20	15,7	13	14,4	33	15,2
	Pratico	6	4,7	2	2,2	8	3,5
	Gostaria de praticar	41	32,3	37	41,1	78	36,7
	Não gosto	46	36,2	25	27,8	71	32
	Gosto/pratico	14	11	13	14,4	27	12,7
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	–	–	–	–

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.7. Interesses virtuais de lazer, de acordo com o sexo

Interesses virtuais de lazer		Homens		Mulheres		Total	
		N	%	N	%	N	%
Usar mídia social	Não resposta	–	0	–	0	–	0
	Gosto	23	18,1	8	8,9	31	14,3
	Pratico	23	18,1	28	31,1	51	23,5
	Gostaria de praticar	1	0,8	–	0	1	0,4
	Não gosto	79	62,2	51	56,7	130	59,9
	Gosto/pratico	1	0,8	1	1,1	2	0,9
	Gosto/Gostaria de praticar	–	0	2	2,2	2	0,9
Jogar videogame	Não resposta	1	0,8	1	1,1	2	0,9
	Gosto	22	17,3	12	13,3	34	15,7
	Pratico	13	10,2	9	10	22	10,1
	Gostaria de praticar	16	12,6	10	11,1	26	12
	Não gosto	71	55,9	54	60	125	57,6
	Gosto/pratico	4	3,1	4	4,4	8	3,7
	Gosto/Gostaria de praticar	–	0	–	0	–	0

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.8. Interesses de descanso/fazer nada, de acordo com o sexo

Interesse de descanso no lazer		Homens		Mulheres		Total	
		N	%	N	%	N	%
Descansar/ fazer nada	Não resposta	1	0,8	2	2,2	3	1,4
	Gosto	22	17,3	11	12,2	33	15,2
	Pratico	15	11,8	19	21,1	34	15,7
	Gostaria de praticar	17	13,4	9	10,0	26	12
	Não gosto	64	50,4	40	44,4	104	47,9
	Gosto/pratico	8	6,3	8	8,9	16	7,4
	Gosto/Gostaria de praticar	–	–	1	1,1	1	0,5

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela. A.9. Itinerários noturnos de lazer, de acordo com o sexo

Itinerários noturnos de lazer	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Somente no meu bairro	11	8,7	5	5,6	16	7,4
Sempre para a mesma área da cidade (que não é no meu bairro)	24	18,9	17	18,9	41	18,9
Sempre na minha cidade, mas mudo de área	24	18,9	22	24,4	46	21,2
Normalmente na minha cidade, mas alguns dias do fim de semana vou a outras cidades com meu grupo de amigos	40	31,5	21	23,3	61	28,1
Normalmente na minha cidade, mas alguns dias vou a outras cidades me encontrar com outros amigos (não do meu grupo)	15	11,8	11	12,2	26	12,0
Sempre ou quase sempre estou fora da minha cidade	8	6,3	11	12,2	19	8,8
Não respondeu	5	3,9	3	3,3	8	3,7

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.10. Saídas dos fins de semana, de acordo com o sexo

Você sai sexta-feira e sábado?	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Sim	72	56,7	36	40	108	49,8
Não	55	43,3	54	60	109	50,2

* p<0,05.
Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.11. Padrão de uso em *binge drinking* em relação aos espaços de lazer noturno

Espaços de lazer noturno	Ir a bares e *pubs*		Beber em ruas e praças	
	N	%	N	%
1 a 4 doses	54	49,5	26	39,4
5 ou mais doses	55	50,5	40	60,6

* p<0,05.
Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

Tabela A.12. Policonsumo de drogas entre a população universitária

		Usa drogas ilícitas?			
		Sim		Não	
		N	%	N	%
Consume bebidas alcoólicas?	Sim	39	92,9	98	57,6
	Não	3	7,1	72	42,4

Fonte: Banco de dados da pesquisa.
Elaboração própria.

APÊNDICE B – ORGANIZAÇÃO DO BANCO DE DADOS

B.1. Interesses culturais de lazer

Alguns esclarecimentos devem ser feitos em relação ao tratamento de dados sobre os interesses de lazer da população pesquisada. Para entender essas escolhas da nossa amostra, apresentamos uma lista de 22 opções de atividades que permitiam três respostas “Gosto”, “Pratico”, “Gostaria de praticar”

- Alguns participantes assinalaram as três opções “gosto”, “pratico”, “gostaria de praticar” para a mesma atividade. Percebendo a impossibilidade dessas três opções se apresentarem justas, invalidamos tais respostas apresentando-as como *não resposta*.
- As respontas vazias, ou seja, que não apresentavam a marcação de qualquer uma das opções, atribuímos como “não gosto”. Essa decisão foi tomada pela pesquisadora ao inciar a fase de coletas de dados, já que não apareceram previamente na fase-piloto da pesquisa para o refinamento do questionário.
- Alguns participantes expuseram atividades que não foram indicadas nas questões sobre ocupação de lazer anteriores. Dessa forma, optamos por mostrar esses dados como 0 (zero) que indica uma não resposta, diferente das células em branco ou vazias, as quais não foi preenchida com nenhuma informação.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO À POPULAÇÃO

ESTUDO DA REALIDADE DE LAZER DAS JUVENTUDES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Este questionário, anônimo e confidencial, pretende conhecer a realidade social e pessoal de lazer das juventudes do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. A sua colaboração é importante para o desenvolvimento deste trabalho, por isso pedirmos alguns minutos do seu tempo e que você responda com sinceridade a todas as perguntas.

* Required

CEFD UFES

ANDALUZ

DADOS GERAIS

1. **1. Sexo:** *

2. **2. Idade** *

3. **3. Qual cidade vive?**

4. **4. Com quem mora?**
   Mark only one oval.

   - ◯ Moro com meus pais
   - ◯ Compartilho domicílio com outras pessoas
   - ◯ Moro sozinho(a)
   - ◯ Outros

5. **5. Estado civil**
   Mark only one oval.

   - ◯ Solteiro(a)
   - ◯ Namorando
   - ◯ Casado(a)
   - ◯ Vivendo com parceiro(a)
   - ◯ Viúvo(a)
   - ◯ Divorciado(a)/Separado(a)

6. **6. Qual a sua situação atual?**
   Mark only one oval.

   - ◯ Estou estudando
   - ◯ Estudo e trabalho

7. **7. Quanto dinheiro você tem disponível para seu lazer por mês?**

TEMPO LIVRE DISPONÍVEL PARA O LAZER

8. **1. No total, quantas horas livres você tem para seu lazer ou diversão nos dias da semana? (segunda-feira a sexta-feira)**

9. **2. Este tempo é suficiente?**
   Mark only one oval.

   - ◯ Sim
   - ◯ Não

10. **3. No total, quantas horas livres você tem para seu lazer ou diversão durante os fins de semana?**

11. **4. Este tempo é suficiente?**
    Mark only one oval.

    - ◯ Sim
    - ◯ Não

PREFERÊNCIAS E ESPAÇOS DE LAZER

12. **1. Das atividades de lazer listadas, aponte quais você gosta, se as pratica e se não, nos diga se gostaria de praticar**
Check all that apply.

	Gosto	Pratico	Gostaria de praticar
Beber/sair para beber	☐	☐	☐
Ir a boates	☐	☐	☐
Sair ou se reunir com amigos	☐	☐	☐
Viajar	☐	☐	☐
Ir ao cinema	☐	☐	☐
Ir ao teatro	☐	☐	☐
Ir a concertos/shows	☐	☐	☐
Escutar música	☐	☐	☐
Ir a museus, exposições	☐	☐	☐
Assistir a conferências, colóquios	☐	☐	☐
Ler livros	☐	☐	☐
Ler jornais	☐	☐	☐
Ler revistas	☐	☐	☐
Praticar esportes	☐	☐	☐
Assistir competições esportivas	☐	☐	☐
Participar de excursões	☐	☐	☐
Assistir televisão	☐	☐	☐
Ouvir radio	☐	☐	☐
Descansar, não fazer nada	☐	☐	☐
Ir a república de estudantes	☐	☐	☐
Usar o computador e celular (Youtube, redes sociais…)	☐	☐	☐
Jogar videogames, jogar no computador, etc.	☐	☐	☐

13. **2. Das atividades que marcou que pratica na questão anterior, escreva a que mais gosta:**

14. **3. Com quem geralmente pratica esta atividade?**
Mark only one oval.

- ◯ Amigos
- ◯ Família
- ◯ Parceiro(a)
- ◯ Sozinho(a)
- ◯ outros

15. **4. Se assinalou mais de uma atividade que gostaria de praticar, escolha e escreva somente uma delas:**

16. **5. Por qual motivo não pratica? (Escolha somente uma alternativa)**
Mark only one oval.

- Falta de tempo
- Falta de dinheiro
- Não tenho como praticar
- Não há lugar para praticar
- Falta de decisão, preguiça
- Não sou autorizado à praticar
- Horários incompatíveis
- Dificuldade de transporte

17. **6. Com que frequência compartilha seu tempo de lazer com as seguintes companhias?** *
Mark only one oval per row.

	Diariamente	Varias vezes por semana	Uma vez por semana	Uma vez ao mês	Raramente	Nunca
Família						
Amigos						
Parceiros						
Outros						

ESPAÇOS QUE FREQUENTA

Nos diga qual dos seguintes espaços você utiliza durante suas atividades de lazer. (MARCAR QUANTOS DESEJAR)

18. **Espaços ao ar livre**
Check all that apply.

- [ ] Parques
- [ ] Praias
- [ ] Espaços para beber nas ruas e praças
- [ ] Espaços esportivos ao ar livre
- [ ] Não frequento nenhum dos espaços citados
- [ ] Outros

19. **Espaços públicos fechados**
Check all that apply.

- [ ] Teatros
- [ ] Museus
- [ ] Salas de exposicões
- [ ] Complexos poliesportivos
- [ ] Não frequento nenhum dos espaços citados
- [ ] Outros

20. **Espaços privados**
Check all that apply.

- [ ] Centros Comerciais (Shopping Centers)
- [ ] Cinemas
- [ ] Galerias de arte
- [ ] Bares
- [ ] Boates
- [ ] Não frequento nenhum dos espaços citados
- [ ] Outros

21. **Espaços particulares**
Check all that apply.

- [ ] Repúblicas de estudantes
- [ ] Local própio
- [ ] Casa de amigos
- [ ] Não frequento nenhum dos espaços citados
- [ ] Outros

22. **Você utiliza algum outro espaço? Qual/Quais?**

_____

_____

_____

_____

_____

LAZER NOTURNO

23. **1. Agora vamos falar de lazer noturno. Gostaríamos de saber o que você espera deste lazer. (Escolha somente uma opção)** *
Mark only one oval.

- ◯ É sensação de fazer algo diferente, não rotineiro.
- ◯ É o momento dos jovens, é para as pessoas jovens.
- ◯ Na noite você se libera mais, desinibe-se.
- ◯ É uma sensação de liberdade, sem controle.
- ◯ É a mesma coisa que sair de dia.
- ◯ A noite acrescenta charme ao que você faz.

24. **2. Com que frequência sai à noite nos fins de semana em um mês normal? (Excluir período de férias)**
Mark only one oval.

- ◯ Um fim de semana
- ◯ Dois fins de semana
- ◯ Três fins de semana
- ◯ Todos os fins de semana

25. **3. Normalmente você sai na sexta e no sábado?**
Mark only one oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não

26. **4. Que horas sai à noite normalmente?**

_____

Example: 8:30 AM

27. **4. E que horas geralmente volta para casa?**
Mark only one oval.

- ◯ Antes de 12h (meia noite)
- ◯ Entre 12h e 1h da manhã
- ◯ Entre 1h e 2h da manhã
- ◯ Entre 2h e 3h da manhã
- ◯ Entre 3h e 4h da manhã
- ◯ Entre 4h e 5h da manhã
- ◯ Entre 5h e 6h da manhã
- ◯ Não volto até a manhã seguinte

28. **6. Atividades durante o lazer noturno**
Check all that apply.

	Faço/Pratico
Ir ao cinema	☐
Ir a restaurantes	☐
Ir a bares, cafeterías, pubs	☐
Ir a boates	☐
Ir ao teatro	☐
Ir a concertos/shows	☐
Sair para beber na rua	☐
Praticar algum esporte/ realizar alguma atividade física	☐
Passear	☐
Ir à casa de algum amigo	☐
Ir a repúblicas de estudantes	☐

29. **7. Se não realiza nenhuma destas atividades, o que você geralmente faz?**

_____

_____

_____

_____

_____

30. **8. Onde você sai normalmente com seu grupo de amigos?**
Mark only one oval.

- ◯ Somente no meu bairro.
- ◯ Sempre para a mesma área da cidade (que não é no meu bairro).
- ◯ Sempre na minha cidade, mas mudo de área.
- ◯ Normalmente na minha cidade, mas alguns dias do fim de semana vou a outras cidades com meu grupo de amigos.
- ◯ Normalmente na minha cidade, mas alguns dias vou a outras cidades e me encontro com amigos que não são do meu grupo fixo de amigos.
- ◯ Sempre ou quase sempre estou fora da minha cidade.

31. **9. Quanto dinheiro em média você gasta durante suas saídas nas noites da semana? (Segunda - Quinta)** *

32. **10. Quanto dinheiro em média você gasta durante suas saídas nas noites do fim semana? (Sexta - Domingo)** *

CONSUMOS NO LAZER NOTURNO

33. **1. Você normalmente consome bebidas alcóolicas durante suas saídas à noite?**
Mark only one oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não (pular para o item 6)

34. **2. Com que frequência consome bebidas alcóolicas?**
Mark only one oval.

- ◯ Somente aos fins de semana
- ◯ Fins de semana e durante a semana

35. **3. Ainda em relação à pergunta anterior, mais especificamente com que frequência consume bebidas alcóolicas?**
Mark only one oval.

- ◯ Todos os dias
- ◯ Todos os fins de semana
- ◯ Quase todos os fins de semana
- ◯ Uma vez ao mês
- ◯ Raramente

36. **4. Quando bebe, quantas bebidas contendo álcool consome num dia normal? (Um copo/ uma dose corresponde à 1 bebida)**
Mark only one oval.

- ◯ 1 ou 2
- ◯ 3 ou 4
- ◯ 5 ou 6
- ◯ de 7 a 9
- ◯ 10 ou mais

37. **5. Você acha que tem informação suficiente sobre os efeitos do consumo de álcool?**
Mark only one oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não

38. **6. Você consome substâncias ilegais?**
Mark only one oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não (pular para a próxima seção)

39. **7. Pode nos falar qual/quais substância(s)?**
Check all that apply.

- ☐ Maconha
- ☐ Cocaína
- ☐ Lança Perfume
- ☐ Ecstasy (MDMA)/Anfetaminas (SPEED)
- ☐ Crack
- ☐ Outras

40. **8. Se assinalou "outras" na pergunta anterior, escreva quais:**

_____

_____

_____

_____

_____

41. **9. Com que frequência você consome estas(s) substância(s)?**
Mark only one oval.

- ◯ Somente aos fins de semana
- ◯ Fins de semana e durante a semana

42. **10. Ainda em relação à pergunta anterior, mais especificamente com que frequência consume esta(s) substância(s)?**
Mark only one oval.

- ◯ Todos os dias
- ◯ Todos os fins de semana
- ◯ Quase todos os fins de semana
- ◯ Uma vez ao mês

43. **12. Você acha que tem informação suficiente sobre os efeitos do consumo desta(s) substância(s)?**
Mark only one oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não

ALTERNATIVAS AO LAZER NOTURNO

44. **1. Você estaria disposto a substituir ou encurtar seu lazer noturno se tivesse uma programação que você gostasse na manhã seguinte ?**
Mark only one oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não

45. **2. Em caso afirmativo, qual seria está atividade, que tipo de atividade?**

_____

_____

_____

_____

_____

46. **3. Você acha que as ocasiões de lazer noturno dos jovens causam transtornos à comunidade?**
Mark only one oval.

- ◯ Sim
- ◯ Não

47. **4. Em caso afirmativo, você teria alguma solução?**

_____

_____

_____

_____

_____

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Profª. Dra Liana Romera
Heloisa Heringer Freitas

O Sr/ Srª está sendo convidado a fazer parte da Pesquisa intitulada **"Vivências do lazer noturno juvenil da Grande Vitória"**. Sua participação é voluntária, sendo realizada por meio de questionário. Esta pesquisa, coordenada pela Dra Liana Abrão Romera e a Mestranda Heloisa Heringer Freitas, tem por objetivo conhecer as vivências e ocupações de lazer noturno dos jovens graduandos em Educação Física na Universidade do Espírito Santo

O participante deste estudo não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração podendo buscar, a qualquer momento, junto ao Pesquisador Responsável, esclarecimentos quanto ao objetivo da pesquisa e/ou relativos ao método e/ou quaisquer outras dúvidas que surgirem durante as entrevistas. Eventuais gastos necessários para viabilizar a participação, sejam eles de transporte ou outros quaisquer, serão ressarcidos pelos coordenadores.

Os dados serão coletados por meio de questionário, registrados e posteriormente citados no corpo do trabalho científico, guardando-se total anonimato dos participantes. A aplicação do questionário ocorrerá em uma sala de aula do Centro de Educação Física/UFES, com a duração máxima de 1 horas. Nenhuma informação será gravada, para que se minimize as possibilidades de haver algum tipo de constrangimento dentro do grupo.

Caso concorde em participar do estudo a identidade e os dados coletados serão mantidos em sigilo, sendo os mesmos utilizados somente para o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados serão utilizados apenas para fins científicos mantendo-se a confiabilidade e a privacidade dos participantes.

Os participantes da pesquisa poderão, caso seja de sua vontade, se desligar do estudo em qualquer de suas fases. Embora mínimos, os riscos podem ser perspectivados como a possibilidade de uma avaliação e/ou exposição negativa das informações prestadas pelo informante, constrangimento por se tratar de um tema ainda considerado tabu em nossa sociedade, e, fadiga, pela duração do período de preenchimento do questionário. Para evitar os danos que tais riscos podem causar, possibilitaremos intervalos para água e acesso aos banheiros durante o preenchimento do questionário, garantiremos o anonimato dos participantes, bem como compartilharemos e validaremos todos os dados e análises com os participantes da pesquisa antes de publicá-los. Essas medidas visam minimizar o cansaço e garantem que o participante tenha clareza de que não serão realizadas exposições negativas das suas informações. Todavia, explicitamos a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, conforme Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde. Já os benefícios relacionados com a

sua participação estão relacionados à possibilidade da ampliação da produção teórica com possíveis reflexões no campo acadêmico, do lazer da saúde pública no que tange as vivências do lazer noturno entre os juvenis. Em caso de denúncias e/ ou intercorrências na pesquisa o participante poderá contatar o Comitê de Ética e Pesquisa da UFES por meio do telefone: (27) 3145-9820, pelo e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, através do endereço: Av. Fernando Ferrari, 514; Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Os dados desta pesquisa poderão beneficiar os participantes de forma indireta, uma vez que os resultados alcançados poderão fornecer dados para a implementação ou aprimoramento de futuras ações no campo do lazer e da saúde pública. Este documento será impresso em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo participante e pelo pesquisador, sendo que cada um receberá uma via. O participante poderá entrar em contato com os coordenadores da pesquisa quando houver qualquer dúvida ou julgar necessário algum esclarecimento.

Prof. Dra. Liana A Romera - Fone contato: (27) 99953-5334
Heloisa Heringer Freitas - Fone contato: (27) 98116-2320
Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Educação Física e Desportos –Grupo de Pesquisa Andaluz. Av. Fernando Ferrari, 514 Campus Universitário Goiabeiras Vitória – ES. Cep: 29075-810 Tel: / (27) 4009 2636

Pesquisador Responsável: Heloisa Heringer Freitas
Local e data: Vitória**,** .....
Assinatura:.....

Consentimento do participante

Eu, ... abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo "Vivências do lazer noturno juvenil da Grande Vitória", declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pelo Pesquisador Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.
Assinatura .....
Local e data .....

Obrigada pela sua atenção.